

**MEGAEVENTOS DESPORTIVOS  
COMO ELEMENTO DE METAMORFOSE URBANA 1960-2012**



**VICTOR SOBETCHI**

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura  
Sob orientação do Professor Doutor Joaquim de Almeida  
Departamento de Arquitectura, FCTUC, Fevereiro 2015



**MEGAEVENTOS DESPORTIVOS  
COMO ELEMENTO DE METAMORFOSE URBANA 1960-2012**



A presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico de 2009. As citações transcritas em português referentes a edições de língua inglesa foram sujeitas a uma tradução da responsabilidade do autor.



## **AGRADECIMENTOS**

A todos aqueles que me apoiaram e incentivaram a continuar para chegar ao início de um sonho. Ao professor Joaquim de Almeida pela orientação e troca de ideias ao longo da dissertação. A todos os professores, amigos, rajanos do 4º piso, aos atletas e direcção do polo aquático do CNAC. Quero agradecer a Antonio Caparelli, Cláudio Ramiro, Rui Agnelo, Lorenzo Pavez, Isa Esteves e Filipe Oliveira. Aos meus pais por me oferecerem esta oportunidade e tudo o que fizeram para chegar aqui. Quero agradecer ao meu irmão, aos meus tios e respectivos putos alemães. Aos meus avós, e principalmente ao meu avô paterno que é e será o meu ídolo para a minha vida.





## **RESUMO**

Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do mestrado integrado em Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, e apresenta como primeiro objectivo analisar a importância dos megaeventos no desenho e renovação do tecido urbano. Esta análise é feita com base no espaço-tempo determinado de 1960 a 2012, tendo como base de partida os Jogos Olímpicos de Roma e ponto de chegada a Londres 2012, especificando casos em que houve mudanças de paradigma e que funcionaram como âncoras ao longo da história. Apesar de nesta dissertação o principal objectivo centrar-se nos eventos desportivos, não deixaremos de parte os festivais, exposições e feiras, que ao longo da história deixaram marcas. Por último, como objectivo final, procuramos entender qual o impacto que estes megaeventos têm sobre o desenvolvimento de uma cidade e a sua sociedade e quais as estratégias adoptadas para o pós-evento.

Palavras-chave: zonas industriais em desuso, requalificação costeira, habitação, infra-estruturas, jogos olímpicos, sustentabilidade, vila olímpica.

## **ABSTRACT**

This work was developed under the integrated master's degree in architecture from the Faculty of Science and Technology, University of Coimbra, and has as its main objective to analyze the importance of mega-events in the design and urban renewal. This analysis is based on the given space-time from 1960 to 2012, taking as a basis the Olympic Games in Rome and a point of arrival in London in 2012, specifying cases that represent paradigmatic shifts and acted as anchors along the history. Although the main objective of this dissertation focus is on sporting events, we will not leave aside the festivals, exhibitions and fairs, which throughout history have left their mark. Finally, the ultimate aim, is to try to understand what impact these mega-events have on the development of a city and its society and what are the strategies adopted for the day-after.

Keywords: disused industrial areas, coastal restoration, housing, infrastructure, olympic games, sustainability, olympic village.



# SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b> .....	7
<b>Resumo</b> .....	9
<b>Abstract</b> .....	9
<b>Abreviaturas</b> .....	13
<b>Introdução</b> .....	15
<b>0.Análise histórica das olimpíadas e expos</b> .....	21
0.1 Raízes dos megaeventos .....	23
0.2 Desenvolvimentos conceptuais e programáticos .....	26
0.3 Visão contemporânea sobre estes eventos .....	33
<b>1. Segundo pós-guerra anos 60</b> .....	43
1.1 Contexto Racionalista, Neo-realista.....	45
1.2 Pré-jogos Década 40 .....	49
1.3 Zonas Olímpicas .....	51
1.3.1 Zona Olímpica Sul: EUR 42 .....	53
1.3.2 Zona Olímpica Norte: Foro Itálico e Vila Olímpica .....	53
1.3.2.3 Tipologias.....	61
1.4 Pós-evento.....	63
<b>2.A viragem dos anos 90</b> .....	69
2.1 Globalização e Pós-Modernismo .....	71
2.2.1 Cidade Pós-industrial Década 80 (urbano) .....	79
2.2.1 Princípios de planeamento .....	81
2.3 Zonas Olímpicas e Exposições .....	85
2.3.1 Zona Olímpica Diagonal .....	89
2.3.2 Zona Olímpica Montjuic .....	91
2.3.3 Zona Olímpica Vall d'Hebron .....	95
2.3.4 Zona Olímpica Poblenou.....	97
2.4 Pós-evento.....	101
<b>3.Novo Milénio</b> .....	107
3.1 “Capitalismo Natural” .....	109
3.2 Renascimento Urbano .....	113
3.2.1 Princípios de Planeamento, “Um planeta Olímpico” .....	115

3.3 Zonas Olímpicas .....	119
3.3.1 Zona Parque Olímpico .....	125
3.4 Legado .....	131
<b>Epílogo</b> .....	135
Referências bibliográficas.....	145
Fonte das imagens.....	149

## ABREVIATURAS

APAO, Associação para a Arquitectura Orgânica

BIE, Bureau International des Expositions

CIAM, Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna

COI, Comité Olímpico Internacional

CONI, Comitato Olimpico Nazionale Italiano

COR, Rome Olympic Construction

JJOO, Jogos Olímpicos

JOV, Jogos Olímpicos de Verão

JOVB, Jogos Olímpicos de Verão Barcelona

JOVL, Jogos Olímpicos de Verão Londres

JOVR, Jogos Olímpicos de Verão Roma

LOCOG, Organising Committee of the Olympic Games and Paralympic Games

LLDC, London Docklands Development Corporation

MIAR, Movimento Italiano de Arquitectura Racionalista

MBMP, Martorell, Bohigas, Mackay e Puigdomènech

ODA, Olympic Delivery Authority

OGGI, Olympic Games Global Impact

OPLC, Olympic Park Legacy Company

VO, Vila Olímpica

WWF, World Wide Fund for Nature



## **INTRODUÇÃO**

*Megaeventos como as Expos e os Jogos Olímpicos desempenharam um papel historicamente importante na construção do que designa de “cultura pública internacional. Inspirando-se na abordagem de Eric Hobsbawm (1983a) sobre o papel dos espectáculos de massas na construção das culturas nacionais e dos nacionalismos modernos.*

Claudino Cristóvão Ferreira, A expo'98 e os Imaginários do Portugal Contemporâneo, 2006



O objectivo desta tese é analisar e perceber como grandes eventos, com base em Jogos Olímpicos, conseguem transformar uma cidade. Através de casos específicos, analisarei as diversas causas e os seus efeitos em vários tempos: antes, durante e depois dos Jogos Olímpicos. Partindo de um estudo tipo-morfológico, pretende-se representar as diferentes situações urbanas geradas a partir destes eventos. Posteriormente é necessário perceber características, comuns/diversas, através de distintos pontos de vista, tais como centro/periferia, permanente/temporário, serviços/equipamentos, etc. Após esta profunda análise pretende-se organizar e verificar como estes empreendimentos evoluem e se existe uma aprendizagem a partir dos casos anteriores para os do futuro. Os megaeventos foram impulsionadores de progressos e competição. As exposições universais foram as primeiras a ganhar esse estatuto, com montras que apresentavam as novas tecnologias e vanguardas como expressa Marcel Galopin:

*“ (...)as exposições foram o grande vector da modernidade. Prontas a captar os avanços da indústria, elas desempenham, sem sobra de dúvida, um papel catalisador e contribuem para a difusão das técnicas, dos processos e dos produtos. A sua historiografia inclui exemplos célebres, tais como o telefone e as máquinas de escrever e de coser em 1876, o ascensor em 1878 ou o fonógrafo em 1889 (...) Pelas suas construções audaciosas, as exposições consagram a aliança entre o arquitecto e o engenheiro, que culminará, evidentemente, com a Torre Eiffel (...)”<sup>1</sup>*

Nos primórdios do século XX as Exposições tinham maior poder e expressão em relação aos Jogos Olímpicos, que estavam ou inseridos na cidade, como foi o caso de Atenas 1896 e 1906, ou inseridos nas instalações temporárias das prestigiadas Exposições Internacionais, como foi o caso de Paris 1900 e St. Louis 1904. Qualquer que fosse o impacto das Exposições, o impacto urbano das Olimpíadas era, por si só, insignificante. Ao longo de várias décadas os Jogos Olímpicos deixaram de ser simplesmente um evento desportivo supérfluo, desenvolvendo-se ao ponto de se tornar em catalisador de transformações urbanas e ferramenta para renovações urbanas. As Olimpíadas apresentam tanto oportunidades como riscos para as cidades. Certamente os jogos são vistos como uma oportunidade para os urbanistas e arquitectos colocarem em linha, planos de longo prazo que de outra forma ficariam arquivados ou demorariam muito mais tempo a serem realizados. Antes dos anos 60, tanto os jogos de Inverno como os de Verão eram eventos de escala relativamente pequena. Com os jogos olímpicos de Roma 1960, nota-se uma mudança da dimensão deste evento e um envolvimento de grandes transformações urbanas. Muitas cidades anfitriãs do evento, foram transformadas e ganharam um novo *status* global, outras ganharam “elefantes brancos”.<sup>2</sup>

Actualmente percebe-se a força englobante destes eventos, que culminam do mundo da cultura, desporto e mudanças urbanas. O que começou apenas como um festival de

---

<sup>1</sup> GALOPIN, Marcel, “As exposições internacionais do século XX e o BIE” p.12

<sup>2</sup> Animal sagrado protegido no Sudeste Asiático, cujo custo de manutenção e uso é desproporcional ao seu valor de utilidade.



desporto ou exposição tornou-se num elemento extraordinariamente importante na competição global, urbana e para as suas cidades anfitriãs, trazendo uma oportunidade única para atrair publicidade, investimento e modernização nas infra-estruturas, desde melhorias na habitação, transportes, vias, aeroportos, espaços verdes, redes de telecomunicações, sanitárias etc. Os Jogos Olímpicos mostram-se como oportunos para renovar a paisagem urbana, introduzindo novas possibilidades da vida contemporânea com preocupações ambientais e desportivas. O crescimento em tamanho e estatura, cada vez mais deixaram uma discernível marca física nas cidades-anfitriãs. A natureza e o grau de alterações daí resultantes têm, claro, sido variáveis. No entanto, de maneiras e em momentos diferentes, a sua assinatura fez uma marca duradoura bem além dos dias da competição ou exposição.

A estrutura desta tese é fundamentalmente dividida em três partes. Numa primeira fase do trabalho explica os jogos olímpicos e as exposições universais durante a história, a par das mudanças nos dogmas socio-urbanos, exemplificando a sua evolução/crescimento. Na segunda parte abordaremos três casos específicos que tiveram influência na mudança de pensamento sobre os megaeventos, e que deixaram um legado positivo a longo prazo. O primeiro caso, mergulha sobre o período do pós-guerra, com as olimpíadas de Roma de 1960, que delimitam a mudança na organização e dimensão destes eventos, seguindo-se um período que incide especialmente no último quartel do século XX, onde estará o ponto fulcral da tese, Barcelona 1992. Por fim o caso-estudo Londres 2012, as suas influências, tendências e a procura de uma nova resposta mais flexível como ponto remate deste trabalho. Escolhemos, estes três casos de estudo por representarem de forma consistente mudanças no crescimento e desenvolvimento dos jogos olímpicos contemporâneos como também pelo enquadramento histórico e revolucionário que trazem consigo. Desde o início da crítica à cidade moderna num contexto racional romano, passando para a cidade global do modernismo com memória na Catalunha, até ao novo milénio da cidade sustentável londrina, os jogos olímpicos demonstram essas mudanças e características vanguardistas.

Para cada caso-estudo, foram recolhidos peças desenhadas e bibliografia necessária, para permitir uma maior unidade da dissertação e uma posterior facilidade na confrontação entre os vários casos-estudo. Revelou-se difícil encontrar desenhos rigorosos e informação detalhada sobre os Jogos Olímpicos de Londres. Contactei a respectiva câmara municipal de *NewHam*, a organizadora do evento, *Queen Elizabeth Olympic Park* e os maiores ateliês intervenientes na área sem grande sucesso. Posteriormente com a ajuda de colegas residentes em Inglaterra, consegui os respectivos desenhos e informação complementar. O caso de estudo de Barcelona foi o que menores dificuldades erigiu, já que é um caso deveras exemplar e muito estudado, ao contrário dos outros dois.

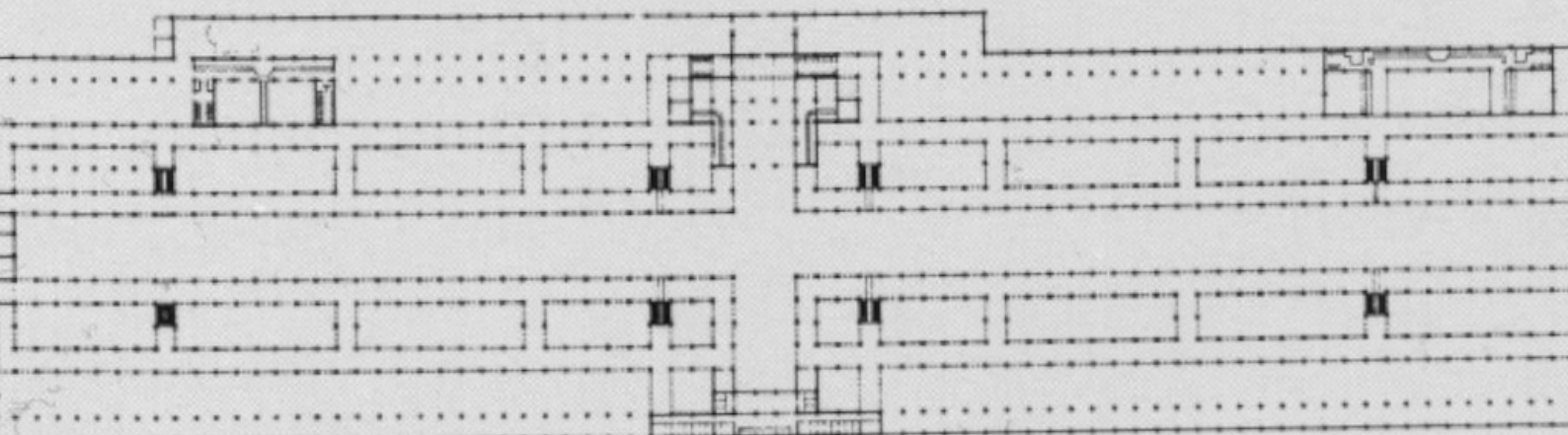
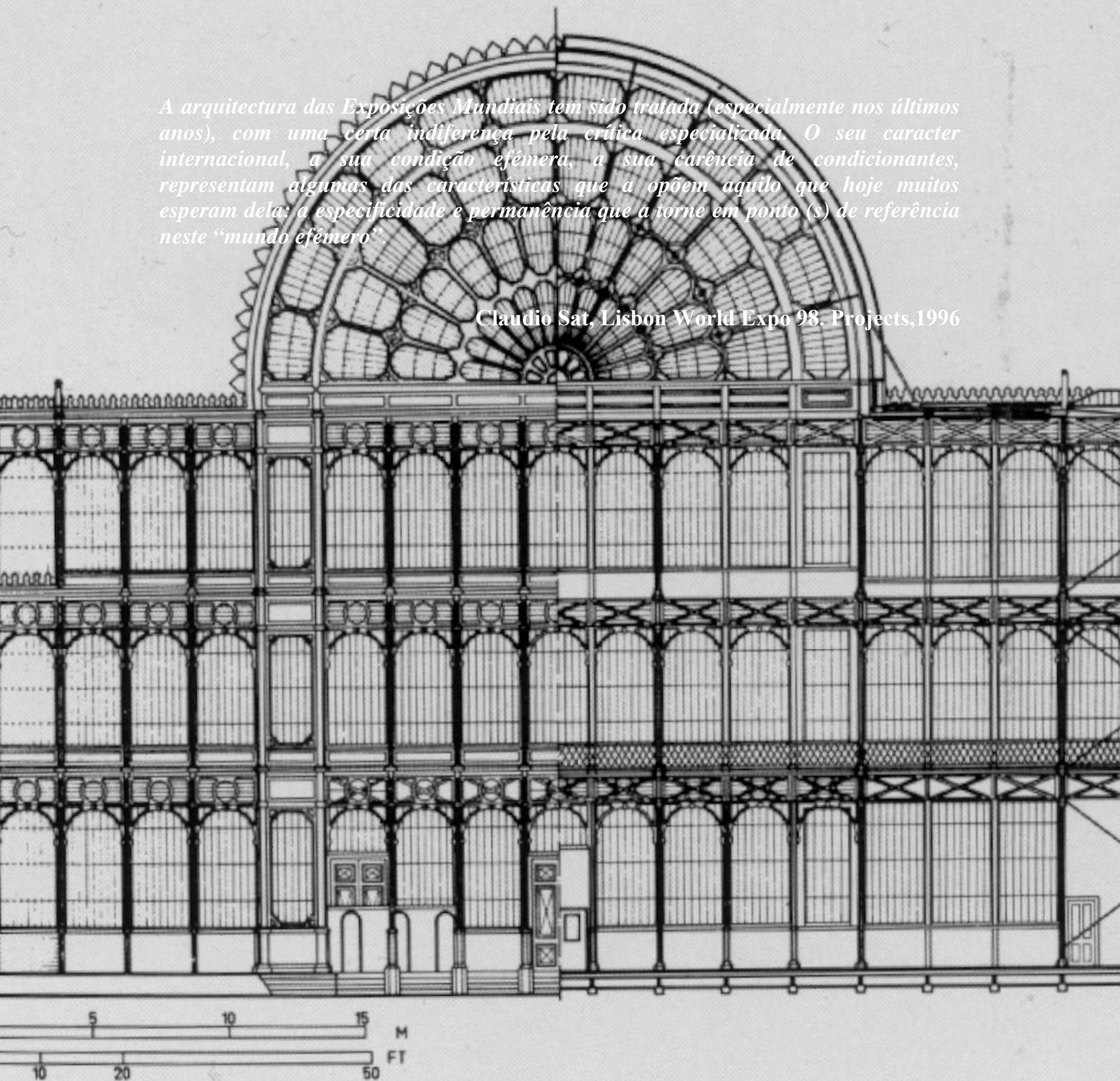
Com esta dissertação tenciono sobretudo perceber o impacto que estes eventos acabam por ter na definição da cidade a curto-longo prazo e cruzar duas paixões que me acompanharam desde muito cedo, a arquitectura e o desporto. Decidi descobrir como uma simples actividade, que remonta a antiguidade clássica, retomou o seu percurso e transformou-se num dos eventos mais marcantes da nossa era.



## **0. ANÁLISE HISTÓRICA DAS OLIMPIADAS E EXPOS**

*A arquitectura das Exposições Mundiais tem sido tratada (especialmente nos últimos anos), com uma certa indiferença pela crítica especializada. O seu carácter internacional, a sua condição efêmera, a sua carência de condicionantes, representam algumas das características que a opõem aquilo que hoje muitos esperam dela: a especificidade e permanência que a torne em ponto (s) de referência neste "mundo efêmero".*

Claudio Sat, Lisbon World Expo 98. Projects, 1996



## 0.1 RAÍZES DOS MEGAEVENTOS

Existe uma relação directa entre aquilo que o homem pensa e a forma como a arquitectura surge. Políticas que gerem uma sociedade, vão de encontro as primeiras aglomerações de pessoas, como na Grécia antiga. Viver em comunidade depende de um regime ou parlamento. Através de regras, colocam-se em vantagem determinados conceitos que permitem uma melhor qualidade de vida e bem-estar, com o intuito de criar uma cultura unânime. É relevante destacar a importância de uma crença e de um pensamento, como influência e estratégia para a criação da arquitectura, sendo os megaeventos, exemplos directos.

Podemos dividir os megaeventos em duas partes principais: os de **carácter desportivo**; e os de **carácter lúdico cultural**. Esta tese acabará por se centrar nos eventos desportivos, por ser um tema menos debatido e estudado que os de carácter cultural. Nestes eventos podemos incluir os Jogos Olímpicos (JJO), campeonatos de futebol, encontros mundiais desportivos. Fundamentalmente falarei dos Jogos Olímpicos de Verão (JOV) por terem uma maior inserção na cidade e funcionarem melhor pós-evento, ao contrário dos invernais. Não deixarei de dar alguns exemplos de eventos culturais e lúdicos para reforçar uma ideia ou fundamentar melhor um argumento.

Estes eventos desafiam a arquitectura com um novo patamar na sua relação entre espaço/tempo. Funcionam e chamam a si as novas tendências. Tentam ser mais tecnológicos e mais fortes na implementação de novos conceitos e descobertas. Estes acontecimentos também são campos férteis que proporcionam uma maior liberdade ao arquitecto, mas ao mesmo tempo, propicio a erros e falhas. O tempo nestas intervenções acaba por ser um factor determinante, que hoje em dia é tratado com muito mais cuidado que no principio destes eventos.

As Expos surgem durante o séc. XIX. Nascem como precursoras de avanços tecnológicos e demonstram a nova cultura da industrialização. Têm um carácter e uma função de representar o que de melhor se tem e se faz, expondo uma nação:

*“As Expos são concebidas e programadas para, através daquilo que é exibido, representarem e celebrarem entidades colectivas, valores, ideologias, projectos políticos e sociais.”<sup>3</sup>*

Estes megaeventos, marcaram pontos importantes na história da arquitectura. Através deles, se mudou e mostrou a nova forma de produzir. A necessidade de pavilhões de grandes dimensões que englobassem muitas pessoas, levantou problemas arquitectónicos que até aqui não existiam. Os novos materiais, como o ferro e o vidro, vêm dar resposta a essa carência. Ganham força e tomam posse, mudando daqui em diante a forma como se constrói. Como exemplo temos o *Cristal Palace* que foi uma inovação durante a era industrial, criado para a Exposição Universal de 1851.

---

<sup>3</sup> FERREIRA, Claudino ” A Expo’98 e os imaginários do Portugal Contemporâneo” p10

Mai 1888

Juillet 1888

Septembre 1888



2. Torre Eiffel em construção



Temos também, a Torre Eiffel, que foi construída durante a Exposição Internacional de 1889 que chegou, inclusive, quase a ser destruída, acabando por ser usada como transmissora de rádio, o que lhe salvou a vida. Na Exposição Universal de 1929, Mies Van der Rohe executa de forma exemplar as suas ideias em direção ao *Less is More*, e cria um pavilhão que marca um ponto na história da arquitetura e na obra do próprio Mies, o pavilhão de Barcelona. O pavilhão Philips na Expo 58 desenhado por Le Corbusier e Iannis Xenakis, o pavilhão dos Estados Unidos na Expo 67 de Buckminster Fuller ou o centro aquático de Pequim dos Jogos Olímpicos de 2008 de John Pauline entre outros exemplos, acabam por ser difamadores das novas ideias, novas formas de construir, do progresso e da vanguarda. Com eles surge uma dificuldade organizativa e financeira que é só conseguida sustentar, verdadeiramente, pelas grandes metrópoles. A tese de doutoramento de Claudino Ferreira explica o que envolve, a dimensão e a complexidade destes eventos:

*“Os grandes eventos são empreendimentos que apelam a uma participação social em massa, na ordem dos milhares, ou mesmo milhões, de pessoas. Nos contextos em que são realizados, a sua organização representa um investimento, um esforço logístico e uma mobilização de recursos excepcionais relativamente ao regular funcionamento da vida local. O seu âmbito internacional está associado quer à sua capacidade de captar participantes de vários países e regiões, quer à natureza internacional do seu programa de actividades (...) são manifestações cuja organização e funcionamento envolvem um elevado grau de complexidade. A complexidade, porém, não advém apenas da grande dimensão. Advém igualmente da sua multidimensionalidade e das diversas escalas de acção, e de significação, que no seu funcionamento se articulam.”*<sup>4</sup>

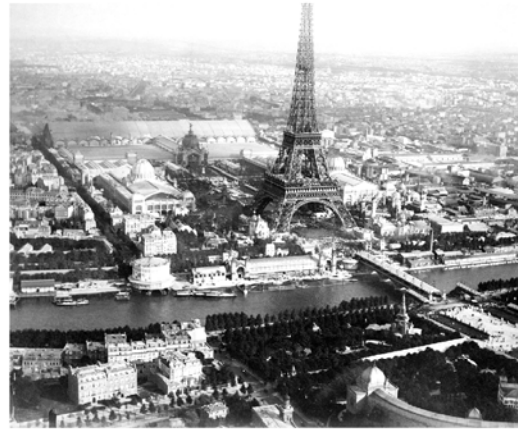
Estes elementos efêmeros trazem consigo questões que um empreendimento normal não tem, e essas maiores diferenças impõem-se perante o tempo e a função. Existe um grande fluxo de pessoas que depois desaparece e levanta problemáticas para estas ocasiões. O que acontece a seguir? Qual é a função do edifício depois de usado? Será demolido? O que ficará? São questões que hoje tem que ser colocadas e que os urbanistas e arquitectos têm que ter em atenção. A rapidez e possibilidades inerentes a estes megaeventos acabam por ser libertadoras, pois têm menos condicionantes e uma maior autonomia para criar algo novo, algo diferente, e isso abre novos caminho, tanto para a criatividade como para construções sem nexos e sem futuro.

---

<sup>4</sup> FERREIRA, Claudino ” A Expo’98 e os imaginários do Portugal Contemporâneo” p.24



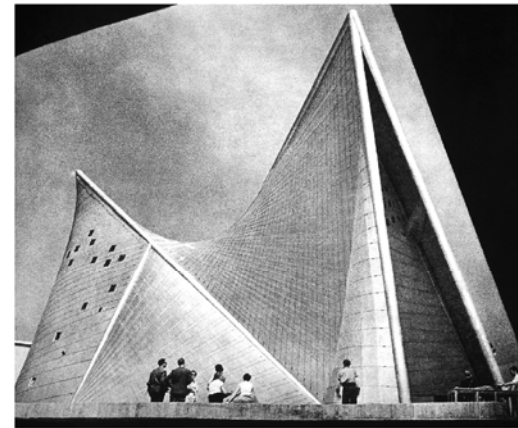
3. Cristal Palace Expo 1851



4. Torre Eiffel Expo 1889



5. Pavilhão Alemão Expo 1929



6. Pavilhão Philips Expo 1958



7. Pavilhão EUA Expo 1967



8. Pavilhão Alemão Expo 1967



9. Pavilhão Aquático JJOO 2008

## 0.2 DESENVOLVIMENTOS CONCEPTUAIS E PROGRAMÁTICOS

Analisando vários pontos ao longo da história, perceberemos como estes eventos se expandem e crescem a vários níveis, quer políticos, quer sociais. Como especificamos anteriormente, centraremos o foco nos Jogos Olímpicos mas não se pode olvidar o facto das Exposições Universais terem servido de suporte inicial do seu desenvolvimento.

Em 1896, dá-se a reabertura dos Jogos Olímpicos Modernos (JOM), devido ao esforço de Pierre de Coubertin. Passados século e meio após os últimos Jogos Clássicos, Atenas foi a cidade escolhida como anfitriã. Os JOM desenvolveram-se até chegarem aos megaeventos que conhecemos hoje. Para perceber essa evolução, de um simples evento para um megaevento transformador de cidade, dividimos este progresso em três fases basilares:

- 1 Efemeridade inicial na viragem do séc. XIX para o XX e o impacto sobre a cidade, principalmente Paris e Londres (Expos);
- 2 Segunda metade do séc. XX centrado na racionalidade económica / gestão de recursos/ planeamento dos grandes eventos com o objectivo de requalificar e modernizar;
- 3 Globalização dos eventos e a sua permanência.

O mundo industrial traz consigo uma nova exigência e impôs novas regras de relação e distribuição. A maior facilidade de transporte e comunicação abriu o mundo para os primórdios da globalização. A procura de novos mercados e a necessidade de informar o que de novo se faz, criou o início destes eventos. Num primeiro momento foram as exposições que apareceram de forma temporária e eram eventos concretizados em espaços vazios ou parques existentes. Estas “*grandes efemeridades*”, tanto desportivas como culturais, foram criando bases para as cidades europeias se desenvolverem, como Nuno Grande refere:

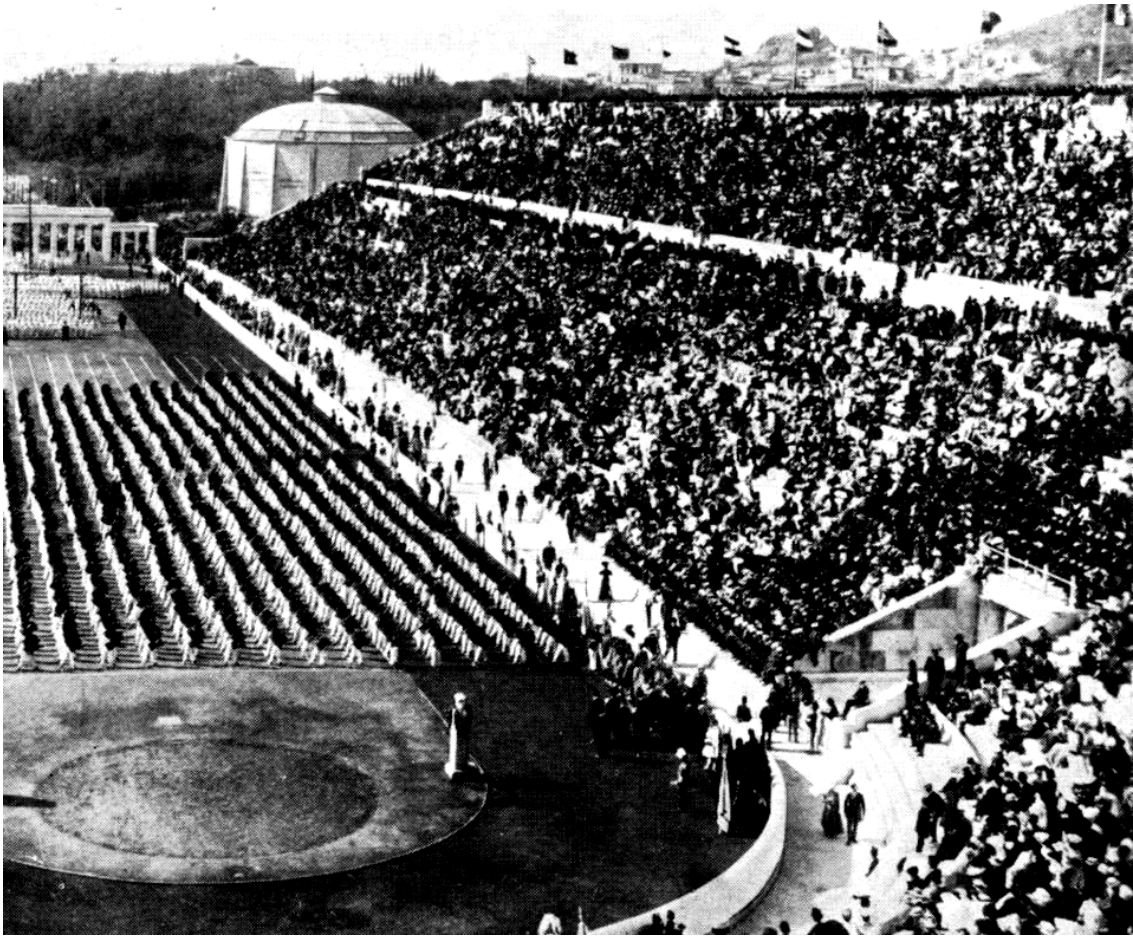
*“Dos primeiros “Jogos Olímpicos da era Moderna” - reinvenção europeísta de um evento de culto na Antiguidade Clássica -, às primeiras Exposições Universais - escaparate da exaltação cultural e tecnológica das nações mais industrializadas, marcadas pelo orgulho nacionalista, colonialista e até imperialista -, passando por muitos outros pretextos temáticos, a cidade ocidental foi-se projectando, ao longo do último século, por ciclos de grandes efemeridades.”*<sup>5</sup>

O primeiro evento revolucionário foi, a Exposição Universal de 1851 onde se realiza o *Cristal Palace* de Joseph Paxton. Já neste pavilhão podemos perceber a resposta rápida, flexível e económica dada para estes empreendimentos. Através da repetição de uma estrutura modelar e das dimensões colossais, Paxton revoluciona o mundo criando uma nova basílica tecnológica, e é considerado o “*avô da arquitectura moderna*”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> GRANDE, Nuno “Arquitecturas da cultura: política, debate, espaço”p.460

<sup>6</sup> MATTIE, Erik “World’s Fairs” p.12



10. Primeiros Jogos Olímpicos da era Moderna em 1896

As exposições foram impulsionadores de progressos e competição entre, inicialmente, dois países bem desenvolvidos, França e Reino Unido. Evolui em vários campos desde tecnológicos até de planeamento urbano. Nalgumas cidades, o evento incentivou a construção de linhas de metro como em “*Chicago 1893, Paris 1900 e Montreal 1967*”<sup>7</sup>. A inserção destes eventos ganha, com o tempo, tamanho e participação nas cidades. Em relação aos Jogos Olímpicos da Antiguidade, nascem do génio grego, por volta de 394<sup>8</sup>. Eram cerimónias que ligavam povos e interrompiam-se guerras para acompanhar estes rituais. Na antiguidade tinham um carácter mais permanente do que viriam a ser os primeiros Jogos Olímpicos Modernos (JOM), já que existia uma cidade que acolha este evento, Olímpia. Pelo contrário, a logística dos JOM era precária e realizavam-se em espaços já existentes sem terem grande impacto. Eram inicialmente tão marginais que, por exemplo, nas olimpíadas de Paris de 1900, “*um campo silvestre serviu de pista de atletismo. Os saltadores em altura e em comprimento tiveram de cavar caixas de areia*”<sup>9</sup>, o que demonstra a fraqueza na organização, realizados no país de origem da figura que fez e defendeu que os Jogos Olímpicos da Antiguidade deveriam ressurgir de novo, o barão Coubertin.

Inicialmente as Exposições tinham maior poder e expressão que os Jogos Olímpicos. No princípio, as Olimpíadas ou eram inseridas na cidade, como foi o caso de Atenas 1896 e 1906, ou inseridos nas instalações temporárias das prestigiada Exposições Internacionais ou Universais, como foi o caso de Paris 1900 e St. Louis 1904. Qualquer que fosse o impacto das Exposições, a repercussão no urbanismo das Olimpíadas era só por si só insignificante. Posteriormente a esta fase mais precária, em menos de um século estes eventos procuram o seu espaço na cidade de forma mais possante.

*“Nos anos 30, e de forma cada vez mais acentuada depois da Segunda Guerra Mundial, a óptica foi-se modificando: a exposição, já de si efémera por natureza, deve inscrever-se em projectos mais a longo prazo e, actualmente, consegue toda a sua plena legitimidade através da contribuição que pode trazer a realização de projectos duráveis (...) A partir deste momento são poucos os exemplos em que uma exposição internacional, seja qual for a sua dimensão, se desenrola no interior de zonas urbanas densas sem grandes modificações da paisagem.”*<sup>10</sup>

Como Claudino refere é por esta altura que se dá um segundo momento, de crescimento destes eventos após vários erros organizativos e efemeridades iniciais. Tanto nas Expos como nos eventos desportivos foram saindo dos edifícios e espaços únicos, acabando por ter uma maior variedade de competições, programações e assiste-se ao crescimento, e a um maior impacto na cidade. Para além do Estádio Olímpico, equipamento único, que inicialmente englobava a maioria das actividades, passou a ser dotado de piscinas, equipamentos habitacionais como Vilas Olímpicas, cantinas, postos de informação. Instalações precárias transformaram-se em parte da cidade e a efemeridade deu lugar ao

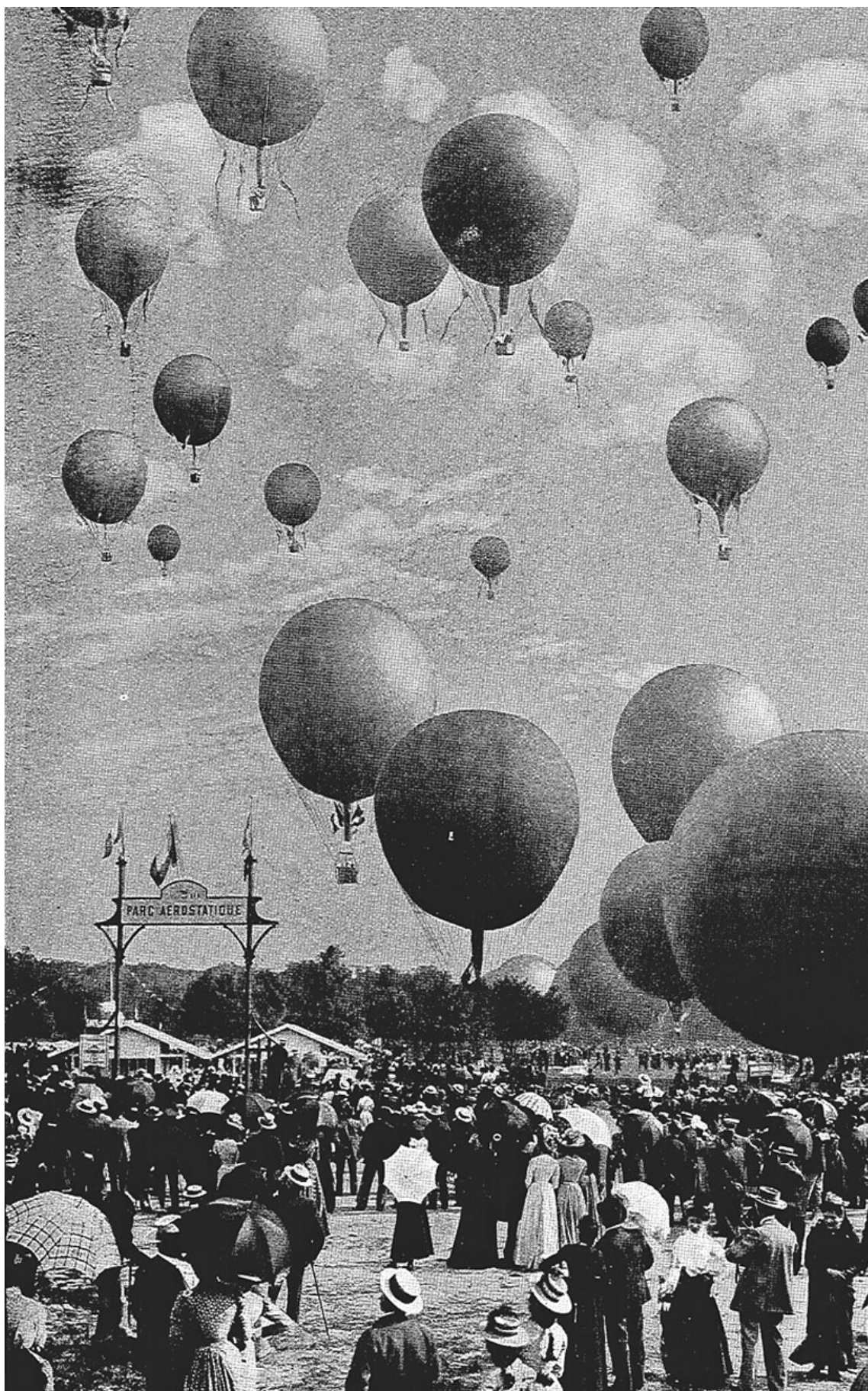
---

<sup>7</sup> MATTIE, Erik “World’s Fairs” p.8

<sup>8</sup> MICHEL, Pierre “ Os Jogos Olímpicos” p.16

<sup>9</sup> AAVV “Tudo sobre os jogos olímpicos” p.18

<sup>10</sup> GALOPIN, Marcel “As Exposições internacionais do século XX e o BBI” p.104



11. Corrida de Balões de ar quente durante a Exposição Universal de 1900

permanente, e com o permanente surge a questão do pós-evento. Uma melhor organização e programação dos mesmos eventos demonstra-se crucial.

Tanto as Exposições Internacionais como as Olimpíadas inicialmente não eram bem controladas, sem disciplina nem programa. A criação de identidades que em correlação com identidades estatais e municipais fazem a gestão destes eventos passa a ser a pedra fundamental de uma boa Exposição Universal ou um Jogo Olímpico. O Comité Olímpico Internacional (COI), criado em 1894 e o *Bureau International des Expositions* (BIE) em 1931, tomam conta e organizam estes eventos que ao longo do tempo foram crescendo de tamanho até se tornarem eventos globais. Estas entidades são importantes no momento em que impõem regras aos países anfitriões do evento, garantindo um maior controlo e sucesso. Actualmente estas entidades criam e estudam os megaeventos de vários pontos de vista, desde sociais a urbanos, mas só há pouco tempo se tenta perceber o que acontece depois destes eventos acabarem.

*“As Expos passaram a ser projectadas como cidades efémeras dentro das cidades anfitriãs, incluindo múltiplos edifícios, arruamentos, zonas complementares de serviços (lazer, restauração, comércio), espaços públicos de passeio e convívio. Apesar da diversidade das experiências, a regra dominante até meados do século XX, foi a do carácter efémero das construções, embora muitas delas envolvessem custos elevados.*  
“11

Depois desta fase mais precária inicial a que Ferreira Claudino se refere e à medida que estes eventos, tanto as Expos como os Jogos Olímpicos, crescem e envolvem mais que um simples edifício, interferindo com o sistema urbano de transportes, habitação e lazer. Maior atenção sobre os mesmos recai, tanto financeiramente, socialmente como no desenho urbano da cidade, no momento em que se expandem.

Chalkley e Essex<sup>12</sup> dividem os megaeventos olímpicos em quatro fases principais: uma primeira de 1896 a 1904, de pequena escala, mal organizados e não envolvem necessariamente novos equipamentos, uma segunda fase de 1908 a 1932, onde continua a pequena escala mas com uma melhor organização e abrange a construção de equipamentos desportivos; uma terceira fase de 1936-1956, onde o evento já tem uma escala grande, é bem organizado, compreende a construção de facilidades desportivas e tem algum impacto na infra-estrutura urbana. Por último uma quarta fase de 1960 a 1996, sobre a qual esta tese se concentrará de forma mais detalhada, onde existe uma grande escala, é bem organizada, cria novas facilidades desportivas e tem um impacto significativo na infra-estrutura urbana.

A partir desta última fase assiste-se ao terceiro momento: a globalização destes eventos e o uso dos mesmos como comercialização e difusão da cidade. Através destes megaeventos, tanto culturais como desportivos, existe um investimento que permite

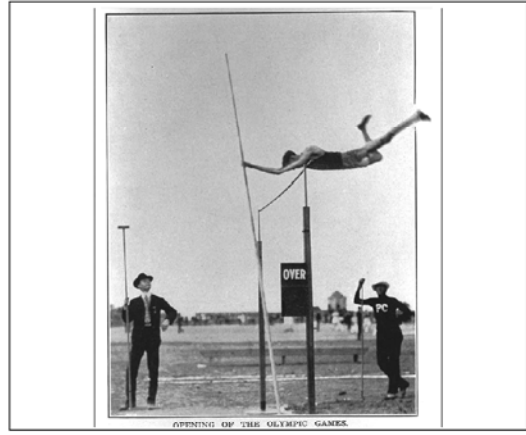
---

<sup>11</sup> GALOPIN, Marcel “As Exposições internacionais do século XX e o BBI” p.137

<sup>12</sup> ESSEX, Stephen; BRIAN Chalkley “Urban transformation from hosting the Olympic Games: university lecture on the Olympics” p.7



12. 1ª fase 1896 a 1904 Atenas 1896



13. Expo St. Louis 1904



14. 2ª fase 1908 a 1932 Londres 1908



15. Los Angeles 1932



16. 3ª fase 1936 a 1956 Berlim 1936



17. Melbourne 1956



18. 4ª fase 1960 a 1996 Roma 1960



19. Barcelona 1992



atualizar e globalizar as metrópoles, renovando as suas funções com componentes lúdicas, parques verdes e espaços desportivos.

*“A exposição torna-se então num catalisador dos esforços feitos para valorizar uma localidade, mudar de imagem de uma província ou adquirir um estatuto internacional. Num mundo cada vez mais mediático, este é um meio poderoso de se fazer conhecer, ou reconhecer (...)”*<sup>13</sup>

Esta globalização, através dos avanços tecnológicos e o crescimento duma rede mundial, faz com que muitas cidades se façam notar no mapa internacional. Isso, por sua vez, não só aumenta a sua notabilidade, como aumenta o turismo e o negócio da mesma. Estes eventos ganham peso na cidade, adquirindo um estatuto permanente. Esta última fase será desenvolvida nas próximas páginas de forma mais detalhada.

### **0.3 VISÃO CONTEMPORÂNEA SOBRE ESTES EVENTOS**

Depois da grande depressão de 1929, sobre políticas de John Keynes, emerge uma sociedade consumista que vive do *marketing*, *branding*, publicidade e venda, e que tem palavras como: capitalismo; consumismo; globalização; avanços tecnológicos; *entertainment*; Expos; “*Star-architect*”; no menu do dia. A utilização da cultura e do lazer como instrumento de requalificação, desenvolvimento e promoção das cidades, alimenta esta máquina contemporânea, monopolizada e consumista. A necessidade destes novos equipamentos do nível terciário é aproveitada, tanto para modernizar a cidade como para fazer fluir o capital.

Para perceber melhor esta visão sobre os megaeventos, observaremos a divisão de Franceso Indovina. Três principais motivações estão relacionadas com o acolher de um evento pela cidade. A primeira é a imagem, *“uma questão que hoje parece importantíssima, dado o relevo que parece ter assumido a concorrência entre cidades”*<sup>14</sup>. A segunda é *“ao facto que o grande evento é capaz de fazer confluir da cidade recursos que, de outra forma, seriam impossíveis de obter”*<sup>15</sup>, ou seja, é possível perspectivar e fazer com que se façam investimentos de privados e públicos que de outra forma seriam improváveis. O terceiro e último ponto que Francesco indica é *“o grande evento serve para realizar obras que, de outra forma, não se poderiam realizar”*<sup>16</sup>, não só do ponto de vista económico como urbano. A euforia de ganhar e realizar os JJOO levanta os ânimos de uma cidade e dos investidores, permitindo um esforço e uma união entre vários profissionais que têm um objectivo em comum, dentro de um espaço-tempo limitado. Podemos perceber que são estas *“ocasiões”* que podem

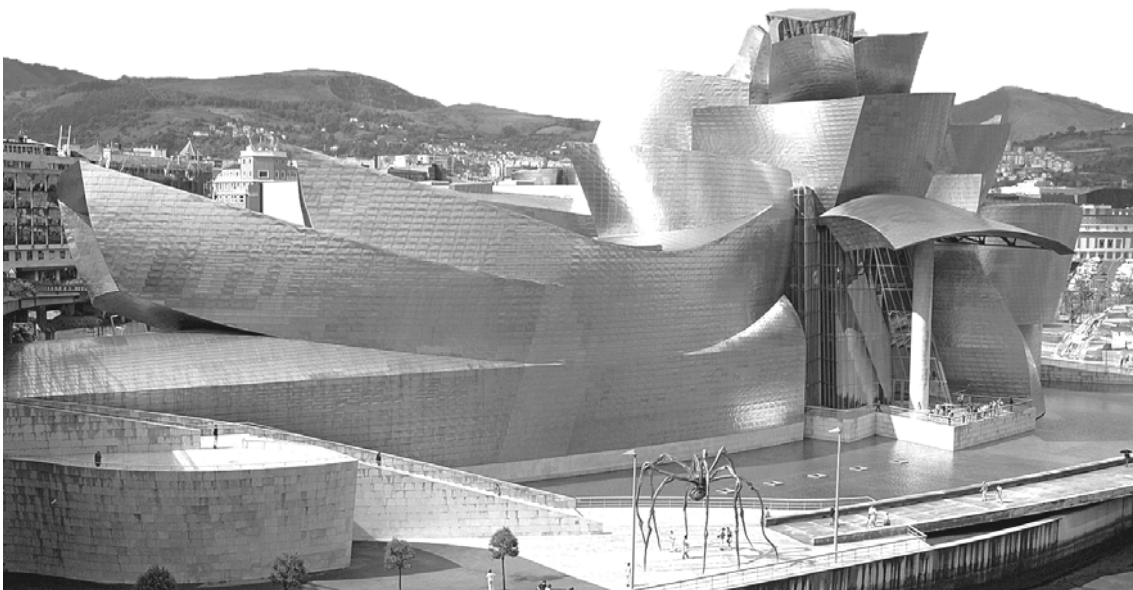
---

<sup>13</sup> GALOPIN, Marcel “As Exposições internacionais do século XX e o BBI” p.85

<sup>14</sup> INDOVINA, Francesco “Os “grandes acontecimentos” e a cidade ocasional” in Lisbon World Expo98.Projects p.28

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Idem.



20. Museu Guggenheim em Bilbao

servir vários meios e serem usadas para diferentes fins muito dependentes das políticas, forças e direcções que a cidade quer seguir. Não podemos duvidar, no entanto, que estes são empreendimentos que criam oportunidades.

A imagem, o confluir de recurso e a realização de obras que de outra forma não seriam possíveis, são demonstrações do poder destes megaeventos como promotores de uma rede global. O tema abordado anteriormente, a globalização dos eventos aqui é desfeito e visto de forma mais completa. Para perceber essa globalização analisaremos duas obras, de Saskia Sassen e Christine Boyer.

A “*Cidade Global*”<sup>17</sup>, como Saskia Sassen refere, é um fluir de informação e dinheiro. Ela explica que uma cidade e nação não funcionam fechadas dentro das suas fronteiras e leis, por isso mesmo a dinâmica é muito diferente da do século passado e isso traduz-se na arquitectura. Por sua vez daqui advém algumas problemáticas como a perda de identidade de uma nação. Ao seguir esta globalidade, retira-se força da tradição e da cultura de um determinado lugar. Todas as cidades procuram adaptar-se a esta nova necessidade, e a forma como deixa, pega ou integra o passado ou a tradição com estas novas tendências globais é muito importante para uma metrópole. Para resolver este problema, a globalização deve ser tratada não de pontos externos mas sim através de entidades nacionais e intrínsecas de uma zona, se não essa própria identidade é perdida. Estes eventos acabam por ser esse elemento de modernização e globalização de uma cidade, que recria e publicita a cidade. Claudino Ferreira reforça esta ideia:

*“Tornaram-se relevantes sobretudo à escala local, pelo valor estratégico que mantêm para os países e as cidades que as acolhem. Nessa localização, a vocação representacional incorporou um tom mais promocional, alinhado com o novo espírito da competição inter-cidades, que o avanço dos processos de globalização económica e cultural vai estimulando. E passou a ser crescentemente associada a programas de acção que, através da promoção de uma oferta cultural e lúdica densa e internacionalizada, procuram gerar dinâmicas de desenvolvimento socioeconómico e de renovação das imagens das cidades e dos países organizadores.”*<sup>18</sup>

Sendo assim torna-se possível entender que o ritmo, competição e a procura do desenvolvimento passou a ser importante não só para as cidades internacionais mas também nacionais.

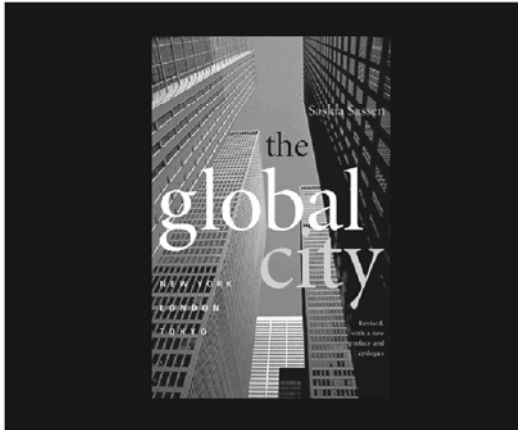
Para perceber melhor a evolução da cidade, e a forma como a vemos hoje completar a ideia de uma “Cidade Global” Christine Boyer no seu livro “*Cidade como Memória Colectiva*” divide a evolução das formas de uma cidade em três tipos principais: a “*Cidade como Obra de Arte*”, a “*Cidade como Panorama*” e a “*Cidade como Espectáculo*”. No primeiro caso de cidade, que vai até aos finais do século XIX, a cidade é vista como uma “*moldura*”<sup>19</sup> que se organiza e fecha sobre esse perímetro. Na

---

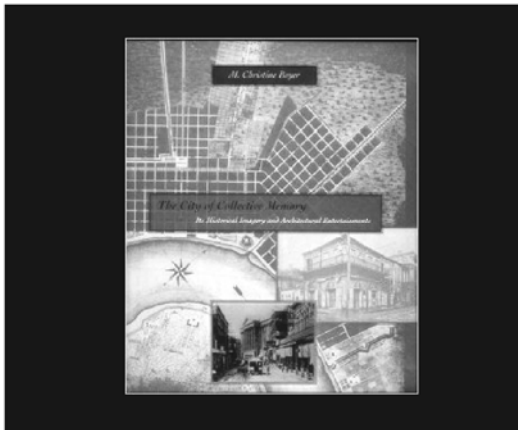
<sup>17</sup> SASSEN, Saskia “The Global City : New York, London, Tokyo”

<sup>18</sup> FERREIRA, Claudino “ A expo’98 e os imaginários do Portugal Contemporâneo” p11

<sup>19</sup> BOYER, Christine, “The City of Collective Memory: Its Historical Imagery and Architectural Entertainments” p.33



21. The Global City de Saskia Sassen



22. The city of collective memory de Christine Boyer



“*Cidade como Panorama*”, a nova forma de locomoção pela cidade, as novas vias e a invenção do elevador permite olhar para a cidade de outra forma. A nova organização racional da cidade, assente em premissas Corbusianas, permite campos de visão, pontos de vista e perspectivas antes inexistentes. Por fim temos a “*Cidade espectáculo*” que, por volta dos anos 80, com as novas tecnologias e inovações electrónicas, “*decompõe os bits e pedaços de cidade numa forma efémera*”<sup>20</sup>. Esta nova cultura ligada à televisão e cinema, que produz efeitos especiais, *slow-motions*, *close-ups*, vai contra a ordem anterior e quebra a pureza das formas produzindo uma cidade contemporânea ligada ao espectáculo.

É interessante verificar as intenções e poderes político-económicos que acabam por mostrar as influências e necessidades do mercado. Esta nova temática da “*Cidade Espectáculo*” como Christine Boyer refere, é bastante pertinente e acaba por mostrar uma maior ligação com as novas tecnologias, televisão, cinema, cultura do consumo da Coca-Cola e a euforia na compra do novo Iphone. Revela como vivemos numa sociedade consumista e o arquitecto acaba por ser o instrumento que põe estas ideias e pensamentos em cidades ao vivo e a cores, o que muitas vezes os distrai da sua real actividade, esquecendo qual é a função da arquitectura.

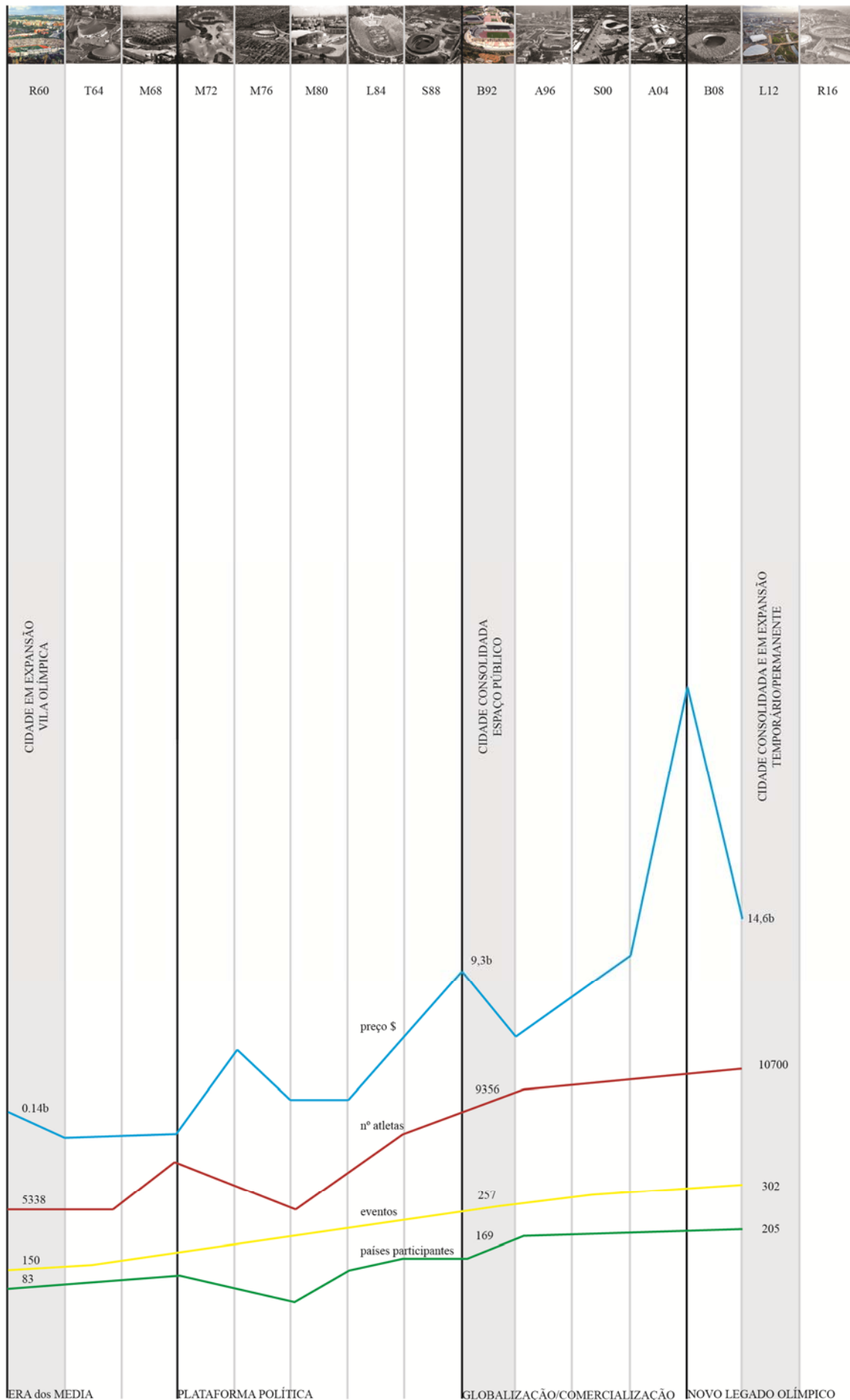
Cria-se uma arquitectura panfletária que atrai maior número de turistas com o intuito de criar uma nova Torre Eiffel algures no mundo. Arquitectos como Frank Gehry que saem dessa cultura consumista, cosmopolita e globalizada, perde a noção da necessidade e cria imagens e não edifícios. Cria formas que se separam da função, onde a criação de uma marca e imagem está acima das outras componentes arquitectónicas.

Juntando estas duas componentes da “*Cidade Global*” e da “*Cidade Espectáculo*”, podemos perceber os alicerces da cultura contemporânea. Os arquitectos têm que perceber estas perspectivas mas não deixar-se influenciar por elas mesmas, já que partem de lugares que não pertencem a uma determinada sociedade. *Star-architects* são chamados para representar o internacionalismo e a moda, fazendo *copy paste* da cultura existente sem beber o sumo da essência de um determinado lugar. As exposições e os Jogos Olímpicos ligam-se fortemente com o “*espectáculo*” mas isso não pode fazer com que se percam as origens no momento em que criam. Ao pensar no efémero, no carácter mediático, na rapidez do evento, percebemos que existe o problema de criar uma arquitectura “*fast food*”, sem intenções de longo prazo, sem pensamentos para o futuro, e é aí que o problema torna-se grave. Estas ideias começam a crescer num período pós-bélica e tomam uma força ainda maior nos anos 90, com um aumento da visibilidade e força do evento desportivo. Como podemos verificar no seguinte gráfico, desde 1960, data que Chalkley e Essex<sup>21</sup> defendem como paradigmática nos JJOO, o número de atletas, países participantes e eventos duplicou. Os custos dos mesmos, aumentou de 10 a 14 vezes, e o impacto que têm na cidade dilatou exponencialmente, já que inclui um maior fluxo de pessoas, investimento e infra-estruturas. Com os fins da segunda guerra, os avanços tecnológicos permitiram um maior uso das comunicações.

---

<sup>20</sup> ibidem p.46

<sup>21</sup> ESSEX, Stephen; BRIAN Chalkley “Urban transformation from hosting the Olympic Games: university lecture on the Olympics”



23. Gráfico de evolução dos Jogos Olímpicos e respectiva divisão histórica com ênfase em 3 casos base

Esse novo cânone tecnológico, deu maior visibilidade e assistência a estes eventos. Com esta nova visibilidade aumenta o tamanho e impacto económico, urbano e social. O caso de Roma é o momento de viragem dos jogos olímpicos, tanto por se enquadrarem na era em que a Tv começa a ganhar balanço no movimento olímpico, como o impacto que tem na cidade para além da efemeridade inicial que é quebrada. A introdução da vila olímpica como habitação permanente e o uso do evento para melhorias nas vias e transportes nestes XVII jogos, ditam a mudança do impacto urbano nas cidades anfitriãs. Nos seguintes jogos de 1964 e 1972 a intervenção na cidade a nível das infra-estruturas, hotéis, reestruturações de centros da cidade, melhoria nos transportes ganham vigor.

A partir dos jogos de Munique 72, com o massacre aos atletas israelitas, estas ocasiões captam um carácter político, que tinha dado sinais durante o regime fascista de Hitler com os JJOO de 36 mas agora adquirem um cunho mais vigorosa no tempo. Aparecem por esta época boicotes a organização do evento. Os jogos de Montreal 76 mostram-se como um fiasco económico e o envolvimento de escândalos na construção das zonas olímpicas de um projecto ambicioso para o estádio, que abre portas para a crise na metrópole canadiana e interrompe este avanço positivo no impacto urbano. Em 1980 durante os JJOO de Moscovo, atletas de mais de 60 países, maioritariamente dos Estados Unidos<sup>22</sup>, boicotam contra a invasão soviética no Afeganistão. Outro período que consideramos que foi importantíssimo na viragem destes megaeventos, que tomaremos como caso de estudo, foram os jogos de 92 em Barcelona. Com a queda do muro de Berlim e o fim da guerra fria, o mundo entra numa nova era de “aldeia global”. O comércio, consumo, os media e informação, que representamos nas páginas anteriores, tornam estes eventos em catalisadores económicos muito superiores. Grandes marcas associam-se ao movimento olímpico para se promoverem e venderem. Em Barcelona, as transformações urbanas deveram-se a vários factores que vinham a ser planeados décadas precedentes. Os jogos deixam o processo crescer de uma forma mais rápida e põe a cidade catalã na boca do mundo, tornando-a numa das cidades mais visitadas da Europa. O tema aqui acaba por ser o espaço público e a melhoria nos serviços num momento pós-franquista. Mais recentemente, a organização das olimpíadas e os custos e benefícios dos mesmos para a pólis e sociedade são postos em causa. O comité olímpico percebe que tem que responder a uma nova era, e cria em 2003 o OGGI, organismo que analisa o impacto do evento ao longo de 11 anos permitindo perceber onde pode haver melhorias e cria um feedback, antes inexistente. Com as questões ambientais económicas e sociais levantadas por estes “palcos desportivos”, Londres 2012 responde de forma inovadora com uma flexibilidade incrível e com um período de intervenção e expansão que vai, muito para além do “*day-after*”, tornando-se outro marco na metamorfose urbana, sobre o qual investigaremos mais profundamente. Nas próximas páginas vamos tomar como casos de estudo, Roma 1960, Barcelona 1992 e Londres 2012, cidades que ademais dos jogos olímpicos usaram os megaeventos culturais para crescerem economicamente e espacialmente.

---

<sup>22</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Boicote\\_aos\\_Jogos\\_Ol%C3%ADmpicos\\_de\\_Ver%C3%A3o\\_de\\_1980](http://pt.wikipedia.org/wiki/Boicote_aos_Jogos_Ol%C3%ADmpicos_de_Ver%C3%A3o_de_1980)



Roma 1960



Tóquio 1964



México 1968



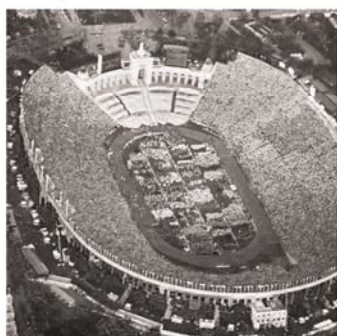
Munique 1972



Montreal 1976



Moscovo 1980



Los Angeles 1984



Seoul 1988



Barcelona 1992



Atlanta 1996



Sidney 2000



Atenas 2004



Beijing 2008



Londres 2012



Rio 2016

24. Sequência dos JJOO desde 1960 com destaque sobre os casos de estudo







## **1. SEGUNDO PÓS-GUERRA ANOS 60**



## 1.1 CONTEXTO RACIONALISTA, NEO-REALISTA

Os anos pós-guerra foram importantes na reconstrução e na esperança de uma nova sociedade. Deram-se os *Trente Glorieuses*<sup>23</sup>, um período de trinta anos de 1945 a 1975 de prosperidade económica. O aumento de produção e da industrialização traduziu um crescimento no consumo e uma sociedade mais equipada tecnologicamente. É necessário reconstruir cidades, infra-estruturas e equipamentos nas grandes cidades que tiveram graves destruições durante a segunda guerra. Surge uma oportunidade para ser posto em prática aquilo que se teorizou na arquitectura e urbanismos modernos. Le Corbusier entre outros arquitectos, procuram responder as novas problemáticas levantadas pela massificação, industrialização e questões elevadas já num período anterior a guerra. O surgimento do automóvel e do transporte aéreo muda a forma como a cidade tem que ser organizada. O aeroporto, a rede de transporte urbano e o automóvel individual muda o mundo e a arquitectura procura adaptar-se. As novas tecnologias e os avanços técnicos que muitas vezes eram apresentados nas exposições universais e que agora passam para a produção e massificação, permitem uma modernização da sociedade e das cidades.

*“ El modelo del urbanismo racionalista se desarrolla esencialmente tras la Segunda Guerra Mundial, com la reconstrucción de las ciudades europeas y com la realización de los nuevos barrios residenciales en la periferia de las grandes aglomeraciones urbanas. Los principios de la Carta de Atenas son especialmente utiles para desarrollar el modelo neocapitalista de ciudad; facilitam el control, la fragmentación, la segregación, la producción de la ciudad entre dentro de los objetivos y métodos de la empresa capitalista(...)”*<sup>24</sup>

Como podemos perceber pela citação de Josep Montaner, a Carta de Atenas foi decisiva na organização das novas cidades europeias. Os primeiros Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM) foram também importantes na organização, crescimento e difusão das novas práticas. Em 1928 realiza-se o primeiro, onde teve-se em atenção o tema da zonificação. No segundo congresso o tema foi o conceito de “*Existenzminimum*”. Através dos CIAM a arquitectura é vista de um ponto teórico-racional para o qual tenta responder as novas necessidades, da habitação e do crescimento das cidades. Os últimos CIAM, acabam por se virar e contradizer com a corrente e com a velha escola, a que Le Corbusier fazia parte, e procuram dar uma maior integridade com as pessoas, deixa-se a massificação e procura-se uma identidade. Kenneth Frampton acrescenta:

---

<sup>23</sup> Termo que deriva do livro *Les Trente Glorieuses* de Jean Fourastié

<sup>24</sup> MONTANER, Josep Maria “Despues del Movimiento Moderno” p.28



26. Participantes do IV Ciam em Atenas 1933

*“Richard estava convencido de que a população em geral só poderia ser convencida a aceitar a arquitectura moderna se a imagem for fundamentalmente modificada para torná-la menos abstracta e mais gentil a referências culturais vernaculares”*<sup>25</sup>

Bruno Zevi critica também os pontos desumanos da arquitectura moderna, e critica o CIAM 7 realizado em Bergamo em 1949, por ter *“mais ou menos excluído”*<sup>26</sup> a arquitectura orgânica e humana. Essa visão maquinista sobre a arquitectura, sobre a cidade e habitação, que impõem regras e metodologia, para criar e responder a grande procura e ao rápido crescimento, mudam de rumo e voltam-se para tema de cariz mais natural, orgânico, humano, e procura unir-se com uma identidade cultural.

Estas duas correntes entram na cultura arquitectónica italiana nos anos 50 e vai tendo diferentes forças.

Por um lado o Racionalismo que tem antecedentes nos anos 20 e 30 que se prolonga e o Neo-realismo. Num período inicial o racionalismo tem uma força inquestionável e Libera acaba por ser a figura central deste movimento. Funda em 1930 o MIAR (Movimento Italiano de Arquitectura Racionalista) que engloba o *Gruppo 7* (Giuseppe Terragni, Figini e Pollini, Giuseppe Pagano, Guido Frette, Sebastiano Larco e Ubaldo Castagnoli) e introduzem o racionalismo italiano. Participam nos CIAM de 1928 aos da Carta de Atenas<sup>27</sup> e têm livros como *Vers une architecture* de Corbusier e *Internationale Neue Architektur* de Gropius como pilares. Do lado oposto temos o Neo-realismo que *“parte hacia la búsqueda de la realidad, intentando encontrar una realidad contemporánea y auténtica, lejos de convenciones, estereótipos y normas establecidas; una realidad existencial.”*<sup>28</sup> realidade essa que busca integrar-se com: a envolvente, o terreno, as pessoas, a vida à volta, para responder na arquitectura. Podemos falar do neo-realismo ao lado de uma corrente mais intuitiva e espontânea e de uma arquitectura orgânica. A arquitectura vernacular, pode-se ver como uma arquitectura orgânica, que procura inserir-se na topografia, no lugar, e vai a procura dos matérias do local e não se impõe com uma doutrina ou com uma parede branca de betão armado. Bruno Zevi foi um dos grandes impulsionadores desta vertente. Depois de fazer uma viagem aos Estados Unidos e conhecer a obra de Frank Lloyd Wright, em 1945 cria o Associação para a Arquitectura Orgânica (APAO) que vai contra o Neoclassicismo e o Racionalismo. Por sua vez a intervenção nos JOV de Roma acontece no meio desta reviravolta entre uma corrente “antiquada” racionalista contra uma nova corrente organicista.

Depois do regime fascista de arquitectura monumental, que se impunha com projectos como a EUR 42, o Foro Mussolini ou a Cidade Universitária la Sapienza, na arquitectura italiana figura uma nova geração neo-realista. Por vezes existe uma mistura entre estas duas tendências que compõem maiores dualidades e criam uma linguagem com uma riqueza e identidades dependentes de cada arquitecto. Este novo movimento

---

<sup>25</sup> MUMFORD, Eric Prefácio xiii in “The Ciam Discourse on Urbanism, 1928-1960”

<sup>26</sup> MUMFORD, Eric “The Ciam Discourse on Urbanism, 1928-1960” p.199

<sup>27</sup> QUILICI, Vieri “Adalberto Libera l’architettura come ideale” p.24

<sup>28</sup> MONTANER, Josep Maria “Después del Movimiento Moderno” p.94



27. Foro Mussolini ou *Stadio dei Marmi* durante uma organização de jovens fascistas, em 1937



surge “*buscando un delicado y siempre inestable equilibrio, entre respeto a las preexistencias e intróduccion de novedades, entre continuidad com los maestros del racionalismo e introducción de elementos de la propia cultura*”<sup>29</sup>. Como Montaner refere existe uma mistura entre estas tendências racionalistas e neo-realistas. Os arquitectos procuram responder as linhas corbusianas, de máquina mas ao mesmo tempo prendem-se ao local e a cultura italiana de raízes arquitectónicas fortes.

## 1.2 PRÉ-JOGOS DÉCADA 40

O primeiro caso de estudo sobre o qual vamos debruçar serão, os Jogos Olímpicos de Verão de Roma (JOVR) de 1960. Durante anos anteriores, Roma procurou através de planos directores criar uma ordem e consolidar a cidade eterna. Com o último “*Piano Regolatore*” de 1931 já desactualizado, é composto um novo entre 1952 e 1959 que coincide com a data da escolha de Roma, 1955, como cidade anfitriã das XVII Olimpíadas. As linhas principais destes “*Nuovo Piano*” pré-jogos olímpicos, tinha como pontos importantes: a conservação do centro, criação de bons nos viários, uma boa distribuição e densidade populacional e a requalificação das zonas periféricas que estavam a expandir-se rapidamente. Os JOVR acabam por influenciar a cidade e o “*Piano Regolatore*”. Roma 1960, é o primeiro caso onde se percebe o verdadeiro potencial dos Jogos Olímpicos no desenvolvimento urbano.

*“Foi com Roma 1960 que a renovação urbana se tornou um factor significativo no planeamento das Olimpíadas. As autoridades romanas canalizar um investimento substancial em novas infra-estruturas, transporte, que foram planeados ao mesmo tempo que as facilidades desportivas.”*<sup>30</sup>

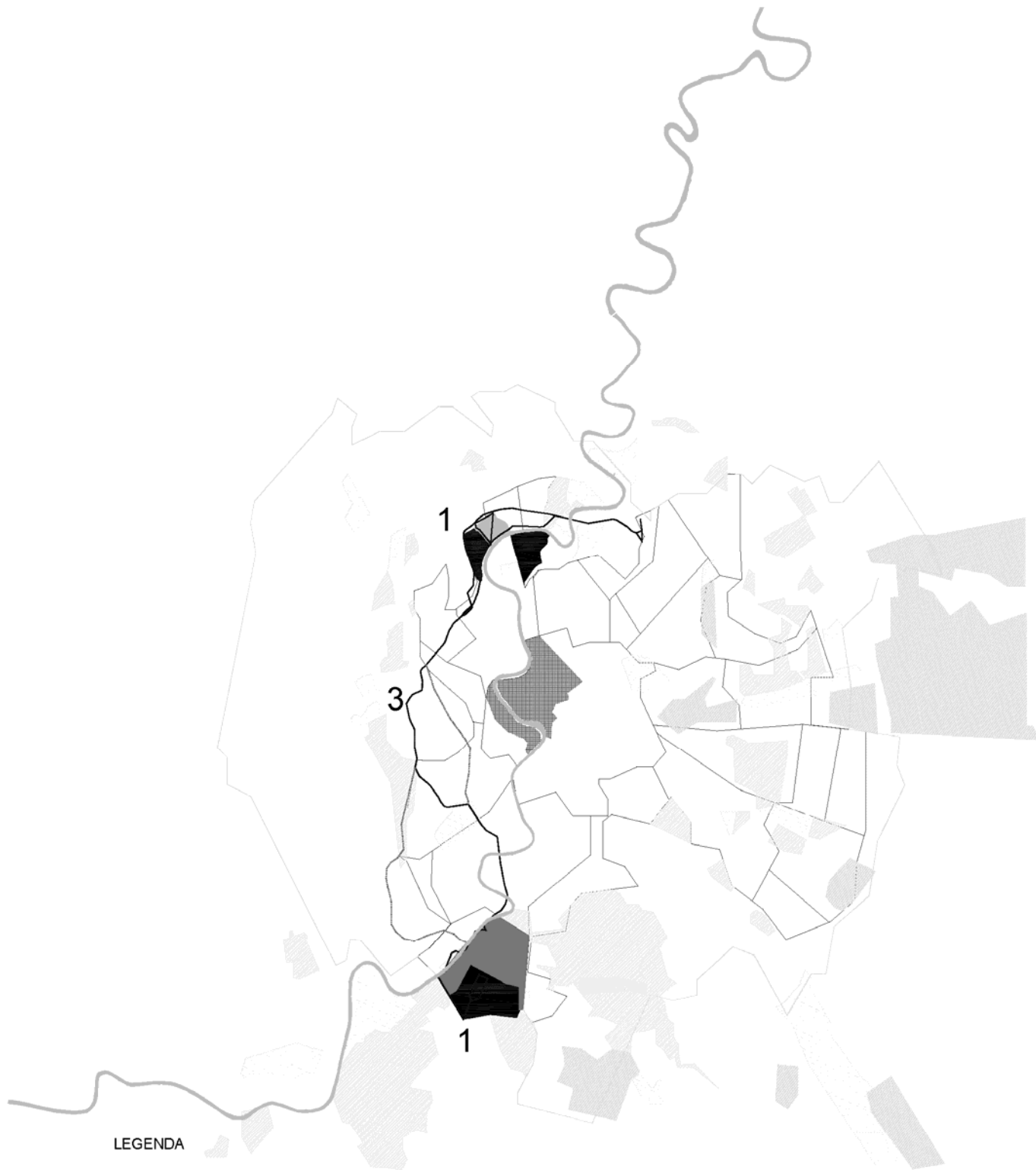
É também Roma 1960 que ficou com a alcunha de “*Olimpíadas da TV*”. Pela primeira vez, os Jogos Olímpicos são organizados como um espectáculo televisivo e também a programação e preparação, inclui estas novas tecnologias.

Podemos verificar na seguinte imagem as zonas de expansão da cidade de Roma representadas pelas manchas a cinzento. Ao contrário dos outros casos estudo posteriores, sobre os quais vamos falar, este é o único onde a cidade ainda se encontra num momento de desenvolvimento das suas linhas periféricas. Estas novas zonas propostas no *Piano Regolatore Generale* de 1959 procuram responder as novas necessidades da cidade como serviços e potenciais áreas de desenvolvimento. As intervenções olímpicas são exponentes máximos dessas directrizes e traduzem essa mesma vontade. Planos anteriores expostos por Luigi Moretti já aponta estas áreas como capitais. Estas zonas tiveram intervenções anteriores de poder Fascista. Tanto a

---








<sup>29</sup> Ibidem p.92

<sup>30</sup> GOLD, John e Margaret “Olympic Cities: City Agendas, Planning, and the World's Games, 1896 – 2016” p.152



**LEGENDA**

- 1 Zona Flaminia
- 2 Zona E.U.R.
- 3 Via Olímpica

-  Centro Histórico
-  Intervenções Olímpicas
-  Intervenções período fascista
-  Linha Periférica P.R.G. 1959
-  Área de expansão P.R.G. 1959
-  Área para os serviços gerais P.R.G. 1959
-  Zonas Industriais P.R.G. 1959

ROMA  0 5km

28. Mapa com as zonas olímpicas e zonas de expansão da cidade romana

zona do Estádio Olímpico (img.28 zona 1), onde se cria durante o mandato de Mussolini, o Foro Mussolini, como a Zona E.U.R.42 (img.28 zona 2) são as investidas deste poder para se afirmar. A biologia política destes ditadores também se servia do desporto como ideia para a criação de uma população forte, robusta e sã. Através do desporto conseguia, assim sendo, inculcar a mentalidade e ideologia defendida por este partido. De algum modo podemos ver estes empreendimentos desportivos de massas como novas igrejas modernas de difusão do poder. O período fascista italiano foi fértil e renovou a imagem da cidade eterna, renovou edifícios antigos, melhorou o tráfego e criou novos monumentos. A E.U.R.42 seria o momento alto do poder de Mussolini a nível internacional. Tanto Hitler como Mussolini usam estes eventos como tal e mostram a sua potência sobre os outros membros europeus.

### 1.3 ZONAS OLÍMPICAS

*“Muito antes dos Jogos da XVII Olimpíada serem atribuídos a Roma, C.O.N.I. já tinha feito um estudo cuidadoso das instalações desportivas que seriam necessárias para o grande evento.”<sup>31</sup>*

Através do Comité Olímpico Nacional Italiano (CONI) faz-se uma análise e cria-se o organismo, Construções Olímpicas de Roma (COR) que em conjunto com a Câmara de Roma e o Ministério dos Trabalhos Públicos, se encarregaram de procurar potenciais áreas para as zonas olímpicas. Por sua vez estas áreas foram divididas em três categorias: “zonas de competição, zonas auxiliares e vila olímpica”<sup>32</sup>. As linhas matrizes propostas pelo COR para estas categorias eram centradas em criar zonas olímpicas funcionais e não luxuosas, evitar o uso de áreas de privados e sim áreas do município; usar zonas já existentes que podem ser facilmente adaptadas e melhoradas; tem que se ter em atenção a capacidade necessária para os JJOO e para usos futuros pós-evento<sup>33</sup>. As zonas construídas dividiam-se em duas: uma a sul que incluía a Exposição Universal de 1942 mais administrativa e uma área a norte onde se incluía o Foro Itálico e a Vila Olímpica de carácter desportivo e habitacional. Desenvolveu-se por sua vez, uma rede viária que fazia a conexão entre estes dois recintos, a Via Olímpica (img.28, 3). Esta via é das obras mais importantes da cidade construída pelos JJOO e desenvolveu-se a oeste do centro histórico, formando uma via rápida radial, que por sua vez resultou na urbanização das áreas por onde atravessava.

Tanto na Exposição como nas Olimpíadas criam-se novos polos contemporâneos com ideologias das novas regras da arquitectura moderna que ainda hoje servem de exemplo para a cidade. Enquanto na Expo de 42, havia uma relação forte entre uma arquitectura monumental e racional, que procurava invocar o Império, defendido pelo Fascismo, nas Olimpíadas de Verão de 60, centram-se no modernismo e racionalismo, e na forma de construir e habitar.

---

<sup>31</sup> AAVV “The XVII Olympiad Rome 1960, volume one” p. 53

<sup>32</sup> Ibidem p.30

<sup>33</sup> Ibidem pp. 54-55



ROMA  
0 500m

29. Foto Aérea da zona da Exposição Universal de Roma de 1941

### 1.3.1 ZONA OLÍMPICA SUL: EUR 42

A primeira zona é a E.U.R. (img. 29) antiga Exposição Universal de Roma de 1942 á qual os JJOO tiram proveito e onde se instalam alguns equipamentos desportivos. A exposição de 42 que antecede as olimpíadas de 60 é um campo fértil para este novo evento. O quarteirão começa a ser desenhado em 1935 e tem como base mapas da Roma antiga<sup>34</sup>. Esta área baseava-se em ideias clássicas e modernas e tinha como objectivo organizar uma exposição e ao mesmo tempo criar um polo cultural e de lazer na cidade. Trabalharam na elaboração do plano arquitectos como o Luigi Morreti, Adalberto Libera, Giuseppe Pagano, Minnucci, Giovanni Guerrini, Ernesto Bruno La Padula e Mario Romano durante os anos 30. Como referimos anteriormente alguns destes arquitectos fazem parte do grupo MIAR, outros defendem o neo-realismo, mas é inquestionável a força racionalista nestes projectos. O quarteirão de E.U.R. acabou por não ser acabado por completo devido a segunda guerra mundial. A candidatura de Roma para os Jogos de Verão reacende esta área e constrói o *Palazzo dello Sport*, as Piscinas das Rosas, o Velódromo Olímpico e a da Zona de desporto *Tre Fontane* (imagen 30A). Tem uma capacidade para 15.000 pessoas. As Piscinas das Rosas (img.30, B) foram usadas durante o evento como área de treino mas também para as actividades de polo aquático. Esta zona para além do uso para os jogos foi planeada como resposta para a necessidades desportivas de Roma<sup>35</sup>. O Velódromo Olímpico (imagem X, C) é da autoria de Cesare Ligni, Dagoberto Ortensi e Silvano Ricci. Teve como ideia base responder a uma boa visibilidade ao longo do trajecto, dificuldade levantada pelos vários ângulos que a pista tem principalmente nas curvas<sup>36</sup>. O *Palazzo dello Sport* (img.30, D) é desenhado por Pier Luigi Nervi e Marcello Piacenti. O edificio é composto por elementos pré-fabricados que permitiram uma diminuição considerável no peso. A zona de *Tre Fontane* (img.30, A) foi planeada inicialmente para ser o parque de estacionamento do EUR 42, mas acabou por ser aproveitada pelas olimpíadas para completar a necessidade de criar áreas de treino. Esta área divide-se em duas zonas uma a oeste e outra a leste. A área a oeste é composta por varias actividades como basquetebol, voleibol, rugby, hóquei e futebol. A área a leste, por sua vez é composta maioritariamente por campos de ténis.

Nas seguintes imagens podemos perceber a evolução ao longo do tempo da EUR 42, desde um momento inicial da exposição de 1942, para uma planta com os equipamentos introduzidos pelas olimpíadas para a situação actual, onde o velódromo desaparece.

### 1.3.2 ZONA OLÍMPICA NORTE: FORO ITÁLICO E VILA OLÍMPICA

Um segundo momento (img.31) mais perto do centro em direcção ao norte, o Foro Itálico, onde se encontram: do lado oeste, o Estádio Olímpico, as Piscinas, os campos de

---

<sup>34</sup> AAVV "The XVII Olympiad Rome 1960, volume one" p. 68

<sup>35</sup> AAVV "The XVII Olympiad Rome 1960, volume one" p. 75

<sup>36</sup> AAVV "The XVII Olympiad Rome 1960, volume one" pp. 72-74



LEGENDA

1 Zona E.U.R.

A-Zona desporto Tre Fontane

B-Piscinas das Rosas

C-Velódromo

D-Palazzo dello Sport

30.Planta de Implantação EUR 42 ( a tracejado podemos ver a Via Olímpica que conecta a zona norte e sul)

ténis, e do lado oposto do rio Tibre temos a Vila Olímpica o “*Palazzo dello Sport*” e o Estádio Flamini. Esta área é onde se concentra a maior parte deste empreendimento e serve de polo principal na realização dos jogos por sua vez proporciona a renovação e proporção de uma zona moderna na capital italiana. Podemos dividir esta zona norte em duas: uma primeira do Foro Itálico e uma segunda por da Vila Olímpica. No Foro Itálico, em 1941, Luigi Moretti reelabora o plano do antes Foro Mussolini. Podemos perceber a persistência do classicismo fascista e o uso da geometria como imposição no desenho. Esse plano foi a base que posteriormente, através dos JJOO, se reestruturam os espaços existentes e renovam este recinto e o estádio para as necessidades olímpicas. O estádio olímpico desenvolvesse a partir do *Stadio dei Cipressi*. A capacidade do estádio é aumentada e os vários serviços de comunicação e equipamentos, como telefones, telégrafo rádio, aquecimento e iluminação são desenvolvidas. Ao lado deste encontra-se o *Stadio dei Marmi*, construído em 1936 pelo arquitecto Enrico del Debbio. O estádio foi também adaptado e actualizado com as necessidades dos JJOO. Contem um túnel de ligação com o Estádio Olímpico e serviu como pista de aquecimento antes dos atletas entrarem na grande arena.

Do outro lado do rio Tibre temos o quarteirão Flamini onde se situa a parte mais interessante deste megaevento, a Vila Olímpica, o estádio Flaminio e o *Palazzo dello Sport*. Uma das ideias do plano municipal era melhorar os acessos e a distribuição viária. Para responder a isso, neste quarteirão foi erigido um viaduto desenhado pelo engenheiro Pier Luigi Nervi, que tenta criar uma permeabilidade entre os espaços que poderiam ficar cortados pelo mesmo, mas evita-o, ao elevar a uma cota superior. Os trabalhos feitos pelo Nervi são significativos nesta área, já que tanto o estádio Flaminio como o *Palazzo dello Sport* são desenhados pelo mesmo. O *Palazzo dello Sport* foi o primeiro complexo que foi completado e “*pode ser considerado como o protótipo para instalações desportivas de tamanho médio de baixo custo.*”<sup>37</sup>. Podemos comparar, como afirma Bruno Zevi<sup>38</sup>, este edificio com o panteão de Adriano. É um complexo onde a simetria, geometria e repetição predominam e esta nova procura de formas de Nervi é chamada de expressionismo estrutural<sup>39</sup>.

Nas seguintes imagens podemos perceber a evolução da área através de imagens aéreas e plantas. Na imagem de avião de 1919 podemos ver as duas zonas vazias só com a presença das bases para o estádio Flaminio. São áreas sobre as quais a cidade está a crescer e que se consolidam ao longo do tempo através de intervenções fascistas e olímpicas.

### **1.3.2.1 Habitação, Vila Olímpica**

A habitação é o tema que dentro dos megaeventos se destaca com os Jogos Olímpicos. O urbanismo olímpico usa a vila olímpica como transformação urbana específica. Ao mesmo tempo que responde as necessidades de acomodar atletas e os seus respectivos representantes, posteriormente acomoda a população da cidade.

---

<sup>37</sup> AAVV “The XVII Olympiad Rome 1960, volume one” p. 60

<sup>38</sup> ZEVI, Bruno “Un Pantheon schiacciato di cemento armato”, pp. 73-190

<sup>39</sup> MONTANER, Josep Maria “Después del Movimiento Moderno” p.51



31. Foto Aérea da zona norte (Foro Itálico lado esquerdo e Vila Olímpica lado direito) de 1919



A criação de uma “*Olimpia Moderna*” é proposta por Pierre de Coubertin em 1910, que pede a um grupo de arquitectos para responder a esta necessidade<sup>40</sup>. Dentro desta cidade olímpica, Coubertin aponta a necessidade da habitação temporária para as pessoas que estão dentro da organização do evento e propõe umas “barracas” para incluir os atletas durante os jogos. Inicialmente devido a problemáticas mais críticas relacionados com a organização das olimpíadas e a indefinição das mesmas, esta questão fica fora do debate olímpico. A medida que o ganha balanço, e percebe-se que os hotéis perto do evento não têm capacidade de absorver a quantidade de visitas, procura espaços dentro da cidade e equipamentos que podem responder a esta carência. São usados pavilhões, escolas e campos militares como habitação temporária de emergência deste movimento<sup>41</sup>.

O conceito de habitação moderna nas olimpíadas surge num momento pré-guerra com os JJOO de Los Angeles em 1932 e os JJOO de Berlim em 1936. Os edificios tinham um carácter efémero<sup>42</sup> e respondiam a “*Olimpia Moderna*” de Coubertin. Depois dos jogos os edificios eram desmantelados. Este conceito é quebrado com os jogos de Melbourne em 1956 e ganham maior força nos JOVR. A habitação acaba por ser um elemento fundamental nestes novos espaços da urbe, aos quais acrescentam valor. Para além disso acaba por ser também uma resposta ao pós-evento, e ao desaparecer de milhões de pessoas. Estas habitações permitem uma estabilidade, e uma melhoria no *day-after*. Ao mesmo tempo este evento responde as carências e problemáticas existentes nas cidades neste período do século no qual os CIAM procuram dar resposta. Estas mesmas ideias desenvolvidas por um grupo brilhante de arquitectos são usadas nestes eventos e não só respondem as necessidades intrínsecas de acomodar atletas como posteriormente responde as necessidades de uma cidade que se reconstrói, moderniza e se expande.

O tema da habitação é reencontrado nos vários casos estudo que abordaremos posteriormente. Em Barcelona, a área da Vila Olímpica, contem todos os equipamentos e actividades polivalentes, e abre um novo patamar no habitar e no espaço público. Londres 2012, cria espaços habitacionais e de antemão planeia quais são os edificios que posteriormente serão demolidos e darão lugar a mais habitação. Podemos perceber a importância da habitação nos megaeventos desportivos e são eles que funcionam como âncora nestes empreendimentos.

### **1.3.2.2 Vila Olímpica**

(arq.Vittorio Cafiero, Adalberto Libera, Amadeo Nuccichenti, Vincenzo Monaco e Luigi Morreti)

As primeiras vilas olímpicas foram construídas durante os JJOO de Los Angeles de 1932, mas não foi até aos JJOO de Roma 1960 que as habitações tem impacto no momento do planeamento dos jogos para a cidade. Em Roma esta nova área, situada a

---

<sup>40</sup> MUNOZ, Manuel “Historic evolution and Urban Planning Typology of Olympic Villages” in Olympic Villages Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences p.28

<sup>41</sup> Ibidem. p.29

<sup>42</sup> AAVV, “Olympic Villages Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences” p.15



32.Planta de Implantação da zona norte e a via olímpica

norte no “gancho” que o Tibre forma, foi projectada de raiz, ao contrário das outras zonas para as olimpíadas. Anteriormente nesta faixa encontravam-se já edifícios desportivos, como o hipódromo de Flaminio, o Estádio Nacional<sup>43</sup> ou os campos de ténis. Ao longo do tempo, a medida que a cidade se expandia nesta região cresceram barracas. Com o intuito dos JOVR, em 1957 a área é adquirida totalmente pela Câmara o bairro de lata é demolido e é proposto um projecto por um grupo de arquitectos composto por: Luigi Morretti, Adalberto Libera, Vittorio Cafiero e Amadeo Luccichenti, Vincenzo Monaco. Criam três ideias base sobre as quais o plano cresce: abrir o projecto para a paisagem existente; autonomia dos edifícios; separação do trânsito e “*salvagarne l’organicità*”<sup>44</sup>. Parte do projecto que vai de encontro a essas ideias é a via Corso di Francia, viaduto que deixa a zona inferior, onde se encontra a vila olímpica, conexas sem ter uma grande linha viária a cortar o mesmo plano. Responde também à ideologia de plano livre, que se expande para a zona habitacional. A ideia de levantar todo o empreendimento e deixar grandes espaços verdes demonstra as ideias da nova arquitectura defendida por Le Corbusier. Neste excerto de Simone Salvo podemos perceber de forma clara os cinco pontos de uma nova arquitectura que os arquitectos italianos adoptam:

*“Os próprios autores mencionam, como princípios compartilhados do projeto, a ideia de elevar do terreno os edifícios, para facilitar a integração dos aspectos naturalísticos da área com o complexo; o recurso aos fundamentos da linguagem do modernismo na arquitetura – o tetojardim, fachada e plantas livres, a janela em fita, o bloco elevado sobre pilotis; a regra de uniformizar o emprego e a escolha de material de revestimento – vedação com tijolos, caixilhos metálicos pintados de branco e estrutura autônoma de concreto aparente”<sup>45</sup>*

A vila olímpica tem no seu sangue os traços do modernismo. Foram planeados edifícios mais baixos perto da praça e mais altos no exterior. Os edifícios levantam-se do chão e deixam espaço livre ao nível da terra, ideia defendida por Adalberto Libera<sup>46</sup>. A linguagem arquitectónica, principalmente entre Libera e Luigi Moretti, cria esta interessante dicotomia entre o racionalismo, vila protótipo e funcionalismo, à maneira de Corbusier, contra uma linguagem de Moretti de origens clássicas com influências históricas. A característica de um desalinhamento na planta, como se fosse uma rua medieval nos complexos habitacionais ou detalhes de cornijas e casa vernacular, demonstram essa componente histórica e uma mistura de linguagens. Esta dualidade é reforçada por Simone Salvo:

*“Temas notáveis e inovadores para a época são a relação entre o bairro com as bordas da cidade existente e a fusão entre uma linguagem arquitectónica moderna e*

---

<sup>43</sup> SALVO, Simone A vila olímpica de roma 1960-2011: por um reconhecimento histórico-crítico p.213

<sup>44</sup> AA.VV “Adalberto Libera Opera Completa” p.205

<sup>45</sup> SALVO, Simone A vila olímpica de roma 1960-2011: por um reconhecimento histórico-crítico p.215

<sup>46</sup> AA.VV “Adalberto Libera Opera Completa” p.113



33 Foto Aérea sobre o zona da Vila Olímpica antes da construção 1958



34 Foto Aérea Vila Olímpica em construção



35 Vista sobre Corso Francia e Vila Olímpica



36 Praça da Grécia

*internacional, com um conceito de morar tradicional, respeitoso de certa “italianidade” do modo de compreender a casa”<sup>47</sup>*

### 1.3.2.3 TIPOLOGIAS

Volta ao bairro tem uma variedade de edifícios e de tipologias que quebra a monotonia das soluções. Os edifícios têm todos os mesmos princípios de planeamento racionalista.

Edifícios sobre pilotis, constituídos por três a seis pisos. Variam na forma como criam pátios e na distribuição feita para os mesmos mas podemos dividir o complexo habitacional em quatro tipologias principais:

#### **Tipologia A**

Este bloco de planta quadrangular de 3 pisos, localiza-se na ponta oeste da Vila Olímpica. Tem um pequeno pátio interior a partir do qual é possível aceder aos apartamentos. Funciona autonomamente e impõe-se na paisagem verde a sua volta. Cada piso é constituído por 4 apartamentos T3.

#### **Tipologia B**

Edifícios que dominam neste projecto e que levantam maior interesse. Vêm de duas formas; uma em linha e outra com uma ligeira curvatura mas os dois alinhados sobre os eixos norte-sul. A fachada segue a “*fenêtre en longueur*”. Os espaços entre os edifícios formam praças e espaços de lazer com o automóvel restrito nesta zona. Os edifícios com uma ligeira inclinação vão contra os simples blocos racionalista de caixa, perpendiculares. O edifício mexe-se e cria como que uma rua medieval mas com ideias modernistas. Aqui temos presente então o neo-realismo italiano que estes arquitectos transferem para este projecto. Cada apartamento é constituído por dois quartos e possuem varandas.

#### **Tipologia C**

Residências alinhadas paralelamente formando pátios interiores onde se encontram blocos de escadas e elevadores. Ao contrário da tipologia B estes edifícios não têm varandas e o espaço público entre eles não funciona tão bem. Cada apartamento é constituído somente por um quarto.

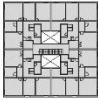
#### **Tipologia D, D1**

Edifícios em forma de cruz, organizam-se em duas variantes; uma com a escada central paralela ao edifício e outra com a caixa de escadas à 45º graus em relação à planta. Este espaço central é tratado como um objecto por si só que através de pontes que conectam com as habitações. As duas vertentes organizam-se em edifícios de 3 pisos T4, tipologia D (imagem 37), com a zona da entrada e WC destacados do edifício (tipologia D)

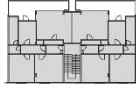
---

<sup>47</sup> SALVO, Simone A vila olímpica de roma 1960-2011: por um reconhecimento histórico-crítico p.213

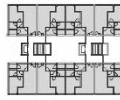
Tip. A



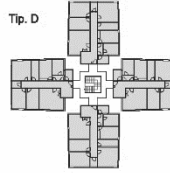
Tip. B



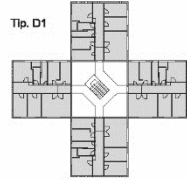
Tip. C



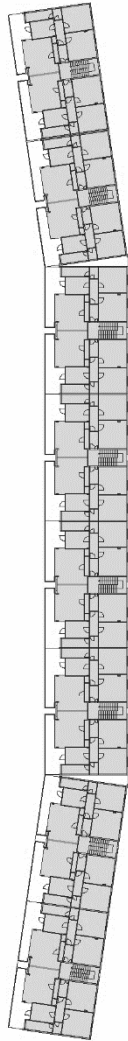
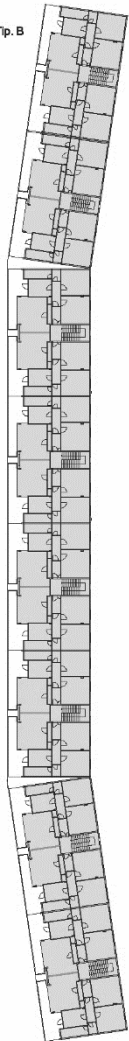
Tip. D



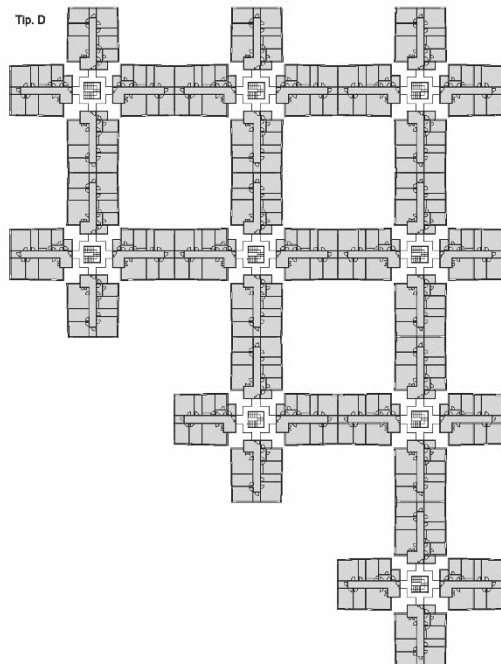
Tip. D1



Tip. B



Tip. D



0 100m

Perante a variedade de tipologias, as ideias geradoras são comuns. Os edifícios são constituídos por pátios ou ruas interiores que servem de espaços comuns, ao mesmo tempo que criam melhores condições sanitárias, iluminação e ventilação. O complexo é todo elevado em pilotis, como já referimos anteriormente, o que permite que os habitantes não tenham problemas de privacidade para além de permitir usufruir e ligar as várias habitações com a cidade e paisagem existente.

A VO permite grandes condições de vivência e segue estandartes de qualidade de vida e bem-estar que até aos dias de hoje pode ser vista como exemplo de uma boa intervenção. Usa a ideia de unidade mínima, que é repetida e fixa o complexo habitacional moderno.

Para além da vila olímpica eram necessários outros serviços que respondessem as necessidades do evento, foram para isso construídos vários edifícios: pavilhões de recepções situadas na parte da entrada, equipamentos construídos com materiais pré-fabricados e estruturas metálicas<sup>48</sup>; dez restaurantes dos dois lados do viaduto de Corso di Francia de 36x34 m; perto das entradas das vilas criaram-se equipamentos pontuais, como armazéns alimentares, cantina, lavandarias, chuveiros etc. A volta da VO é criada uma cerca metálica de 4300m, com entradas pontuais controladas, que permite proteger e aumentar a segurança durante o evento. Os seguintes equipamentos eram construídos por materiais pré-fabricados que permitiu um baixo custo e uma fácil montagem e desmontagem no “day-after”.

## 1.4 PÓS-EVENTO

Os jogos olímpicos surgem e respondem as necessidades de crescimento da pólis romana. Vias e núcleos desenvolvem a zona norte e sul da capital. Estes marcos permitem o estabelecimento de novas bordas e uma posterior expansão pós-evento. Estas áreas, são produto de planos municipais que a cidade procurou responder décadas anteriores aos JJOO. Daqui surge um crescimento acelerado pelos jogos mas com ideias base nas carências da urbe. Isto permite que o momento pós-evento seja sustentável para a cidade eterna, e possibilita uma expansão da cidade, que se verifica em maior parte a nível das urbanizações criadas com base na via olímpica, como artéria geradora nos anos que seguem a ocasião.

Em relação as zonas olímpicas norte e sul dependente dos vários equipamentos tiveram respostas diversas a longo prazo. A vila olímpica, num momento posterior ao evento, da lugar a 1500 famílias de funcionários públicos<sup>49</sup>. Pós o período olímpico a degradação do bairro foi crescendo, tanto por falta de manutenção da câmara como pela negligência dos seus habitantes. A taxa de criminalidade e a segregação social nesta zona incutiram insegurança e medo. Esta sucessão de acontecimentos e o não cuidado dos espaços públicos, verdes e a falta de manutenção pela administração municipal transformou uma situação positiva em negativa. Um projecto criado de raiz com ideias modernas de grande qualidade, com ligação a natureza, variedade nas tipologias, qualidade

---

<sup>48</sup> AAVV, “The Games of the XVII Olympiad Rome 1960” p.91

<sup>49</sup> GARAFOLO, Francesco; VERESANI, Luca. “Adalberto Libera” p.187



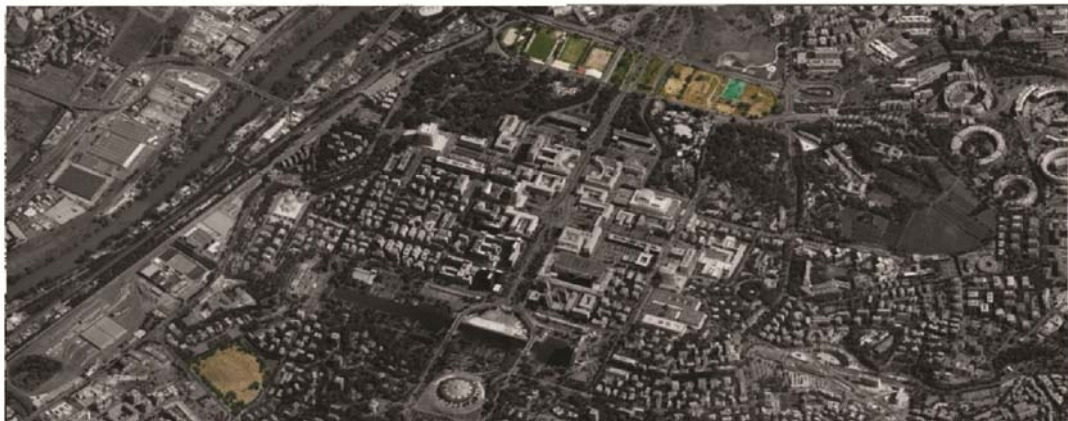
Vista aérea Foro Itálico (esq.), Vila Olímpica (direita cima), Auditorio (direita baixo), MAXII (meio)



Estádio Olímpico 1960



Estádio Olímpico hoje



Vista aérea EUR 42 hoje, Centro sportivo Tre Fontane (em cima) Terreno velódromo (esq. baixo)



38 Velódromo 1960



Velódromo antes de ser demolido em 2008



habitacional, degenera. Com percepção do valor do património arquitectónico desta área ao longo destes últimos anos, e com a construção de novos equipamentos, o interesse pela superfície aumenta. Operações das últimas décadas, como o Auditório *Parco della Musica* de Renzo Piano e o Maxxi (Museu Nacional das Artes do séc. XXI) de Zaha Hadid (img.38 cima), serviram como base para uma dinamização desta faixa. Estes projectos tornam possível uma renovação e requalificação dos espaços públicos<sup>50</sup> e serviços, permitindo uma renovação dos moradores e dos valores socioeconómicos.

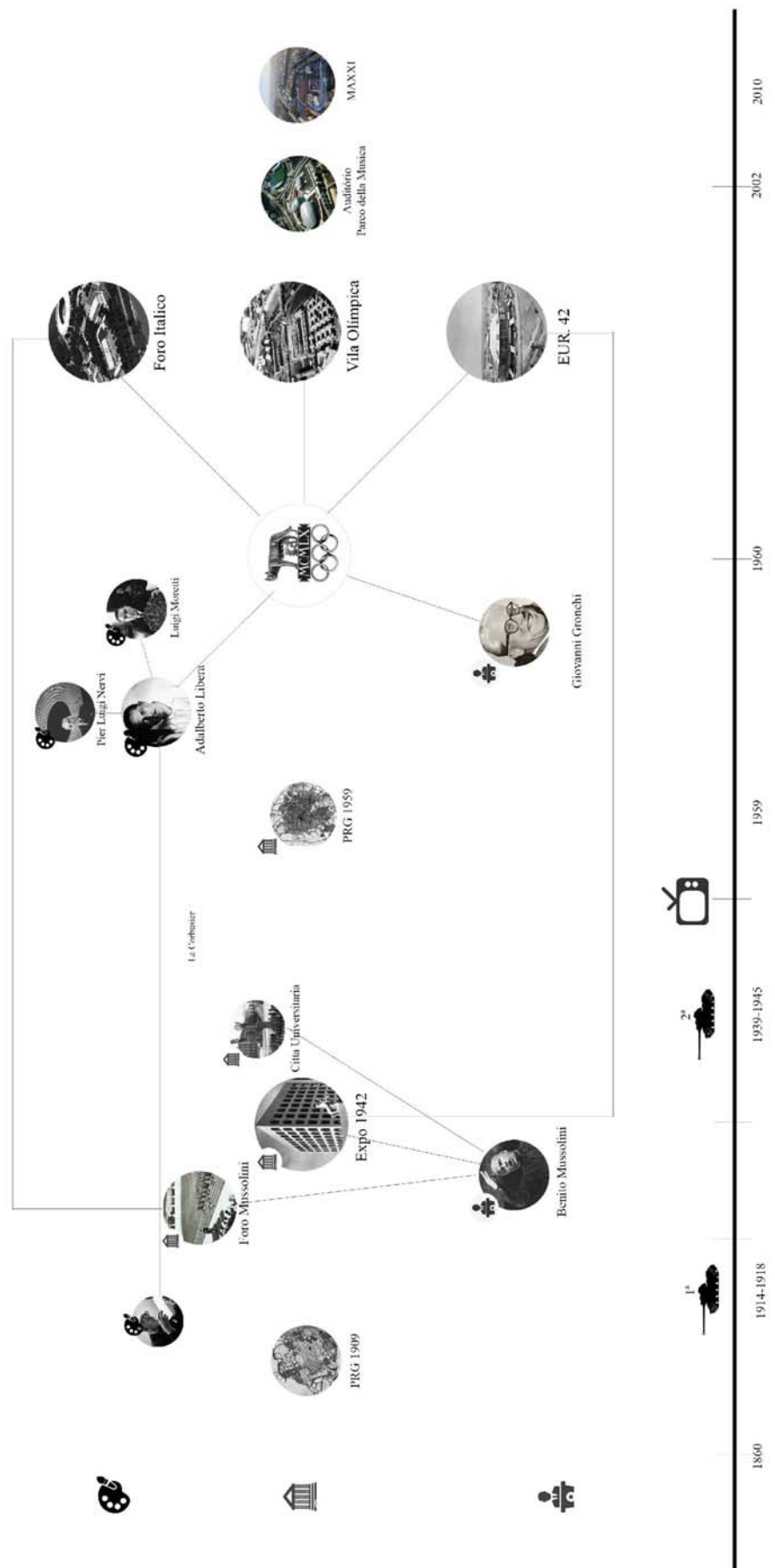
Outros equipamentos mais pontuais, como o Estádio Olímpico são usado pós-evento pelos grandes clubes italianos da série A. Em 1990 é renovado devido a copa do mundo e ganha uma cobertura. Hoje o estádio é usado, desde atletismo, futebol, rugby a concertos e eventos de várias espécies, o que demonstra a vitalidade a longo prazo deste apetrechamento olímpico. Por sua vez equipamentos como o velódromo da área sul (img38 em baixo), de grande qualidade construtiva e arquitectónica, depois de 1968 deixa de ser usado e em 2008 é apagado da história da cidade. O centro desportivo *Tre Fontane*, a sul do EUR 42, também acaba por cair em desuso mas por ter equipamentos sem grande impacto construtivo não deixa “elefantes brancos”. Como podemos ver existem diferentes respostas perante diferentes equipamentos em correlação com a zona, uso, necessidade e cuidado destas áreas.

Para resumir no diagrama abaixo podemos perceber a evolução e influências político-arquitectónicas no processo olímpico. Neste esquema ilustramos como as áreas desenvolvidas nos JJOO têm raízes no período fascista, a não ser a área da vila olímpica que foi criada única e exclusivamente durante a “ocasião”. Outro ponto importante a referir é a forte presença das ideias racionalistas, que advinham do período pré-fascista, e foram continuadas no desenho dos projectos olímpicos. Por fim podemos compreender como as influências dos arquitectos, Adalberto Libera e Luigi Moretti foram importantes no processo de criação destas zonas de expansão e modernização da cidade romana.

---

<sup>50</sup> SALVO, Simona. “A vila olímpica de Roma 1960-2011: por um reconhecimento histórico-crítico” p. 210

# ROMA 1960

38. / Diagrama Roma 1960





## **2.A VIRAGEM DOS ANOS 90**



## 2.1 GLOBALIZAÇÃO E PÓS-MODERNISMO

A década de 80 foi uma época de mudanças significativas, facilmente comprovada com acontecimentos tais como a queda do muro de Berlim em 1989 ou o conseqüente fim da Guerra-Fria que resulta do colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). É na queda das últimas barreiras impeditivas da unificação europeia que se dá seguimento ao conceito de “aldeia global”<sup>51</sup>, e a globalização, essa era da informação e da generalização, pôde nascer e instalar-se muito por causa dessa maior união entre as várias entidades mundiais, desde as financeiras às sociais, ao mesmo tempo cria uma maior liberdade na flexibilização dos serviços, não tão dependentes do centro de uma cidade.

*“os serviços em geral espalham-se e descentralizam para a periferia das áreas metropolitanas, áreas metropolitanas menores, regiões menos desenvolvidas e alguns países menos desenvolvidos. Novos centros regionais de actividade de processamento de serviços surgiram nos Estados Unidos (por exemplo, Atlanta, Georgia, ou Omaha, Nebraska), na Europa (Barcelona, Nice, Stuttgart, Bristol e outros)”*<sup>52</sup>

Esta nova era da comunicação influencia a forma como a cidade se organiza. É também por esta altura que o computador pessoal e a Internet começam a ser mais acessíveis, bem como a qualidade de equipamentos já existentes, tais como a tv, o rádio, o telefone, bem como inovações a partir dos já existentes, como o telemóvel ou o fax, e que mudam radicalmente a nossa forma de comunicar e viver. A facilidade de informação e interacção a partir de vários meios tecnológicos, permite essa “aldeia global”; a troca de informação em qualquer lugar do mundo acedendo assim a uma realidade virtual mas em paralelo com a realidade do Ser Humano, ao ponto de praticamente tudo ser comandado, actualmente, através dessas inovações. Este novo paradigma tecnológico surge associado a um novo paradigma urbanístico, cujo reflexo podemos perceber claramente no período pré-olimpíadas que coincide com uma fase de crescimento e expansão espanhola. Em 1986, Espanha entra na Comunidade Europeia e como refere Castells, reforça a economia e permite um *“rápido crescimento regional ao lado de um boom no sector imobiliário e rápida expansão dos níveis de emprego em serviços empresariais”*<sup>53</sup>.

### **Pós-Moderno/ Modernismo com Memória**

A arquitectura moderna num período pós-bélico é posta em causa por historiadores, arquitectos, matemáticos e escritores como Jane Jacobs, Christopher Alexander ou Bruno Zevi. A escala e o carácter desumano da máquina levantam dúvidas em relação

---

<sup>51</sup> Termo dado pelo filósofo Marshall McLuhan

<sup>52</sup> CASTELLS, Manuel “Sociedade em Rede” p.470

<sup>53</sup> CASTELLS, Manuel “Sociedade em Rede” p.470



40. Presidente do parlamento europeu a dar as boas vindas a Espanha a EEC 1986



41. Mikhail Gorbachev e Ronald Reagon assinando o tratado INF 1987



42. Queda murro de Berlim 1989



às suas premissas. Uma das correntes que procura dar resposta a essa monotonia do modernismo é o pós-modernismo. David Harvey explica a diferença essencial entre as duas:

*“Geralmente percebido como positivista, tecnocêntrico e racionalista, o modernismo universal tem sido identificado com a crença no progresso linear, verdades absolutas, planeamento racional de ordens sociais ideais, e à uniformização de conhecimento e produção. O Pós-modernismo, em contraste, privilegia a heterogeneidade e diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural”*<sup>54</sup>

O pós-modernismo desfragmenta todas as ideias e pensamentos totalitários e cria uma diversidade *“enfazando o indeterminado”*<sup>55</sup>, o que, naturalmente, fez com que as ideias e teorias não fossem imediatamente aceites e, por sua vez, generalizadas. Robert Venturi em *Complexidade e Contradição na Arquitectura* formula esta corrente na arquitectura, protegendo a complexidade, a contradição, a incerteza, o assimétrico e o vernacular. Estamos numa época que passou, muito graças a esse “sentido Global”, muito rapidamente do totalitarismo para o pluralismo. A outra resposta possível a esta crise racionalista, exemplificada no capítulo anterior, resulta de uma fusão da proposta de Bruno Zevi; uma arquitectura orgânica e uma arquitectura racional.

*“la recuperación y adecuación del proyecto dela arquitectura moderna pasa por la reinterpretación de los lenguajes vernaculares- en este caso mediterrâneos”*<sup>56</sup>

Como Montaner menciona é uma fusão das linguagens vernaculares preexistentes, inscritas na cultura mediterrânea, com as directrizes da linguagem da arquitectura moderna. A esta união Peter Buchanan chama de *“Modernidade com Memória”*<sup>57</sup>. Podemos perceber que em Barcelona existe essa conexão com a história, cultura, e materialidade de um lugar, tanto arquitectónica como urbana, e que é paralelamente, bastante arrojada.

*“la arquitectura en el espácio como lugar físico, matemático, plástico, psicológico, racional y funcional (tomemos como referencia las ideas de Moholy-Nagy y de Zevi), a entender la arquitectura como lugar, como algo más concreto, material, real, cualitativo y humano, cargado de cultura, historia, símbolos y cualidades definidas por la luz y la textura de los materiales”*<sup>58</sup>

A equipa de arquitectos e engenheiros têm presente essa memória, essa textura, essa luz, essa tradição e carga cultural. Vão contra o simples ângulo recto e procuram formas e espaços que têm relações directas com a arquitectura vernacular. Oriol Bohigas, já em 1962 escreve um artigo intitulado *“Hacia una arquitectura realista”*<sup>59</sup>

---

<sup>54</sup> HARVEY, David “The Condition of Postmodernity” p.9

<sup>55</sup> Ibidem

<sup>56</sup> MONTANER, Josep Maria “Después del Movimiento Moderno” p.43

<sup>57</sup> AAVV Barcelona Olímpica AV monografias nº 37 p.16

<sup>58</sup> MONTANER, Josep Maria “Después del Movimiento Moderno” p.41

<sup>59</sup> BUSQUETS, Joan “Evolución Urbanística de una capital compacta” p.294



onde expõe a sua opinião em defesa de uma arquitectura que se relacione com o país e economia em que se desenvolve. Podemos sim definir esta linguagem arquitectónica catalã como continuação da “mistura” entre o neo-realismo italiano e o racionalismo que retractamos em Roma mas agora com raízes mais profundas.

## 2.2 URBANISMO CONSCIENTE DA HISTÓRIA (acupunctura urbana)

No Urbanismo acontece a mesma situação: põem-se em causa as teorias expostas na Carta de Atenas e acontece assim uma ruptura no seio do próprio lugar onde se formulou os CIAM. Em 1951, a temática retractada no VIII congresso foi *O Coração das cidades: por uma vida mais humana da comunidade*. Sert e Giedion falam sobre “Centros para a vida da comunidade” e de “Precedentes históricos”<sup>60</sup> respectivamente. O tema da praça como lugar de vida, comunhão e *coração da cidade* é debatido. Os primeiros ensaios do urbanismo onde se nota uma maior atenção à história, dá-se por volta dos anos 60 em Itália sobretudo com Aldo Rossi e sua obra *Arquitectura da Cidade*. O Rossi defende o *locus*, “relação singular e, ao mesmo tempo, universal, entre certa situação local e as construções existentes naquele local”<sup>61</sup> e a importância que tem no momento da intervenção. Cada lugar tem a sua peculiaridade que tem que ser pesada e tida em conta. É muito importante perceber esta mudança no pensamento, pois deixamos de poder olhar para a cidade com a ideia de destruir e começar do zero, como uma *tabula rasa*. Esta nova forma de intervenção tem uma grande expressão sobre os planos e a forma como se virá a intervir urbanisticamente nas próximas décadas. Simultaneamente, o arquitecto e o urbanista já não têm necessidade de criar uma cidade de raiz, visto que o novo desafio é conservar, renovar e requalificar, para que a antiga cidade se adapte às novas necessidades de uma sociedade moderna. Daqui surge o princípio da conservação oposto à nova construção, que exige uma sensibilidade maior.

*“A lo largo de los años ochenta dos ciudades europeas han destacado por el proceso de transdormación completa de ciertas áreas. Se trata de Berlín y Barcelona”*<sup>62</sup>

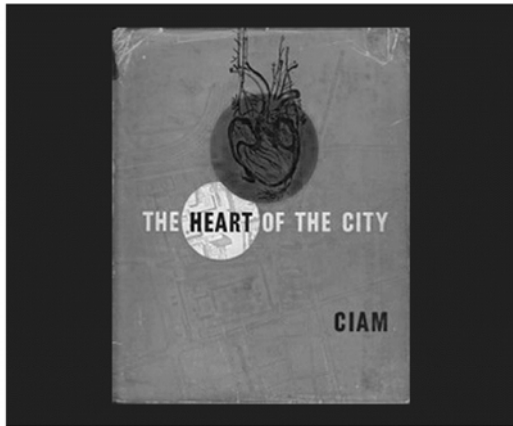
Como Montaner menciona, na década de 80 temos duas cidades importantes na área de crescimento e transformação que põem em prática estas teorias: Berlim e Barcelona. Berlim, que tinha a cidade bastante danificada, cria um projecto de renovação urbana, o IBA (*Internationale Bauausstellung*) que, entre 1979 e 1987, intervém sobre o oeste da capital alemã. Tem como objectivo melhorar os bairros existentes e as zonas degradadas. Enquanto Berlim restabelecia as zonas destruídas pela guerra, Barcelona renova e recupera áreas pontuais da cidade, com maior ênfase na reestruturação dos nós viários, bem como a abertura da cidade para o mar e a requalificação do espaço público. Neste novo paradigma urbano, o espaço público, sobre o qual antes não recaia

---

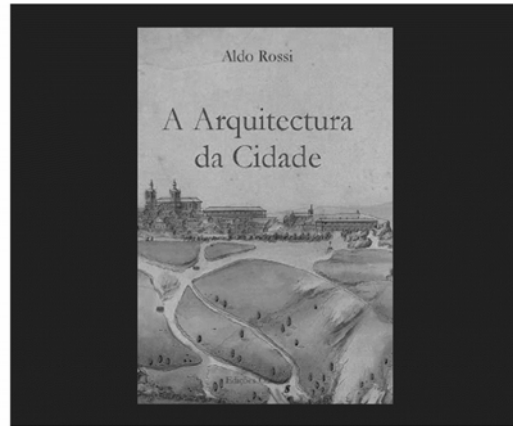
<sup>60</sup> ABRAHÃO, Sérgio “Espaço público: do urbano ao político” p.81

<sup>61</sup> ROSSI, Aldo, “A Arquitectura da Cidade” p. 185

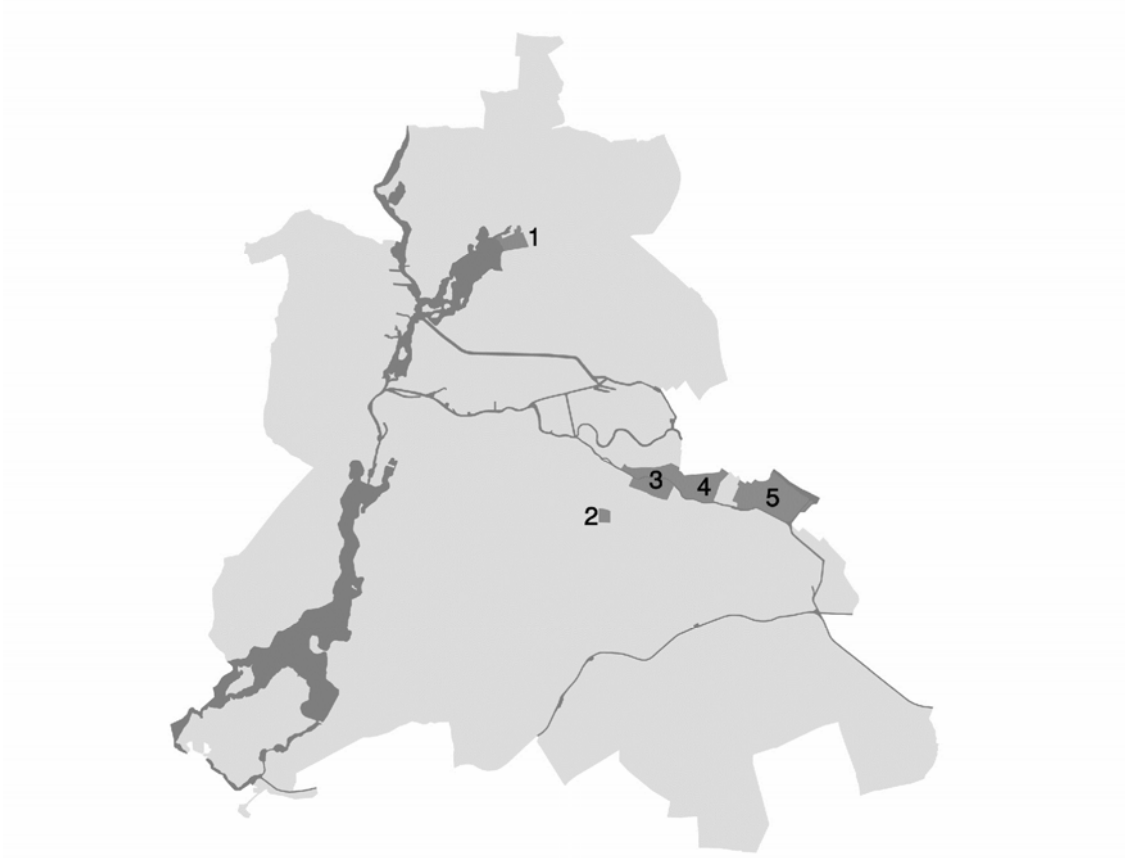
<sup>62</sup> MONTANER, Josep Maria “Despues del Movimiento Moderno” p.202



43. Tema central do 8º CIAM



44. A Arquitectura da Cidade de Aldo Rossi



45. Zonas IBA 1984



46. "Boulevard Tristesse" antes e depois da intervenção do IBA pela mão de Alvaro Siza



47.

grande detalhe nem atenção, torna-se essencial. O desenho, o projecto e realização do mesmo tem um papel primordial. Em Barcelona é dada uma grande atenção às praças, aos detalhes urbanos, ao desenho dos bancos, às luzes, passeios, que, embora se possam qualificar como intervenções pontuais e de custos inferiores, permitiram ainda assim uma renovação sustentável. A intervenção de Barcelona, denominado de “*micro-urbanismo*” desenvolvida durante os anos 80, é o caso mais estudado e de maior impacto.

Com uma população de 4.2 milhões de habitantes, Barcelona é a sexta maior área metropolitana da União Europeia, ficando atrás de cidades como Londres, Paris, Holanda, Ruhr e Madrid. 1.6 Milhões de habitantes estão no município de Barcelona e os restantes na área metropolitana. Barcelona é a segunda capital de Espanha, cuja área metropolitana representa 11% da população espanhola e 21% do emprego industrial. A cidade de Barcelona e a área metropolitana chegaram à dimensão actual durante o período de rápido crescimento populacional dos anos 60 e 70, e, praticamente, duplicou de tamanho. Este crescimento foi similar a várias cidades europeias num período de uma rápida migração rural-urbana. Mas em Barcelona esse acontecimento deu-se de forma algo caótica. Durante o referido período, Espanha era dirigida por um regime político autoritário, que não estava a implementar regulamentos de planeamento nem a investir na cidade para bem dos seus cidadãos. O resultado foi um crescimento confuso que destruiu o centro urbano e criou uma área periférica pobre. Então, 20 anos volvidos, e depois de muita pressão, a cidade abriu-se para a criação de espaços abertos, serviços, facilidades, habitação, infra-estruturas etc. como afirma Raquel Rolnik:

*“Para entender Barcelona, é preciso entender que mais de uma década antes (dos Jogos) a cidade ganhou um governo autônomo socialista, num movimento que era importantíssimo para a Catalunha, de afastamento do controle autoritário e centralizado do franquismo. Trata-se de uma luta democrática e popular que durante pelo menos uma década fez um investimento radical na melhoria das condições de vida dos trabalhadores e de suas periferias, investiu na melhoria das condições urbanísticas desses bairros populares, investiu na moradia, aumentou tremendamente o grau de participação popular na gestão da cidade.”*<sup>63</sup>

Barcelona começou um projecto muito ambicioso de regeneração urbana baseada tanto na reabilitação de espaços centrais como o equilíbrio entre a periferia e o centro. Tal empreendimento teve o seu início em 1979 e foi desenvolvido ao longo de largos anos. A união entre uma época pós-franquista e uma geração qualificada, com destaque impulsor em Oriol Bohigas (director do departamento de Arquitectura e Urbanismo) e Pasqual Maragall (presidente da Catalunha) permitem transformar Barcelona numa “*cidade laboratório*” de arquitectura. As olimpíadas serviram de “*empurrão*” para acelerar o processo de reconstrução e possibilitaram uma escala de

---

<sup>63</sup> ROLNIK Raquel Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: “O espetáculo e o mito” in archdaily



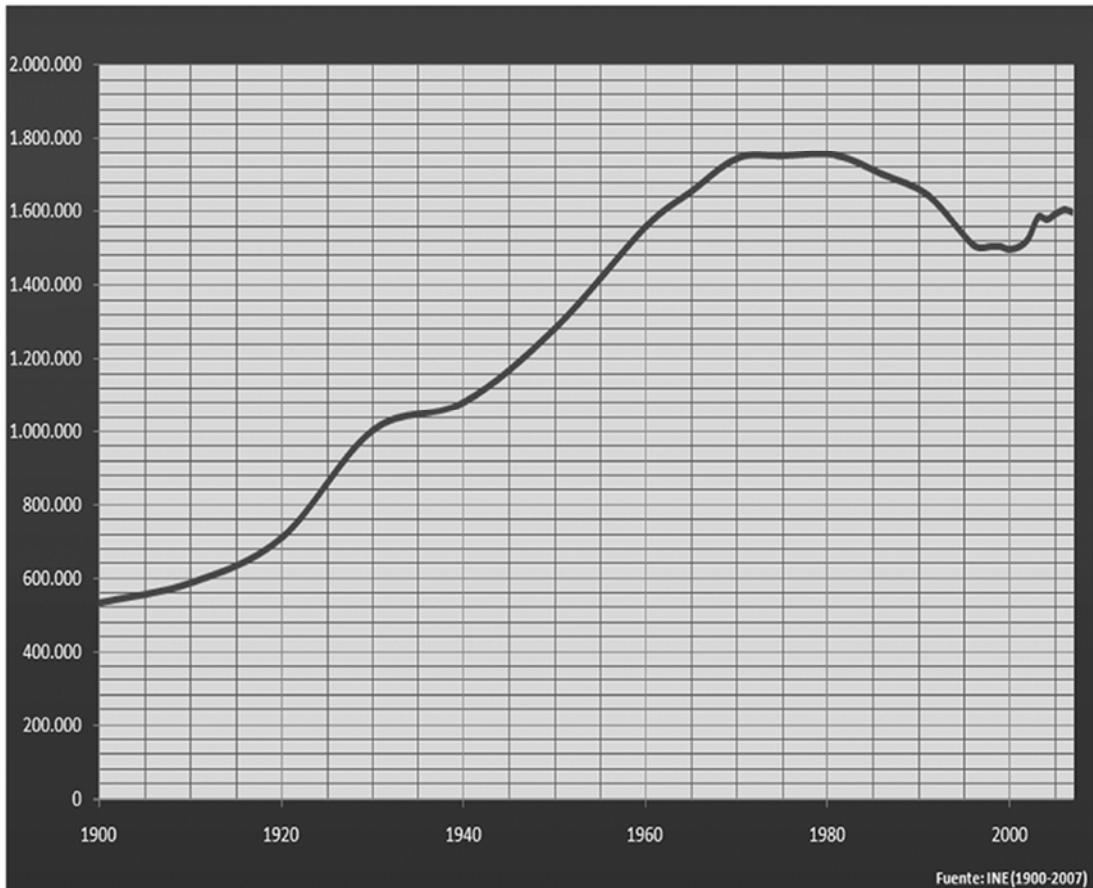
48. Barcelona bombardeada durante a Guerra Civil Espanhola 1938 ( a direita Monjuic)



49. Hitler e Franco 1940



50. Morte de Fransico Franco 1975



51. Evolução demográfica de Barcelona

intervenção radicalmente superior. Se antes se falava de praças, vias e jardins, com os Jogos Olímpicos (JJOO) já era possível falar em profundas alterações nos acessos viários, portos costeiros e vilas olímpicas.

### 2.2.1 CIDADE PÓS-INDUSTRIAL DÉCADA 80 (URBANO)

Tanto em Barcelona como em outras grandes cidades, assistimos ao desenvolvimento do sector industrial e as consequentes necessidades de expansão, criando zonas abandonadas, *brownfields*<sup>64</sup>, nas cidades. O acesso aos novos transportes, tanto colectivos como individuais, permite maior liberdade e crescimento de uma cidade. As primeiras habitações em massa surgem ligadas às indústrias e aos caminhos-de-ferro. Por sua vez esta área de produção tinha a preferência estratégica por zonas costeiras devido a inúmeros factores, que João Pedro Costa aponta:

*“O desenvolvimento industrial requeria uma localização junto a uma fonte permanente de água, o ribeiro ou o rio; a natureza do processo industrial requeria terrenos planos, para facilitar o abastecimento de matérias-primas e de carvão, bem como o escoamento dos produtos transformados; requeria, pela mesma razão, uma proximidade imediata aos meios de transporte mecanizados, que nesta fase eram o caminho-de-ferro (também vinculado a traçados com topografia favorável) e um porto em permanente evolução”*<sup>65</sup>

Ou seja; o porto e o caminho-de-ferro são os parceiros destas indústrias e mostram serem imprescindíveis. Com o passar do tempo, estas instalações perdem a sua força ou necessitam de áreas maiores, o que obriga a que se desloquem para as zonas periféricas da cidade, abandonando as zonas costeiras. Estas linhas acabam por criar um corte entre a pólis e as margens costeiras. Neste excerto, Joan Busquets explica essa fase de transição em Barcelona:

*“La expansión de la ciudad en el siglo XIX, fuera de las murallas, se abre tierra adentro y entre las múltiples cualidades del proyecto de ensanche Cerdà de 1859, no está la calificación del borde marítimo. La ciudad había iniciado ya un proceso de instalación de servicios urbanos: cementerios, gas; y había seguido con el establecimiento del primer ferrocarril español que al tomar la traza litoral en 1849, formará un corte definitivo.”*<sup>66</sup>

Esse corte não resolvido, fecha a cidade para o mar e interrompe a possibilidade do usufruto da população de um espaço privilegiado. Temos exemplos de muitas cidades onde isso acontece: Londres, Helsínquia, Amsterdão, Lisboa, Coimbra, etc. Criam-se

---

<sup>64</sup> Terrenos abandonados de áreas industriais

<sup>65</sup> COSTA, João “Urbanismo e adaptação as alterações climáticas as frentes de água” p.28

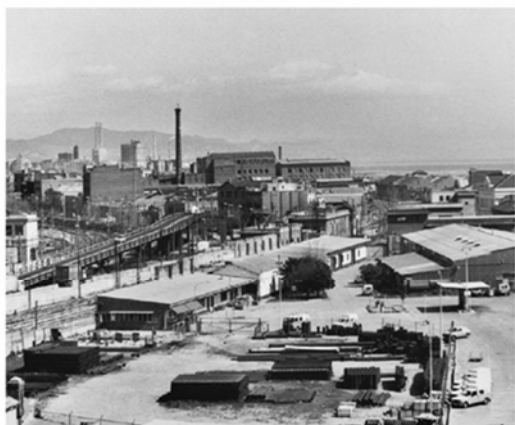
<sup>66</sup> BUSQUETS Joan “Barcelona evolución urbanística de una capital compacta”. p.359



Pescadores praia , Barcelona 1915



Desenvolvimento de bairros na zona das praias



Fábricas sector Av. Icària



Bairros de lata



Eléctrico a circular na zona Bogatell



52. Vista sobre conjunto de vias de Ramal Marina



Vista sobre as condições das praias antes dos JJOO



assim, “*brownfields*” perto de centros históricos com grandes limitações para os cidadãos. Francesco Indovina reforça que “*estes espaços urbanos, com frequência designados de “vazios urbanos” constituíram um dos terrenos mais utilizados para os processos de “capitalização” das cidades e para a sua “modernização”*”<sup>67</sup>.

Os megaeventos surgem como resposta eficaz; abrem estes terrenos para zonas de lazer, áreas verdes, zonas costeiras que envolvem actividades desportivas e culturais. Barcelona tomou conta dessa problemática e renovou a sua estrutura, criando uma das melhores e mais qualificadas áreas da cidade, a *Nova Icària*, que abordaremos mais detalhadamente nas seguintes páginas.

### 2.2.1 PRINCÍPIOS DE PLANEAMENTO

Perante as problemáticas levantadas pelo regime franquista e uma negligência perante a organização urbana da cidade, Barcelona encontrava-se com um problema grave em mãos, construir e consolidar a cidade, que Nuno Portas questiona:

*“E agora? Que poderá fazer a nova administração municipal democrática de Barcelona, liderada pela coligação de esquemas e contando com técnicos altamente qualificados, aplicados numa “acupuntura urbanística”, precisamente nesse imenso tabuleiro de xadrez que é a marca da visão racional de Cerdà- e onde, por virtude da sua lógica, o jogo ainda não está terminado- neste caso, de novo a favor dos habitantes e das classes por que se bateu, perdendo então a partida, o visionário da cidade científica dos trabalhadores e do progresso.”*<sup>68</sup>

Nuno Portas, em 1980, está consciente da situação complexa de Barcelona. Tendo como centro o plano quadricular de Cerdà, que abriu a porta para um novo urbanismo, percebe, que Barcelona necessita de uma transformação indispensável, levantando mesmo a questão: “*E agora?*”, como se volta a organizar uma cidade de forma homogénea? Coincidência ou não, é por volta dos anos 80 que Barcelona começa um projecto ambicioso de regeneração urbana baseado tanto na reabilitação de espaços centrais como no equilíbrio entre a periferia e o centro. Nuno Portas procura responder também à problemática da libertação e transformação das zonas costeiras através de quatro partes essenciais:

*“-em 1º lugar e como denominador comum, a conquista para (toda) a cidade de espaço público ou colectivo, em resposta ao já referido acréscimo exponencial da*

---

<sup>67</sup> INDOVINA, Francesco “Os “grandes acontecimentos” e a cidade ocasional” in Lisbon World Expo98.Projects p.26

<sup>68</sup> PORTAS,Nuno “Os tempos das Formas vol.1 “ p.82



53. Oriol Bohigas (esquerda) Pedro Jorgensen (meio) Nuno Portas (direita) no escritório de Bohigas em Barcelona

*demanda social e cultural com ênfase na democratização do acesso linear a água, como variante multiplicada de lazer e animação urbana.*

*-em 2º lugar a resolução da acessibilidade (novos sistemas e interfaces modais) exigidos pela crescente mobilidade interna das regiões metropolitanas, procurando irrigar as faixas ribeirinhas em substituição de tráfegos pesados (...)*

*-em 3º lugar as tentativas de reposição da mistura de actividades que sempre caracterizou as cidades mais atractivas, conduzindo as buscas de novas tipologias ou ao aproveitamento imaginativo de antigas estruturas construídas, para funções de consumo colectivo, de espectáculo, universitárias, etc. Ou mesmo promovendo a extensão de serviços de residência, podendo nalguns casos pretender chegar à formação de “novas centralidades”*

*-em 4º lugar a escolha das margens aquáticas para a localização descentralizada de parques temáticos –de ciência e tecnologia, campus universitário, centro de turismo e lazer ou para a valorização ecológica, de sistemas costeiros sensíveis- com maior ou menor relação com a água mas frequentemente concebidos como recintos de acesso condicionado.”<sup>69</sup>*

Em Barcelona estes quatro tópicos provam as suas características estruturantes e a todos é dada resposta. A equipa constituída por Oriol Bohigas percebe a importância destes temas: desde o espaço público como *“elemento de identificación y de reestructuración social”<sup>70</sup>*, da mobilidade interna, reorganização e modernização das vias, da utilização de espaços antigos e em decadência como espaços para consumo colectivos e, finalmente, a criação de uma zona diversificada com diferentes actividades que permite uma riqueza, variedade e maior estabilidade das várias zonas da cidade.

*“Así, durante unos cuantos anos, la ciudad se equipó y se transformó con la reconstrucción de plazas, jardines y calles, con la implantación de nuevos sevicios sociales y culturales, con la rehabilitación de viejos edificios, con la actualización funcional histórico, con la nueva identificación de los barrios que habían caído en el anonimato infraurbano”<sup>71</sup>*

A nível da morfologia urbana teve-se em atenção a continuidade aos padrões urbanos, estradas, praças, blocos habitacionais, seguindo a ideia do séc. XIX de Ildefonso Cerdà. Para completar essa variedade e riqueza criam-se áreas, não só habitacionais mas também comerciais, com lojas, espaços de lazer etc. Oriol Bohigas teve, sem sombra de dúvidas um papel importantíssimo na regeneração urbana de Barcelona durante os Jogos Olímpicos. Teve êxito, sobretudo, devido a grande colaboração existente entre os vários organizadores e profissionais.

---

<sup>69</sup> PORTAS, Nuno “Os tempos das Formas vol.1 “ p.98

<sup>70</sup> BOHIGAS, Oriol “Criterios urbanísticos para las cuatro áreas olímpicas” in Barcelona Olímpica La ciudad Renovada p.53

<sup>71</sup> Ibidem p.55



## 2.3 ZONAS OLÍMPICAS E EXPOSIÇÕES

Barcelona situa-se entre dois rios, Besós e Llobregat. Tem fundações romanas que remontam ao séc. 10 a.C. Até ao séc. XIX conteve-se dentro das muralhas que, com a revolução industrial, acabaram por ser transpostas. Através da imagem 53 podemos perceber como a cidade de Barcelona foi usando os megaeventos como fonte de renovação urbana. A primeira grande intervenção foi as ensanche de Cerdà, de 1860, com as quais se demarca o modernismo no urbanismo. A Exposição Universal de 1888 (do lado Este do centro histórico) desenvolve-se numa altura em que Barcelona crescia com a revolução industrial. A cidade expande-se e vai tomando campos agrícolas e zonas como o Monjuic. O crescimento demográfico explode e a população de Barcelona em 30 anos passa de 61.000 habitantes em 1900 para 120.000 habitantes em 1930<sup>72</sup>. Este rápido crescimento, vai forçar a que algumas populações instalem-se em barracas perto do centro histórico, próximo do vale de Monjuic (img.54 zona 2) e na margem litoral. Posteriormente surge a Exposição Universal de 1929 (área sudoeste do centro histórico) o que coincide com a área do Anel Olímpico. É por esta altura que o estádio e as piscinas de Monjuic são inaugurados. As obras para a Exposição Universal de 1929 começaram por volta de 1914 e o projecto dividia-se principalmente em 3 áreas: exposição industrial, exposição internacional e os jardins. Nesta exposição existem vários tipos de estilos arquitectónicos desde neoclássico, barroco e modernista. Foi neste evento que Mies Van der Rohe realizou o Pavilhão de Barcelona, e marcou a história da arquitectura moderna. Esta área acaba por criar directrizes para as quais os Jogos Olímpicos de Barcelona reforçam em 1992.

Outra componente que torna-se importante referir, anterior à candidatura, é o *Plan General Metropolitano de Barcelona* (PGM) de 1976 (img. 53). Representa um dos mais importantes planos para o desenvolvimento para Barcelona. Nele especificam-se e organizam-se as zonas deficitárias e de maior valia. O principal motor por trás destas grandes mudanças é a participação pública nestes planeamentos e estratégias. Nos anos 70 e 80 os cidadão percebem que a cidade influência directamente as suas possibilidades e as condições de vida que têm e em diferentes partes manifestam-se e demostram o seu descontentamento. Como Francesco Indovina, refere:

*“Os cidadãos mostravam-se, digamos assim, nas suas diferenças sociais mas, simultaneamente, agregavam-se e produziam uma nova exigência política”*<sup>73</sup>

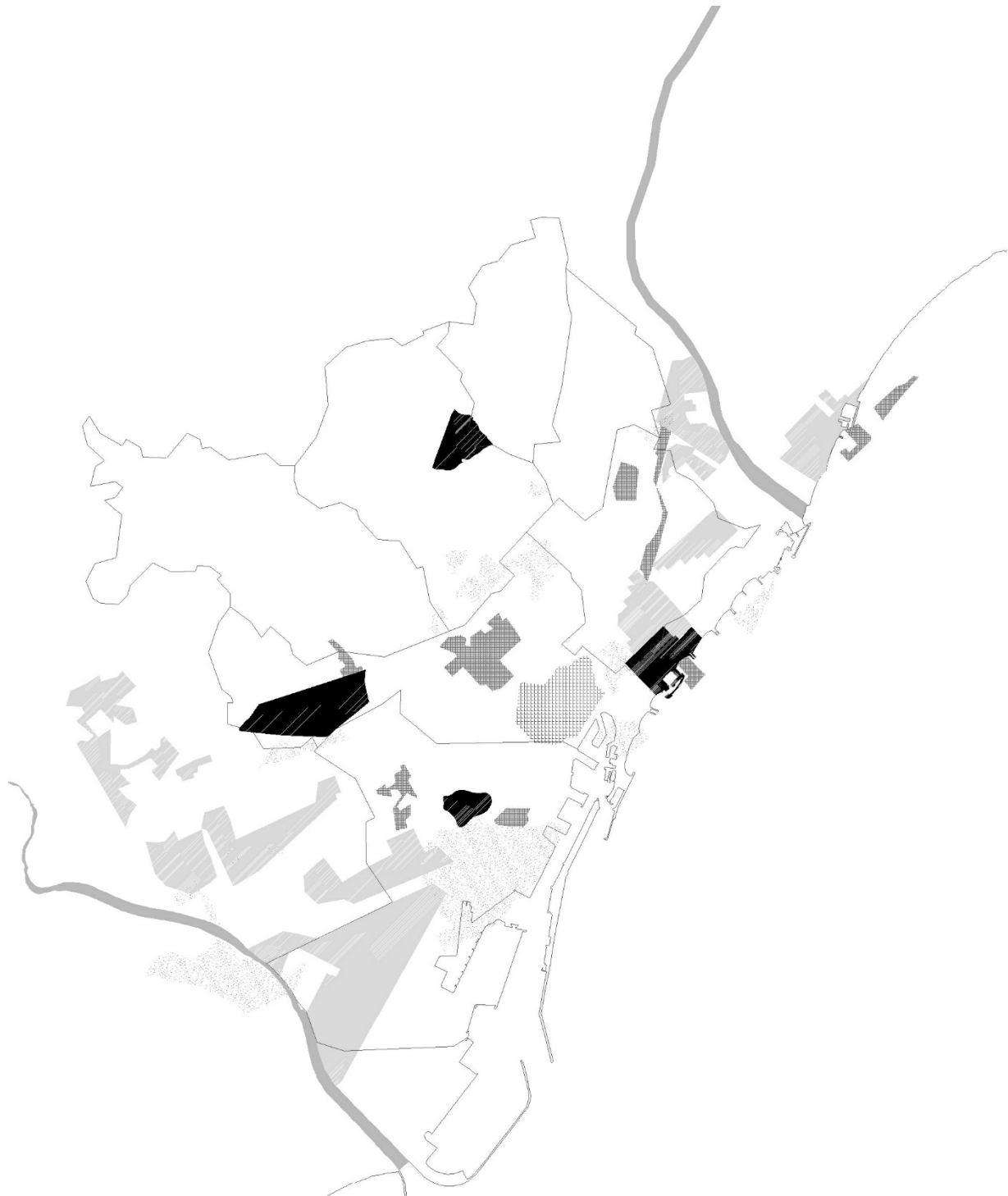
Isso aconteceu em relação à habitação, aos transportes, aos serviços públicos, etc. Ainda hoje, isso acontece em países que se encontram em desenvolvimento e onde existe uma discrepância forte entre a população da classe alta e a classe baixa e com um sector de serviços públicos pouco desenvolvido.

---

<sup>72</sup> TATJER, Mercè; VALLÈS, Cristina; El creixement urbà;p.8

Ajuntament de Barcelona. Arxiu Municipal del Districte de Sants-Montjuïc, 1993

<sup>73</sup> INDOVINA, Francesco “Os “grandes acontecimentos” e a cidade ocasional” in Lisbon World Expo 98.Projects p.25



**LEGENDA**

- Zonas Olímpicas
- ▨ Centro Histórico
- ▤ Área verde P.G.M 1976
- ▧ Zonas antigas P.G.M 1976
- ▦ Zonas industriais P.G.M 1976

**BARCELONA**



53. Planta implantação com as zonas olímpicas e áreas importantes (1976)

Outra questão colocada, prendia-se com a valorização do património existente e as expansões necessárias para permitir uma cidade competitiva e modernizada. O PGM responde as imposições público-urbanas impondo linhas directoras, tais como a reestruturação da habitação, melhoramento das zonas urbanas e dos espaços públicos, melhorias significativas na rede viária, delimitação das zonas indústrias e as necessárias reformas, entre residência e indústria, baseadas nos princípios de planeamento retractados anteriormente.

Em 1982, tendo o P.G.M. como fundo, Barcelona dá mais um passo para conseguir esta reestruturação, prepara a sua candidatura olímpica e sai triunfante em 1986. Percebe que os JOVB devem ser realizados dentro do município de Barcelona, focando zonas sensíveis com o objectivo de alcançar um equilíbrio territorial. Quatro áreas estratégicas resolvem estas carências:

- Diagonal (img.54 zona 1)
- Montjuïc (zona 2)
- Vall d'Hebron (zona 3)
- La Villa Olímpica (zona 4)

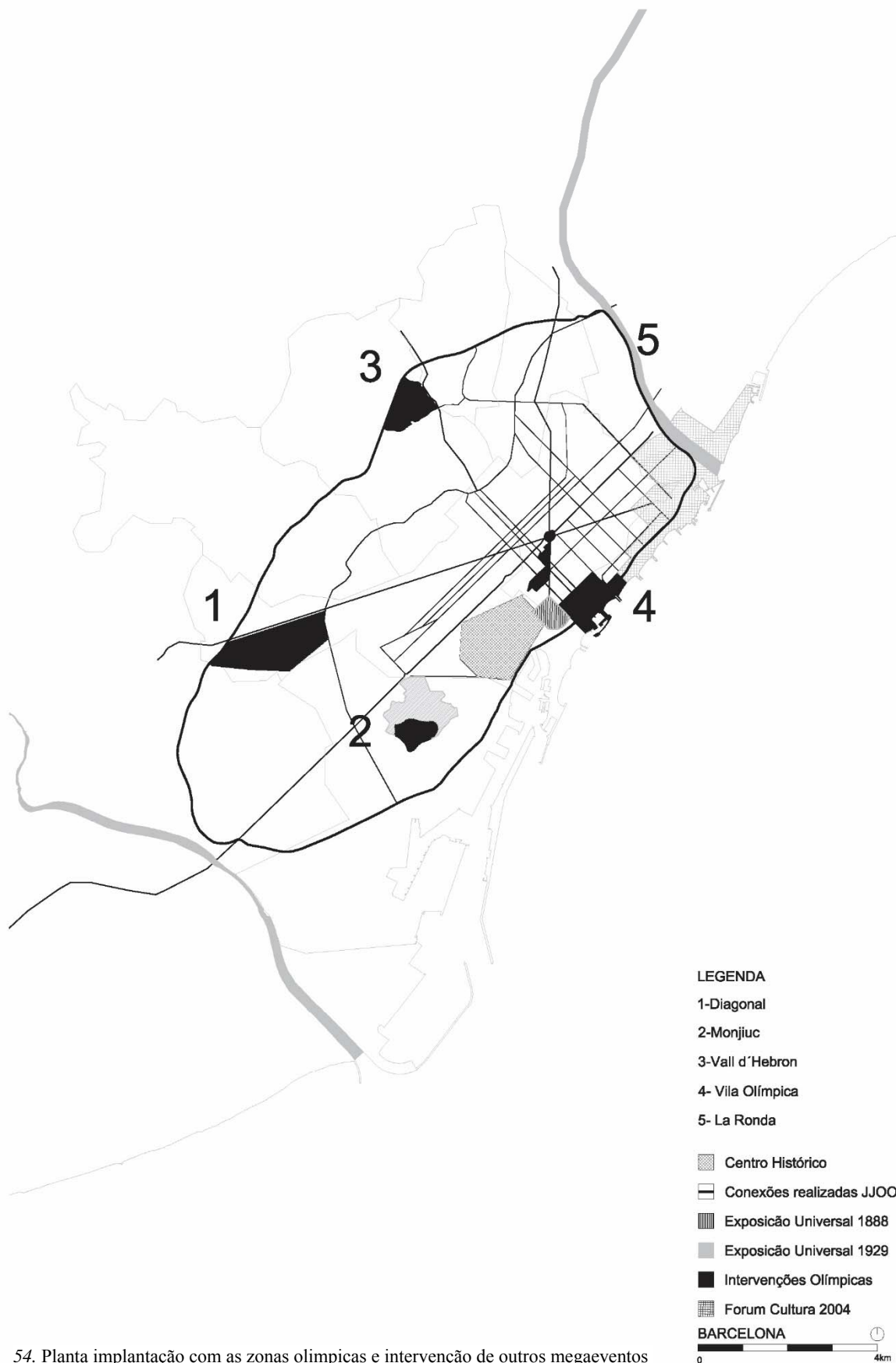
Estas áreas limite do plano de Cerdà são unidas por uma cintura viária (Ronda del Dalt) e permite uma maior facilidade e rapidez de acesso entre as várias zonas resolvendo o problema do congestionamento na cidade. Enquanto em olimpíadas anteriores como por exemplo as de 1932 em Los Angeles, os vários edifícios estavam dispersos na urbe, levantando graves problemas de deslocação e participação de público, 60 anos após, com a revolução da locomoção individual e pública, essa barreira é facilmente ultrapassada. Em Barcelona as áreas estão, no máximo, a uma distância de 5 km, num raio temporal de 20 minutos. Essa conexão vitaliza as novas centralidades e cria uma cidade modernizada.

A maioria do investimento realizado foi direccionado para as infra-estruturas, o que representou 83% do investimento total. As novas áreas habitacionais de *El Poblenou Nou* (zona 4) traduziram-se num acréscimo de 4500 novas habitações e na reestruturação da zona costeira que passou a expressar uma área de 5 quilómetros de praias. A renovação de praças públicas e de espaços verdes, espaços museológicos e desportivos abriu a cidade para a população e para o mundo.

Barcelona inteligentemente aproveitou equipamentos existentes e renovou ou adaptou aquilo que a cidade dispunha, permitindo poupar nos gastos sobre edifícios desportivos. No total, de 43 edifícios usados para os JJOO, 15 edifícios novos foram construídos, 10 renovados e aproveitaram-se 18 já existentes. Os equipamentos existentes foram habilmente completados por bancadas temporárias, a semelhança do que aconteceu em Roma. Este tipo de bancadas foi usada nas piscinas de Bernat Picornell e nos campos de ténis em Vall'Hebron. No primeiro equipamento permitiu triplicar a capacidade e no segundo duplicar<sup>74</sup>. Estas estruturas permitiram acrescentar 89557 lugares durante os

---

<sup>74</sup> AAVV "Official Report of the Games of the XXV Olympiad Barcelona 1992" volume II p.135



54. Planta implantação com as zonas olímpicas e intervenção de outros megaeventos



jogos, 1/6 do total de 545280 lugares (os 5 estádios representam 270000 lugares)<sup>75</sup>. Equipamentos complementares como tendas e quiosques realizados por materiais pré-fabricados, permitiram criar uma “membrana de equipamentos” que serviria exclusivamente durante a realização do evento.

### 2.3.1 ZONA OLÍMPICA DIAGONAL

(arq. Oriol Clos y Maria Rubert)

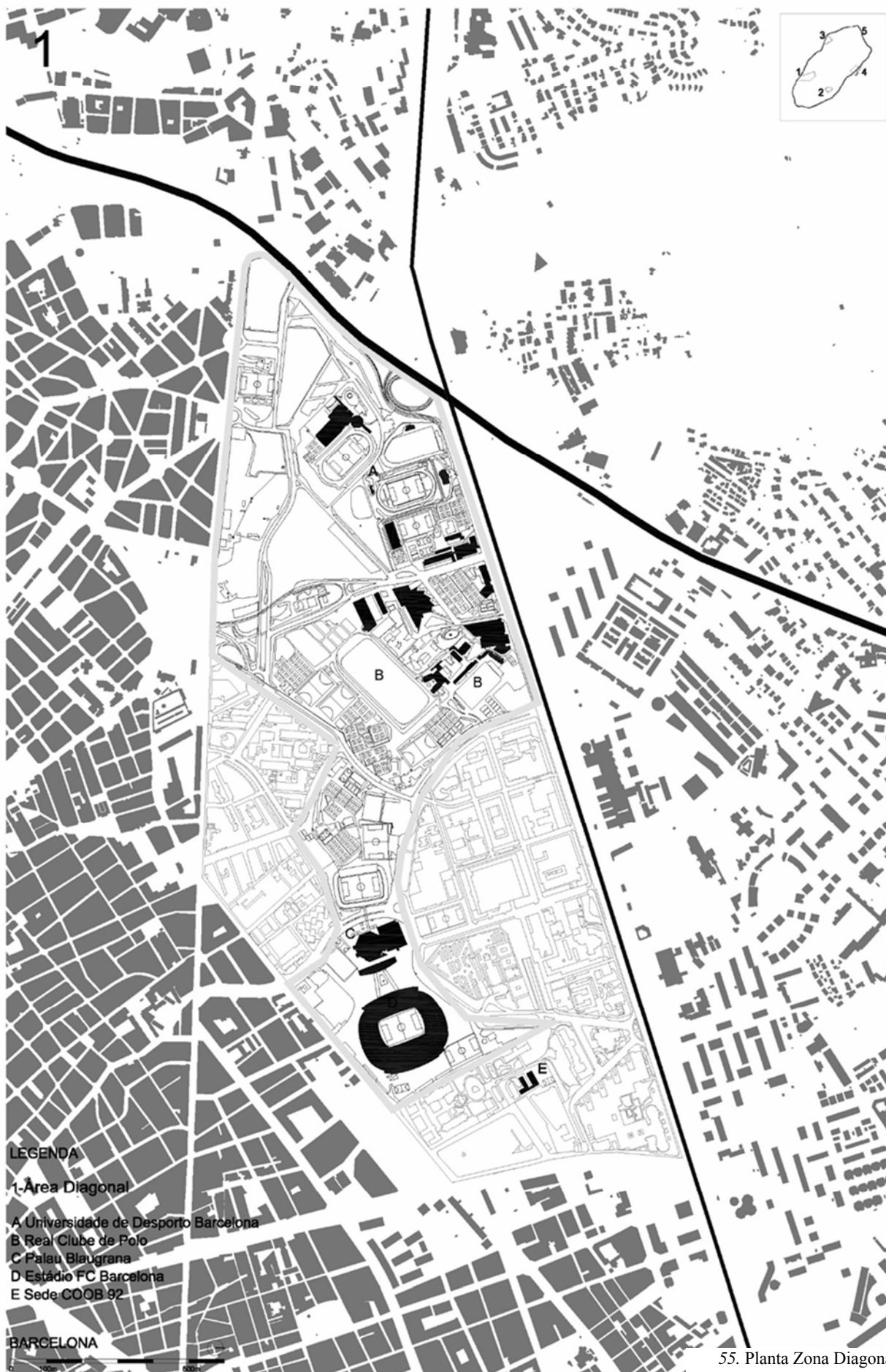
A Avenida Diagonal, corta a malha de Cerdà na transversal e serve como entrada para a cidade catalã. Foi planeada pelo próprio Ildefonso Cerdá, e é uma das principais avenidas da cidade. Esta área, que detém o nome da costa, cresceu à semelhança da Zona do Foro Itálico, durante a época fascista em 1956-1957. Desenvolveu-se também uma Zona Universitária durante a época franquista. Por analogia com Mussolini, Francisco Franco desenvolve áreas universitárias, zonas desportivas e parques. Esta área já detinha equipamentos desportivos mas faltava-lhe organização urbanística e de infra-estruturas. A intervenção olímpica agrega as descontinuidades existentes entre as várias partes de L’Hospital, Sants e Diagonal, procurando integrar estas áreas desarticuladas no sistema geral da cidade. O projecto de Oriol Clos e Maria Rubert desenvolve o espaço público e a sua conexão entre os vários equipamentos<sup>76</sup>. Novas ligações, parques e pontes são elementos urbanos que trabalham o espaço anteriormente esquecido, e através de gestos mínimos repõe o equilíbrio do espaço público, tema central da intervenção neste caso estudo. A Diagonal acaba por ser o segundo campus mais importante depois de Monjuic, devido aos equipamentos existentes nesta zona, como o Estádio de Camp Nou e a área universitária. O estádio de Barcelona é o motor desta zona, construído entre 1954-1957 e renovado para os JJOO.

Esta avenida é importante para a cidade e é ao longo dela que vários edifícios de renome e qualidade arquitectónica, crescem. A Diagonal começa por se desenvolver com a área olímpica onde se encontra o Estádio do FC Barcelona de Francesc Mitjans, Josep Soteras, and Lorenzo García-Barbón, e tem como baliza o Auditório Fórum Barcelona de Herzog de Meuron. O facto curioso é destes extremos da avenida serem duas superfícies desenvolvidas com megaeventos.

---

<sup>75</sup> ibidem

<sup>76</sup> ZARDINI, Miko “ Las infraestructuras de la ciudad” in Barcelona Olímpica La ciudad Renovada p.263



### 2.3.2 ZONA OLÍMPICA MONTJUIC

(arq. Federico Correa, Alforonso Milà, Carles Buxadé y Joan Margarit)

No início do século XX, renova-se a cultura e a paixão pelo desporto que se desenvolveu na era moderna através da revolução industrial, como referimos no primeiro capítulo<sup>77</sup> com Pierre de Coubertain. Em Barcelona, sente-se a necessidade de criar zonas desportivas e de lazer neste virar do século. Duas áreas são propostas, que hoje reflectem essas mesmas directrizes, a zona da Diagonal e a zona de Monjuic. Esta zona, historicamente, é dominada pelo castelo, e posteriormente pelo cemitério e barracas. Como se avizinhava com a criação de zonas industriais, que no século XX eram muito activas, permitiu aos trabalhadores descansar e assistir a uma partida de futebol, ciclismo ou atletismo. Tinha este carácter de lazer e desporto já no início do século.

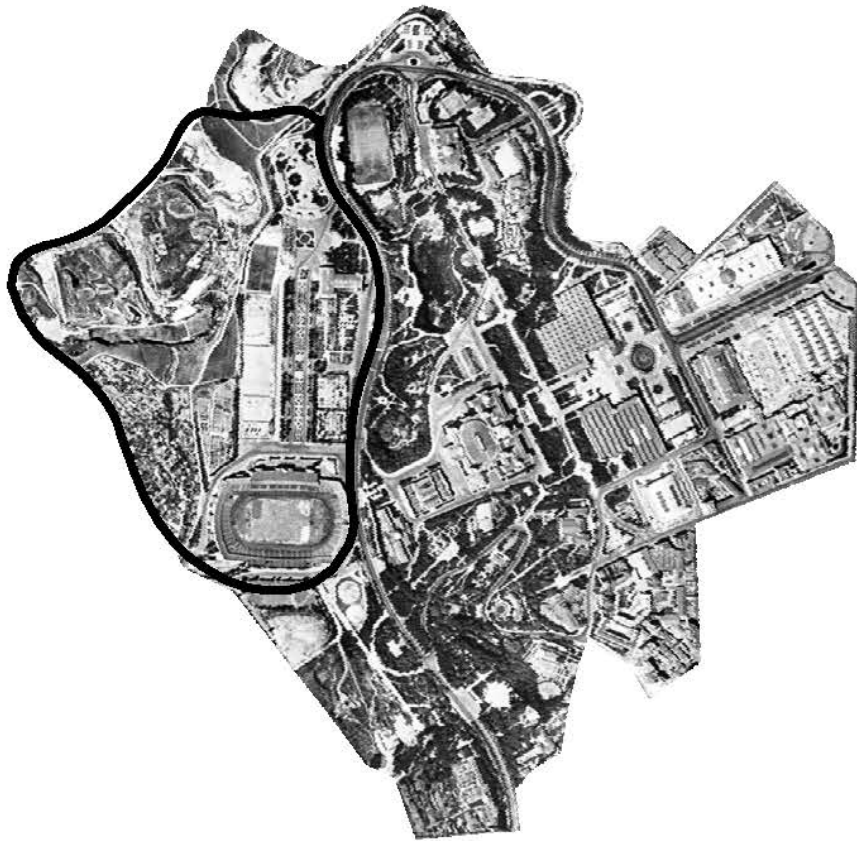
Em 1917, os dirigentes catalães enviam uma carta para o COI a pedir que os Jogos Olímpicos de 1924 se realizassem em Barcelona. Nesse mesmo ano, Pierre Coubertain, responde à carta e menciona que os jogos serão realizados em Paris. A necessidade de construir uma área desportiva para a cidade e a possibilidade de Barcelona ser anfitriã dos Jogos Olímpicos, fez com que se construísse um dos primeiros estádios espanhóis, “*Estadi Catalá*”<sup>78</sup>. Por volta de “*1921 va inaugurar-se L’Estadi Català*”, num lugar deveras peculiar, uma antiga pedreira, como podemos ver pelas imagens na próxima página. As colinas da mesma são usadas para assistir ao espectáculo. O primeiro encontro será feito entre Sparta de Praga e F.C.Barcelona, resultado que acaba por se fixar nos 3-2. Assistiram nas bancadas oficiais e em outras improvisadas cerca de 32.000 espectadores. Posteriormente, como já afirmamos, em 1957 o Estádio oficial passara a encontrar-se na área da Diagonal e o anterior campo passara a ser usado para rugby. Podemos perceber que Barcelona é bastante activa e procura modernizar-se ao mesmo tempo que cria um estilo de vida saudável e social, percebe que, através destes eventos, não só cresce como cidade mas também como cultura e aproveita, sem medos, competir e estar na vanguarda. O desporto passa a ser entendido como um bem físico que mantém a forma e a saúde física.

Em 1929, com a Exposição Internacional, desenvolve-se uma parte do monte original, mas não criou ligações suficientemente fortes entre este vale e a cidade. Esta zona era rica em equipamentos desportivos e museus mas não estavam bem aproveitadas. Os JJOO resolvem essa problemática. As conexões com a cidade envolvente que antes funcionava de forma única, através da Avenida Maria Cristina, é alargado, e criam-se ligações através de parques e miradouros existentes à volta do monte. O Jardim Botânico e o parque de Migdia assim como o miradouro del Ponble Sec, abre o Monjuic para a cidade. A instalação de escadas rolantes na entrada da Exposição Universal tenta facilitar o acesso para esta zona de grande qualidade, afirmando-se como espaço desportivo e verde da cidade.

---

<sup>77</sup> VILANOU, Conrad; OLLER, Rosa; L' esport; Ajuntament de Barcelona. Arxiu Municipal del Districte de Sants-Montjuïc, 1994; p.7

1956



56. Foto aérea 1956

O concurso inicial tinha como objectivo encontrar um só vencedor e criar uma linguagem do conjunto das propostas, mas o júri decidiu dividir os prémios por arquitectos distintos. Foi uma resposta acertada porque, por um lado, os edifícios tomaram uma relativa autonomia no conjunto arquitectónico, o que é característico em Monjuic e por outro forçou os arquitectos a reconsiderarem as suas propostas para se poderem enquadrar no novo conjunto<sup>79</sup>.

O Estádio de Montjuic é um desses elementos do conjunto. Situa-se numa zona privilegiada, sobre uma colina, com a cidade como pano de fundo, e que faz lembrar os anfiteatros clássicos<sup>80</sup>. A juntar a essa ideia, Oriol Bohigas defende o estádio como um espaço aberto e democrático de união entre o desporto, sociedade e colina. Essa transparência e fluidez procurou ser dada na intervenção no novo edifício.

*“Ésta es seguramente la mejor cualidad del Estadio Olímpico de Monjuic: ser un espacio abierto, sin barreras ni físicas ni psicológicas como un pedazo de montaña ligeramente excavado para que atletas y espectadores jueguen y disputen según los principios éticos-según las bases de diálogo democrático- de lo que debería ser realmente el deporte colectivo”<sup>81</sup>*

O Estádio Olímpico aproveita o edifício antigo, desenhado pelo arquitecto espanhol, Pere Domènech i Roura, realizado para a Exposição de 1929, conservando a imagem do edifício e renovando o interior e os acessos. Uma equipa de arquitectos constituída por, Vittorio Gregotti, Federico Correa, Alfons Milà, Joan Magarit e Carles Buxadé respondem à necessidade de maior capacidade do estádio ao escavar o edifício 11 metros, adicionando mais 60.000 pessoas às bancadas. O estádio ganha uma cobertura de metal com 150m de largura e 30m de profundidade e as distribuições e acessos entre as várias áreas do estádio e as cabelagens eléctricas são modernizadas.

Outro edifício que faz parte do emaranhado é o Palau de San Jordi, pavilhão que serviu para varias actividades durante as olimpíadas, tais como o andebol, voleibol, ou ginástica. O equipamento é projectado pelo reconhecido arquitecto japonês, Arata Isozaki. O edifício é inovador e tecnologicamente moderno devido à atitude *high-tech*, característica deste arquitecto. A parte da cobertura foi construída ao nível do chão e ulteriormente levantada para a sua posição actual. O edifício contém um sistema computadorizado de ventilação do interior, que dependente da temperatura e das condições atmosféricas. Este sistema permite que o edifício seja mais eficiente e responde às necessidades interiores, sendo mais eficaz energeticamente.

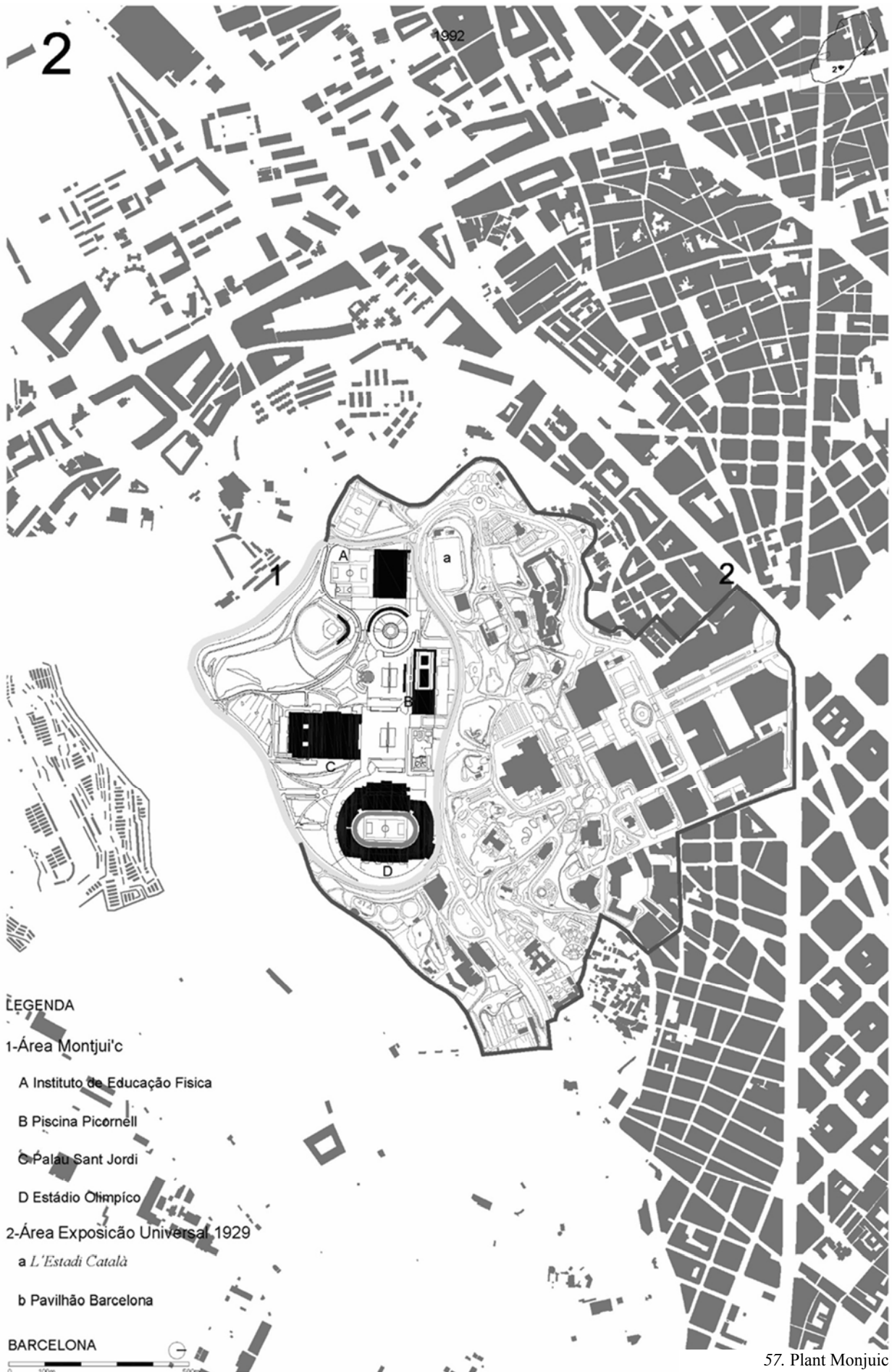
As intervenções olímpicas absorvem dois elementos desportivos existentes, as piscinas de Picornell e o estádio Olímpico, e criam dois equipamentos novos, o Instituto de Educação Física e o Palau Sant Jordi. A ligação entre os vários equipamentos é feita a partir de um espaço público central de matriz regular e monumental. Este espaço funciona como plataforma para o diálogo entre os vários edifícios e a paisagem

---

<sup>79</sup> BOHIGAS, Oriol “La arquitectura deportiva en Cataluña” in Barcelona Arquitectura y Ciudad 1980-1992 p.16

<sup>80</sup> Ibidem p.15

<sup>81</sup> ibidem p.16



57. Plant Montjuïc

envolvente. Mais uma vez podemos perceber o papel primordial destes espaços públicos, não só através dos diversos equipamentos agora disponíveis como na intervenção geral em Barcelona, como sendo unificadores de várias áreas e regenerador da vida urbana.

### 2.3.3 ZONA OLÍMPICA VALL D'HEBRON

(arq. Eduard Bru)

Vall d'Hebron, ponto oposto no mapa de Monjuïc, trata-se de uma área que, ao longo da história, também sofreu da escassez de planeamento urbano, que originou desequilíbrios, o que se traduziu numa zona com poucas condições habitacionais. A necessidade de um espaço público com equipamentos desportivos e lazer tornava-se crucial. Esta lacuna é rematada com a intervenção dos XXV JJOO desenhada e projectada pelo arquitecto espanhol Eduardo Bru. Ele defende que *“actualmente, el espacio libre de la ciudad debe responder a dos conceptos relativamente recientes: uno es el de la libertad(...) y el outro, el de la diversificación en la oferta de usos”*<sup>82</sup> e tenta materializar essa ideia ao perceber a forma como a sociedade usa esses espaços hoje. Propõe ver o espaço, livre e público, visceralmente, não somente como um simples espaço vazio. A cidade tem uma vida diferente e requer soluções diferentes das ágoras clássicas ou das cidades do século XIX. Uma das problemáticas topográficas neste território era o desnível de 80m entre os extremos do projecto. A adaptação para os equipamentos desportivos implicava o nivelamento do mesmo e a criação de espaços planos e com escadas, miradouros e pontos de acesso que se adaptassem ao terreno. O projecto tenta aproveitar as características existentes para a implantação dos novos equipamentos e os acessos moldam-se. Nesta zona cresce o campo de ténis de Tonet Sunyer o velódromo de Bonell e Rius, o pavilhão de tiro da autoria de Enric Miralles e Carme Pinós entre outros edifícios, tal como podemos ver na imagem seguinte. O velódromo é o elemento de maior interesse e um dos primeiros equipamentos a ser construídos para os JOVB (img.58 E). De forma geométrica circular, e construção simples e mínima, emerge de uma topografia de forte declive e com uma linguagem monumental. O pavilhão de Enric Miralles e Carme Pinós, é um edifício interessante na sua morfologia geológica e no seu desenho de *“narrativismo biomórfico del héroe local, Gaudi”*<sup>83</sup>.

---

<sup>82</sup> BRU, Eduardo “Territorios no probados” in Barcelona Arquitectura y Ciudad p.223

<sup>83</sup> INGERSOLL, Richards “Arquitectura de la Barcelona olímpica” in Barcelona Olímpica AV monografias nº 37 p.24



LEGENDA

1-Àrea Vall d'Hebron

- A Campo de tiro com arco
- B Pavilhão Vall d'Hebron
- C Campo ténis Vall d'Hebron
- D Clube desporto hispano-francès
- E Velódromo

BARCELONA



58. Planta Vall D'Hebron



### 2.3.4 ZONA OLÍMPICA POBLENOU

(arq. Josep Martorell Oriol Bohigas, David Mackay y Albert Puigdomènech)

A zona da Vila Olímpica, era uma área industrial que aparece no séc. XIX, tendo tanto espaços industriais como casas da classe trabalhadora. Era um dos centros da revolução industrial em Barcelona e Espanha mas, com a desactualização da actividade industrial e o crescimento ilegal de barracas em junção com uma má gestão urbanística levou ao declínio desta área da cidade. No tempo da intervenção a maioria das actividades desaparecera, e as práticas marginais tomaram conta de zonas como: áreas industriais, antigo mercado de peixe, quartel do exército, prisão para mulheres, praias que se transformaram em locais de lixo industrial e zona de barracas. Em 1986 é aprovado o plano especial de ordenação urbana da fachada marítima de Barcelona, que por sua vez está integrado no Plano General Metropolitano (PGM). O plano pressuponha desenvolver o projecto a partir das seguintes ideias base:

- “-Regeneração da linha costeira e reestruturação da linha de esgotos*
- Reestruturação da linha de comboios, com a eliminação de 2 linhas que cruzavam a área*
- Construção da semicoberta linha da Ronda del Litoral que passava pela área, abrindo espaço para os parques serem postos sobre ela e as estradas do distrito de Eixample poderem ser estendidas para chegar ao mar.*
- Largura do passeio marítimo para 30 metros*
- Construção de uma nova marina, o Porto Olímpico*
- Construção de espaços comerciais hoteleiros e lazer entre a Ronda del Litoral e o Passeig Maritim”<sup>84</sup>*

A intervenção reestrutura toda uma área decadente com uma serie de equipamentos, habitacionais e urbanos, bem como praças, praias, porto olímpico, zonas hoteleiras, e vias de distribuição subterrâneas. Este conjunto de actividades cria um rico leque de equipamentos, onde a ideia modernista de *zoning* é aqui “esmagada” por esta mistura de funções, para além de trabalhar os edificios como conjuntos dentro dum determinado contexto formal e físico. A esse problema urbano Oriol Bohigas refuta que:

*“Hay que construir un ser vivo, pero in vitro. El proyecto de la Villa Olímpica intenta afrontar este problema utilizando (...) la continuidad de la trama del entorno, la mezcla de usos, la multiplicación de proyectistas- coordinados, pero no sometidos-, la reconsideración de morfologías leíbles a pesar de la presencia de nuevas tipologías residenciales, la claridade y amplitude de sus comunicaciones”<sup>85</sup>*

---

<sup>84</sup> GOLD, John e Margaret “Olympic Cities: City Agendas, Planning, and the World's Games, 1896 – 2016” p.230

<sup>85</sup> BOHIGAS, Oriol “La arquitectura deportiva en Cataluña” in Barcelona Arquitectura y Ciudad 1980-1992 p.19



59. Foto Aérea 1956

A variedade e mistura de tipologias, arquitectos e usos, que comunicam entre eles, é a resposta para o problema levantado na Carta de Atenas, sendo a VO um exemplo disso. O projecto é realizado por uma equipa constituída por Josep Martorell, Oriol Bohigas, David Mackay e Albert Puigdomènech (MBMP). Propõem a construção à volta de 2000 vivendas que serão usadas durante os JOVB pelos atletas e *staff* e que, pós-evento, serão vendidas. Solá-Morales explica que a resposta ideológica da vila olímpica tem antecedentes nos anos 60 com o existencialismo humanista:

*“Una concepción nacida en los años sessenta y experimentada por sus autores a lo largo de un número importante de experiencias que, en otros lugares y otros contextos, no hicieron sino corroborar que el humanismo existencialista de los Rogers, Van Eyck, De Carlo, Pevsner o Sert ha constituido el soporte ideológico con el que esta operación se ha llevado a cabo en 1992.”*<sup>86</sup>

Bohigas usa a morfologia histórica das ensanche e da continuidade aos novos quarteirões, mas contradiz-se na variedade de tipologias necessárias para uma nova forma de habitar. O espaço público entre eles define-se como um lugar de coesão urbana. Entre a inovação tipológica e a morfologia histórica, as superquadras demonstram uma expressão e autonomia no seu interior. Este plano desfragmenta-se e tenta criar uma maior unidade entre as quadras. Por sua vez acaba por perder identidade perante a malha de Cerdà. Os MBMP definiram um plano geral que englobava algumas regras urbanas como a altura dos edifícios, uso específico de matérias etc. Isso permitiu que a variedade de arquitectos que trabalhar nestes projectos respondessem com unidade dentro de um plano comum.

*“La combinación de la morfología de manzanas asociada a la ciudad histórica con las tipologías de la vivienda racional que aquí aparece tiene su más claro precedente en la propuesta de Berlage para Amsterdam Sur. El problema en la Villa Olímpica es que la manzana de Cerdà es de gran tamaño, del orden del doble que la de Amsterdam, por lo cual resulta difícil alcanzar una densidad viable de viviendas si se edifica únicamente la corona perimetral con tipos modernos (pocos profundos) en vez de con viviendas profundas con patios intermedios como las del ensanche.”*<sup>87</sup>

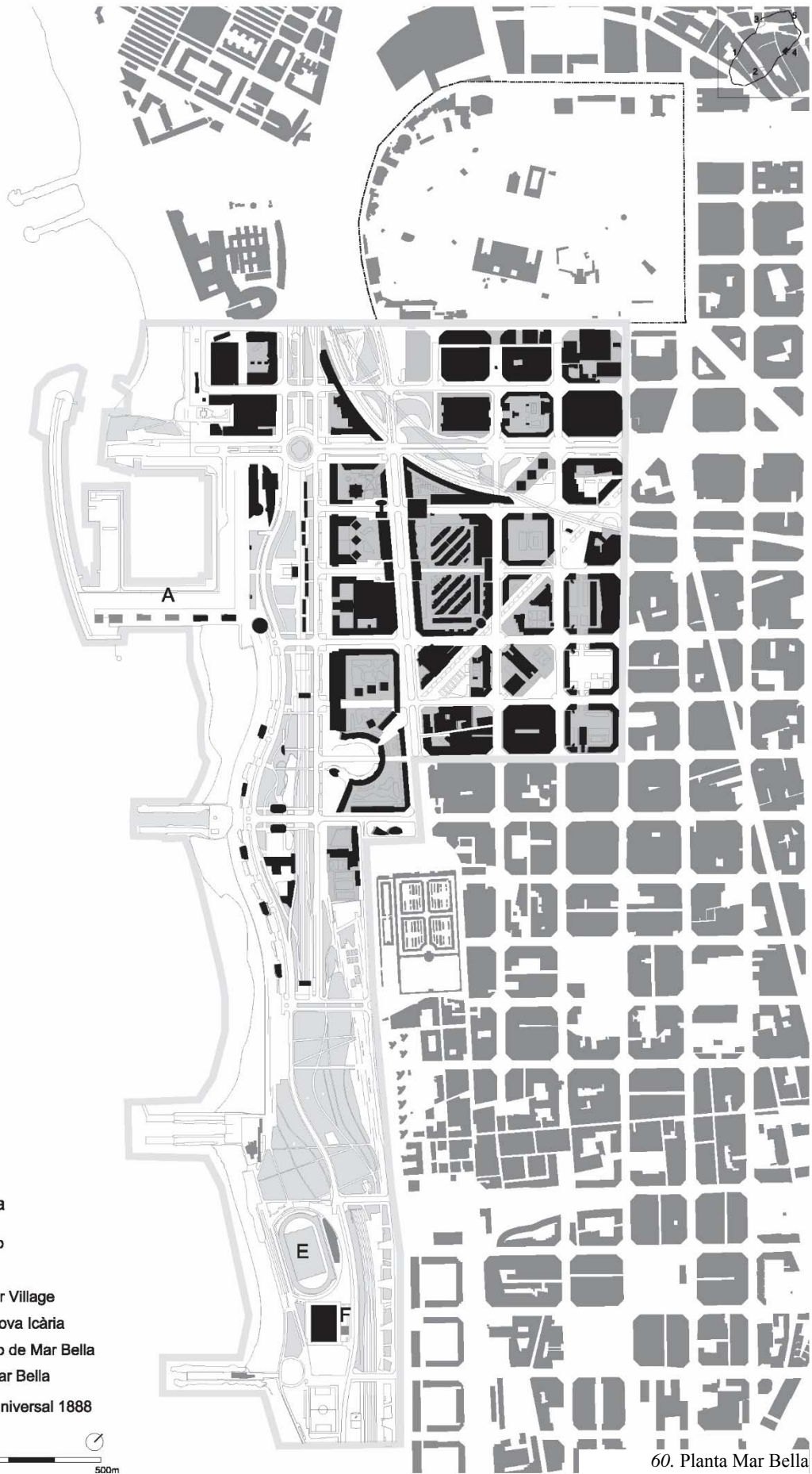
Igualada compara as tipologias propostas pelos MBMP com as de Berlage em Amsterdão, referindo que em Barcelona as parcelas são de tamanhos superiores o que cria um espaço livre superior no interior, embora origine uma dificuldade na densidade habitacional. A resposta tem parecenças com o caso holandês no momento em que se projecta e constrói de forma uniforme perante uma variedade de estilos e gestos mas

---

<sup>86</sup> MORALES, Ignasi “Uso y abuso de la ciudad histórica” in Barcelona Olímpica AV monografias nº 37 p.32

<sup>87</sup> IGUALADA, Javier Pérez “Manzanas, bloques y casas: formas construidas y formas del suelo en la Ciudad Contemporánea” p.164

4



LEGENDA

1-Área Mar Bella

- A Porto Olímpico
- B Vila Olímpica
- C Parque de Mar Village
- D Pavilhão da Nova Icària
- E Campo atlético de Mar Bella
- F Pavilhão de Mar Bella
- [Dashed line] Exposição Universal 1888

BARCELONA

0 100m 500m

60. Planta Mar Bella

com um intuito final assente na qualidade urbana.<sup>88</sup> A malha de Cerdà é definidora para a configuração da vila, mas tem uma organização distinta nos espaços internos. Josep Montaner argumenta que a intervenção não soube aproveitar essa característica existente e defende que o carácter fraccionário da proposta debilitou o projecto:

*“Sin embargo, la solución morfológica- que no sabe aprovechar las características definitórias de la manzana Cerdà. Ni las ventajas del urbanismo moderno-, ni las propuestas tipológicas- basadas en el fraccionamiento máximo de toda la operación- no han alcanzado los resultados deseables”<sup>89</sup>*

Por sua vez o autor defende também um só projecto da VO realizado por Carlos Ferrater (img.60) e explica como e porquê os edifícios de habitação, para os árbitros, foram os únicos a defrontar de forma coerente à malha e organização de Cerdà. As habitações de Ferrater são singulares pois mantêm a tipologia de quadilha cerrada com o espaço público interior, ao passo que o plano de Bogihas “destrói” esse perímetro e procura abrir os quarteirões entre si.

A Vila Olímpica em última análise, resolve a problemática da habitação moderna e debruça-se sobre as morfologias urbanas, tipologias habitacionais e projecto arquitectónico. As variações tipológicas e formais permitem uma riqueza espacial, perante uma unidade urbana. A diversidade de espaços é impressionante, tanto a nível linguístico, estilístico como tipológico, e concentra em si desde edifícios a postes de iluminação e bancos. Temos aqui presente o néctar tanto da arquitectura espanhola com espacialidades de várias formas, materiais e cores, que revitalizaram e demonstraram a nova faceta de Barcelona, ressurgindo como uma Fénix (img.61,62). Esta nova faceta, renovada das cinzas, determinou um desenvolvimento da metrópole, uma superior qualidade de vida e um aumento do fluxo turístico e volume de negócio, abrindo a porta à globalização.

## 2.4 PÓS-EVENTO

Os XXV Jogos permitiram um empurrão que instigou a regeneração e melhoria das condições da cidade e dos seus espaços públicos, relançando Barcelona como uma cidade moderna, global e emergente a nível não só arquitectónico como económico e turístico. Permitiu à cidade uma visibilidade mundial, e colocou em destaque o trabalho da última década com clímax em 1992. Possibilitou também, que profissionais de múltiplas áreas, trabalhassem com as mesmas metas, o que aumentou o nível de qualidade, actuando a todas as escalas, desde o urbano, do *Cinturón de Ronda*, até ao detalhe do mobiliário urbano. Estas operações urbanas pontuais, permitiram que o corpo cidadão se renove e crie um novo metabolismo dentro da morfologia urbana de Barcelona. As Olimpíadas servem mais como reconstrução da cidade do que uma expansão da cidade. Este corpo entra em mutação interna renovando o programa e a

---

<sup>88</sup> AAVV Barcelona Olímpica AV monografias nº 37 p.30

<sup>89</sup> MONTANER, Josep Maria “Después del Movimiento Moderno” p.202



61. Vista aérea durante as construções de Paec del Mar



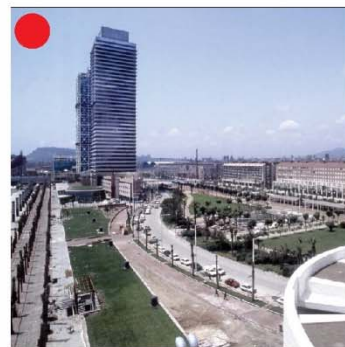
62. Vista aérea sobre Parc del Mar hoje



63. Vista aérea sobre a VO.



64. Passagem sobre a Ronda Litoral



65. Vista sobre o Parc dels Ponts e VO.

anatomia da cidade, preparando o futuro da mesma. Nenhuma outra cidade conseguiu uma regeneração tão completa como Barcelona. Hoje é um caso de sucesso visível, como Luis Fernandez-Galiano refere:

*“La que ha sido durante quince dias senora de los anillos se ha dotado de un nuevo aeropuerto, una elegante torre de comunicaciones y un cinturón de ronda que enlaza las cuatro áreas olímpicas y conecta la ciudad, abierta ahora al mar a través de la mas importante de ellas, la villa que fue de los atletas y el nuevo puerto deportivo.”<sup>90</sup>*

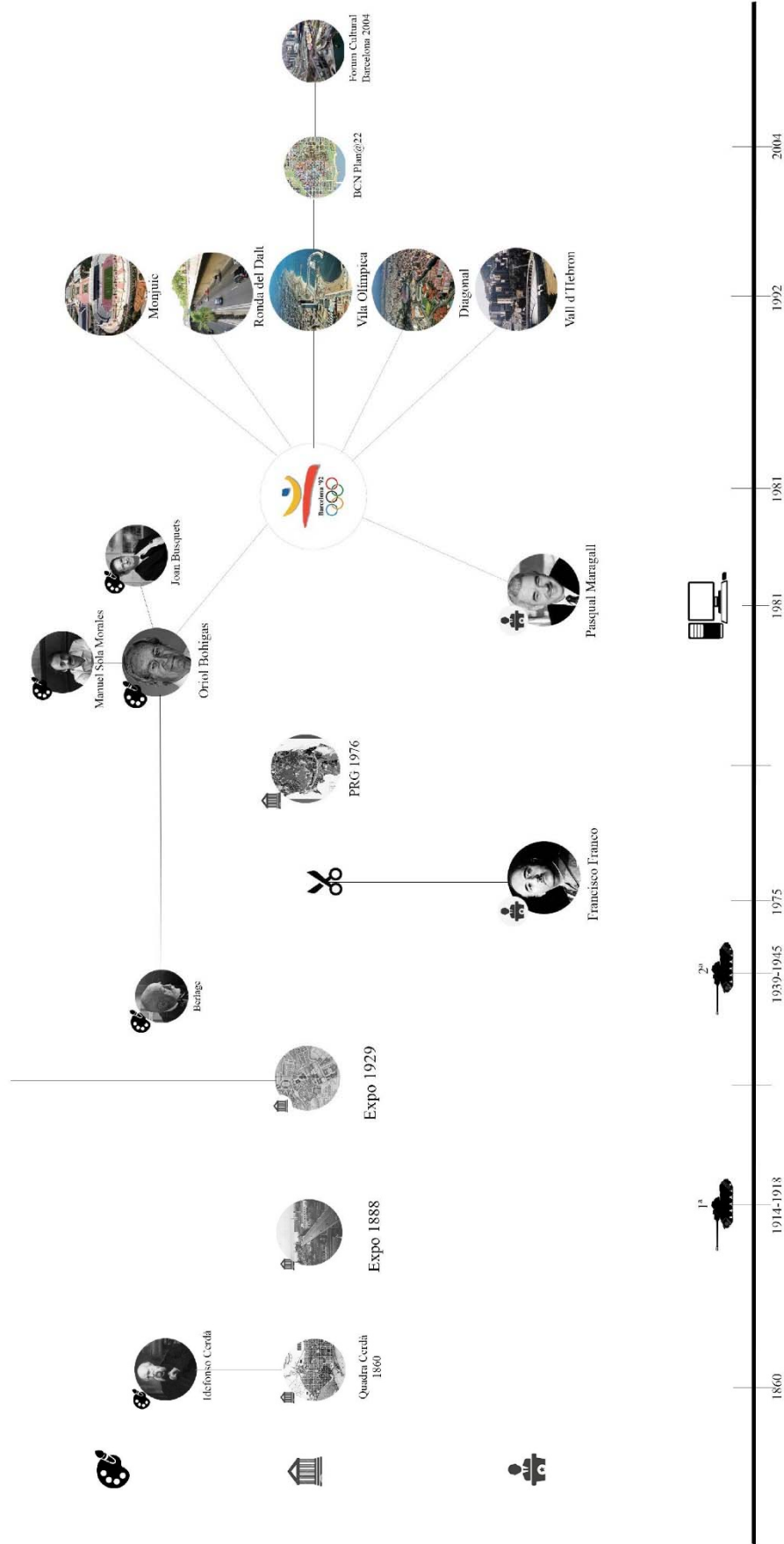
Nos anos que se seguiram, a cidade catalã usou diversas estratégias para continuar a regerar a sua frente marítima e a zonas decadentes através de duas intervenções principais: o Fórum Cultural Barcelona 2004 e Plano 22@BCN. O primeiro é uma continuação da intervenção da costa olímpica a Este, com projectos de renovação de equipamentos públicos e culturais, ao passo que o segundo procura renovar a zona de Poblenou, zona superior à intervenção do Fórum 2004, com equipamentos de carácter tecnológico e inovativo. O projecto do Fórum Cultural 2004, sendo uma continuação do projecto olímpico não teve por sua vez o mesmo sucesso nem impacto. Ao passar por este espaço sente-se o abandono e encontramos um deserto arquitectónico qualitativo. Ao caminharmos em direcção ao porto marítimo a dinâmica muda e deparamo-nos com o vibrar deste espaço costeiro, que acolhe o homem e a sua vida do dia-a-dia. A área da Vila Olímpica e o porto marítimo são áreas que hoje representam um ponto importantíssimo na metrópole catalã. Têm uma dinâmica e movimento que demonstram o sucesso do projecto. A variedade nos equipamentos e possíveis actividades atrai pessoas de várias faixas etárias, etnias e turistas o que combate a segregação.

Para finalizar no diagrama da próxima página podemos observar como Barcelona usou os megaeventos para intervir na cidade. Nos dias que correm, a organização de megaeventos é quase mandatário para as cidades que querem mobilizar recursos e competir. Em Barcelona isto não foi uma estratégia original, pois a cidade usou-a em diversas ocasiões nos últimos 100 anos: durante a 1888 Exposição Universal, em 1929 com a Exposição Universal, em 1952 com o Congresso Eucarística, em 1992 com os JJOO e, mais recentemente, em 2004 com o Fórum Universal da Cultura e o Plano 22@BCN.

---

<sup>90</sup> AAVV Barcelona Olímpica AV monografias nº 37 p.4

# BARCELONA 92



66. Diagrama Barcelona 1992







### **3.NOVO MILÉNIO**

*“O reconhecimento deste lado sombrio do sucesso da produção industrial provocou o segundo de duas grandes mudanças intelectuais do final do século XX. O fim da Guerra Fria e da queda do comunismo foi o primeiro momento; o segundo, surgindo agora em silêncio, é o fim da guerra contra a vida na terra, e a eventual ascensão do que chamamos de capitalismo natural.”*

Paul Hawker, Amory e Hunter Lovins, *Natural Capitalism*, 1999



### 3.1 “CAPITALISMO NATURAL”

Na década de 90 aumentam as preocupações em relação ao meio ambiente e a influência que o homem têm sobre o consumo dos recursos, pois se é verdade que as condições de vida melhoraram abissalmente, em comparação com outras épocas, também é verdade que essas melhorias potenciaram o crescimento das populações e, sucessivamente, as necessidades e as dependências perante os recursos. Paul Hawker, Amory e Hunter Lovins afirmam, necessária uma transformação para o “capitalismo natural”. No início da revolução industrial, a população mundial representava 1/10 do total contemporâneo e o *stock* natural era abundante. Hoje, 200 anos depois, a situação é inversa e a exploração da terra, como se fosse um bem comum gratuito, reside. Para além desta discrepância ambiental, existe uma discrepância económica e social. Pobreza, fome, desemprego, conflitos étnicos e sociais, corrupção, crime etc. estão a crescer igualmente. Estamos perante um mundo volátil, que necessidade de ser reestruturado.

Ao longo da história a relação do homem com a natureza foi-se degradando e nos últimos séculos de uma forma mais abrupta, no propósito de tirar o máximo proveito dos recursos existentes, deixando para este novo século poucas zonas do planeta que se possam considerar virgens. As tecnologias que o homem foi criando para facilitar a sua vida, desde a invenção da roda até aos modelos industriais que conhecemos actualmente, aceleraram o processo de exploração dos recursos. As inovações da Revolução Industrial, que ocorreu precisamente em Inglaterra, criaram um desequilíbrio entre o homem e a natureza ainda superior, desenraizando-o mesmo do seu ambiente rural, marítimo, para se fundir com a máquina. Se durante as épocas de Idade Média e Renascimento, a vila e a civilização era vista como um lugar seguro, com a revolução no século XIX os papéis invertem-se, e sobre a cidade industrial caem os males<sup>91</sup>. A ordem procura-se na primeira metade do século XIX com o Higienismo, no momento em que a saúde do homem é posta em causa e a protecção do meio ambiente surge como resposta. Um século após esse acontecimento, ressurgiu a questão num momento pós-bélico, por aquela que é considerada a primeira cimeira ambiental a *UN Scientific Conference on the Conservation and Utilization of Resources* (UNSCCUR) de 1949<sup>92</sup>. O tema debatido nesta conferência foi o excessivo uso das matérias-primas e o crescimento contínuo da população. Em 1987 realiza-se o protocolo de Montreal e posteriormente, em 1997, o protocolo de Quioto, onde se discute as mudanças climáticas e a protecção da camada de ozono, acabando por ser exigida a diminuição da produção de dióxido de carbono em 5% até 2012. O acordo acaba por não ser cumprido pela maioria dos países desenvolvidos. Países como EUA não assinaram o acordo defendendo que este seria prejudicial para a economia do País.

---

<sup>91</sup> AAVV “Introducción a la arquitectura Conceptos fundamentales” p.62

<sup>92</sup> AAVV “Proceedings of the United Nations Scientific Conference on the Conservation and Utilization of Resources”



68. Cidade de Londres na época da Revolução Industrial



69.



70. UNSCCUR 1949



Conferência UNFCCC, Quioto 1997

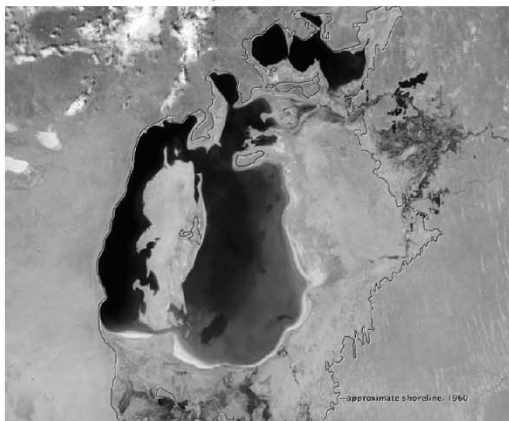
71.



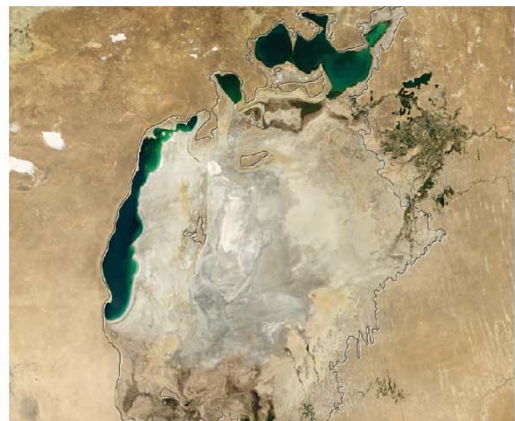
72. Floresta Amazonica, oeste do Brasil em 2000 e 2012



73.



74. Mar de Aral, na fronteira entre o Cazaquistão e Uzbequistão em 2000 e 2014



75.

A introdução de novos conceitos para o uso da energia eólica, solar e eficácia na construção são debatidos. A noção de sustentabilidade começava a ser definida, agregada à necessidade de um “desenvolvimento sustentável”. Podemos perceber que a palavra sustentabilidade tem três bases essenciais: económica, social e ambiental (img.76). Estes 3 campos tem que ser postos em causa e não tratados individualmente, para se chegar a sustentabilidade, como Henri Ascelrad afirma:

*“A suposta imprecisão do conceito de sustentabilidade sugere que não há ainda hegemonia estabelecida entre os diferentes discursos. Os ecólogos parecem mal posicionados para a disputa em um terreno enraizado pelos valores do produtivismo fordista e do progresso material. A visão sociopolítica tem-se restringido ao esforço de ONGs, mais especificamente na atribuição de precedência ao discurso da equidade, com ênfase ao âmbito das relações internacionais. O discurso econômico foi o que, sem dúvida, melhor se apropriou da noção até aqui, até mesmo por considerar sua preexistência na teoria do capital e da renda de Hicks.”*<sup>93</sup>

No entanto, ainda não existe uma boa interação entre os vários campos para se chegar a uma sustentabilidade equilibrada. Acrescendo a esta problemática, o imenso ritmo de mutação das cidades, que põem em questão a flexibilidade urbana e arquitectónica perante a diversidade. Essa capacidade “plástica”<sup>94</sup> dificulta ainda mais a tarefa dos projectistas. O futuro entra na equação espacial onde eficiência energética e qualidade urbana são temas que têm que ser tratados<sup>95</sup>, cidades têm de ter capacidade para serem auto-suficientes e aptidão de misturar várias funções, reduzindo as distâncias e combatendo o excesso de mobilidade e energia. Cidades como Curitiba, têm procurado sistematicamente uma resposta coerente desde 1965. Conta com uma linha de autocarros a funcionar com a rapidez de um metro e políticas que protegem, criam e renovam os espaços públicos<sup>96</sup>. Existe uma sensibilidade maior perante o meio, que está em contínua evolução.

Na arquitectura as questões do quadrante ambiental já tem dado respostas ao longo da história, mas agora apoia-se mais nas possibilidades tecnológicas. A máquina ressurgue, mas desta vez para responder ecologicamente, escondendo a sua firmeza. Através de uma linguagem clássica, vernacular ou pós-moderna a vanguarda tecnológica entra nos gestos arquitectónicos como entrou na vida quotidiana.

*“Los objetos cada día son menores, más fácilmente trasportables, más inteligentes, más suaves, transparentes, plegables y manejables. La arquitectura también podría seguir esta tendencia”*<sup>97</sup>

---

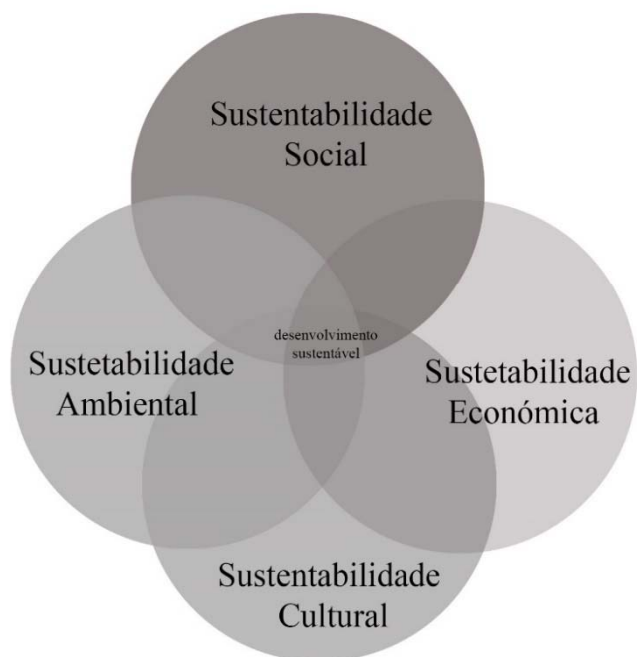
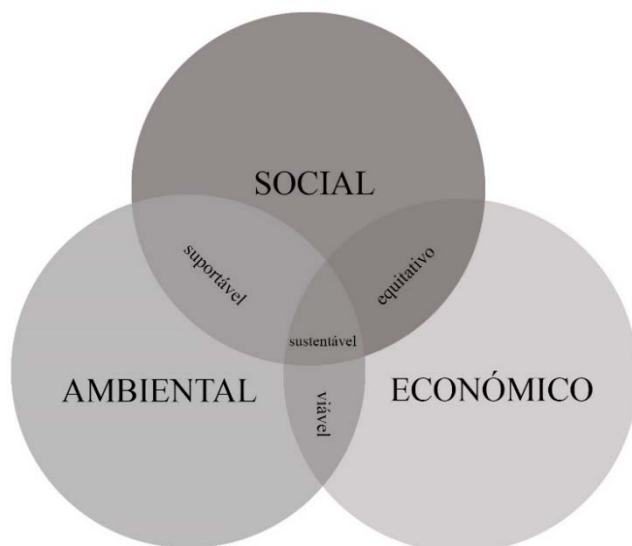
<sup>93</sup> ACSELRAD, Henri “Discursos da sustentabilidade urbana” in Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais p.80

<sup>94</sup> HARVEY, David “The Condition of post modernismo” p.6

<sup>95</sup> ACSELRAD, Henri “Discursos da sustentabilidade urbana” in Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais p.85

<sup>96</sup> AAVV “Introducción a la arquitectura Conceptos fundamentales” p.67

<sup>97</sup> Ibidem p.258



76. Esquemas representativos de relação de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável



Esta componente de avanços tecnológicos permite uma maior rapidez na comunicação nos transportes, na construção, na conexão, na troca etc. À semelhança de um produto industrial, a arquitectura tem que ser capaz de acompanhar os avanços tecnológicos, como afirma Montaner, mas ao mesmo tempo ter a noção do ambiente e da memória em que se insere, procurando um progresso sustentado por componentes de condição histórico, local, ecológico e tecnológico. Evoluir no presente sem esquecer o passado, protegendo o futuro. Os megaeventos podem ser vistos como implementadores destas novas formas de pensar, conseguindo propor uma inovação social em direcção a um futuro sustentável, que permite a flexibilidade e um pensamento mais sustentável a longo prazo.

### 3.2 RENASCIMENTO URBANO

Reino Unido foi o coração da revolução industrial. Isso originou um crescimento urbano e enérgico que deixou marcas significativas nas cidades inglesas. O rápido desenvolvimento das urbes industriais tornou-se sinónimo de poluição e condições de habitação insustentáveis, o que certamente levou a que os urbanistas do séc. XX procurassem fugir a esse conceito de cidade. A inexistência de mistura entre cidade e espaço verde, criam conceitos de cidade jardim de Ebenezer Howard ou a cidade verde de Le Corbusier. Por consequência, o abandono do centro da cidade e uma expansão das áreas periféricas. Essa problemática começa a ser estabilizada em 1943 com Patrick Abercrombie que define uma cintura verde em torno de Londres e lança as bases que, posteriormente, Richard Rogers reforça: proteger as linhas periféricas da cidade:

*“Construir mais de 40% das novas casas em campos verdes é ao mesmo tempo insustentável e inaceitável. Conduzirá para futuras erosões do campo. Vai aumentar o congestionamento e a poluição do ar”* <sup>98</sup>.

Após a era industrial, as cidades inglesas não foram propriamente cuidadosas no que diz respeito ao desenho urbano, o que derivou em espaços danificados e uma polarização da sociedade. Este novo milénio, por seu lado, serviu como um momento de reflexão e mudança. Em 1998 John Prescott, vice-primeiro-ministro do Reino Unido - 1997-2007 - pede a Richard Rogers para organizar a chamada *Urban Task Force*. Nesse programa procurava-se analisar quais as causas do declínio urbano no Reino Unido e demonstrar soluções para alterar esse panorama. O caso de Barcelona é tido como exemplo, e Pasqual Maragall, no prefácio deste estudo, explica que a *“melhor forma de resolver os nossos problemas globais é dividindo-os analiticamente em locais”* <sup>99</sup>. Outra característica que Maragall aponta como decisiva no sucesso de Barcelona é a boa

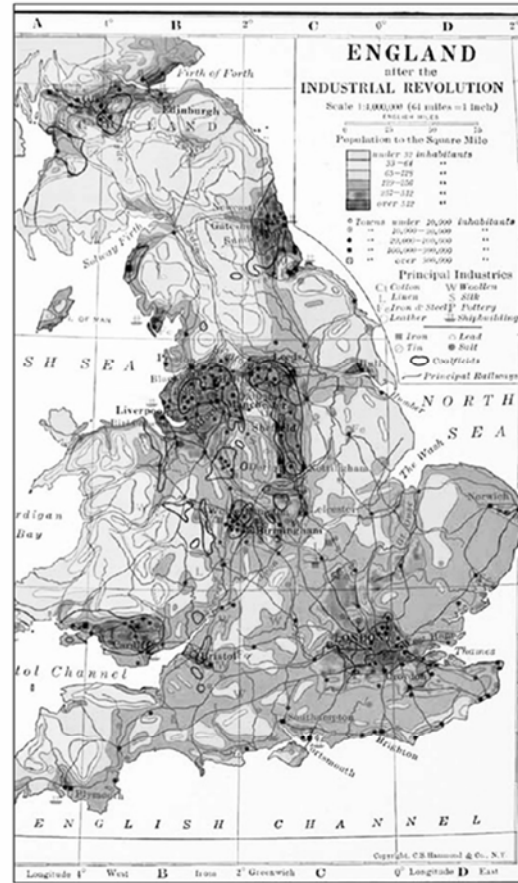
---

<sup>98</sup> ROGERS, Richard “Towards an Urban Renaissance” introdução

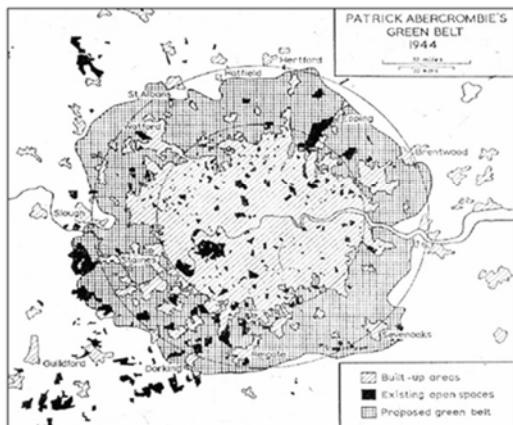
<sup>99</sup> ROGERS, Richard “Towards an Urban Renaissance” prefácio Pasqual Maragall



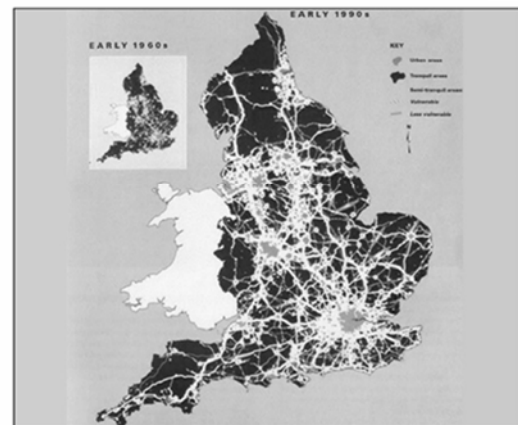
77 Densidade populacional em Inglaterra ante e depois da Revolução Industrial



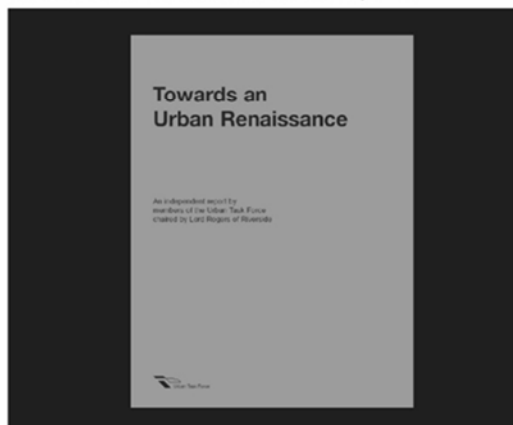
78.



79 Cintura Verde de Patrick Abercrombie, 1943



A constante erosão da paisagem inglesa, anos 90 80



81 Towards an Urban Renaissance, estudo conduzido por Richard Rogers (na direita)



82

aliança entre a Câmara Municipal e a Escola de Arquitectura de Barcelona, o que permitiu uma maior abertura com o público e, paralelamente, uma maior qualidade espacial. Esclarece também que o sucesso de Barcelona não foi causado pelos JOVB de 1992 mas sim pelo compromisso feito pela cidade para melhorar as “*novas praças, parques e edifícios*”<sup>100</sup>. O exemplo de Barcelona foi bem estudado pelos ingleses e muitas das suas linhas matrizes surgem da intervenção feita nessa cidade. À semelhança de Barcelona e de outras cidades europeias, este estudo compreende a importância das superfícies industriais em decadência como sendo áreas prioritárias a renovar e reabilitar para criar uma cidade mais equilibrada e competitiva. A arquitectura e o urbanismo são essenciais na consolidação e defesa destas ideias, e a qualidade e a criatividade dos seus intervenientes têm que partir deste novo panorama. Estes aspectos solucionam grande parte dos problemas levantados pelo crescimento e é através deles que podem ser inseridos instrumentos para que se promova o desenvolvimento deste paradigma sustentável. A ligação entre o espaço público e o espaço habitacional é importantíssima para o bem-estar, qualidade e comunicação entre os cidadãos. Por sua vez as habitações têm que englobar uma variedade de tipologias residenciais. Essa variedade permitirá uma maior mistura entre as múltiplas classes sociais e uma maior liberdade de escolha. O *Urban Task Force* talhou assim essas directrizes sociais, urbanas e habitacionais.

Londres tem vindo a crescer sem precedentes nesta última década. O alargamento da União Europeia para o leste, contribuiu para um aumento na imigração no Reino Unido. Estima-se que este crescimento “*vai trazer 400.000 novos empregos e 500.000 novas residências até 2016*”<sup>101</sup>. Em Fevereiro de 2004 Ken Livingstone (presidente do município de Londres - entre 2000 a 2008) propõe um novo plano<sup>102</sup> no qual defende um crescimento sustentável dentro dos limites da cidade aumentando a densidade urbana e intervir em detrimento do Leste da cidade, consoante a análise feita por Richard Rogers. A promoção do combate às diferenças sociais, a melhoria dos transportes, intervenções urbanas procuram fazer de Londres uma “*cidade global*”, mais visível e próspera e, finalmente, tornar a capital numa cidade verde, propondo reduzir o consumo de CO2 em 60% até 2050. Acaba por ser este o ponto de viragem perante a introdução de uma política verde, a partir da qual qualquer novo empreendimento deve responder a um conjunto de parâmetros sustentáveis. Os JOVL acabaram por ter um papel importante no alcance destas metas, para este “*renascimento urbano*”.

### 3.2.1 PRINCÍPIOS DE PLANEAMENTO, “UM PLANETA OLÍMPICO”

Nos Jogos Olímpicos, as questões ambientais e de sustentabilidade, começam a ter maior ênfase no virar do milénio. Tanto em Sydney 2000 como Atenas 2004, existe uma tentativa, mas sem conseguirem obter uma resposta completa, quer economicamente,

---

<sup>100</sup> Ibidem

<sup>101</sup> BURDETT, Ricky “The capital of suburbia” in *The Endless City* p.145

<sup>102</sup> LIVINGSTONE, Ken “The London Plan spacial delopment strategy for Greater London” [http://static.london.gov.uk/mayor/strategies/sds/london\\_plan/lon\\_plan\\_all.pdf](http://static.london.gov.uk/mayor/strategies/sds/london_plan/lon_plan_all.pdf)

One Planet Living Principle	Strategy	Games	Legacy
<b>Zero Carbon</b>	Reducing carbon dioxide emissions by minimising building energy demand and supplying from zero/low carbon and renewable resources	<ul style="list-style-type: none"> <li>Design and construction of Olympic facilities based on maximising energy efficiency and use of low carbon and local renewable energy sources</li> <li>Basis for long-term sustainable energy infrastructure and management to be established</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Athletes' Village capable of being energy self-sufficient</li> <li>Distributed network of heating, cooling and power serving local communities</li> <li>Energy efficient sports venues</li> </ul>
<b>Zero Waste</b>	Developing closed resource loops. Reducing the amounts of waste produced, then reclaiming, recycling and recovering	<ul style="list-style-type: none"> <li>No Games waste direct to landfill—all treated as a resource</li> <li>Zero waste target a pivotal procurement driver</li> <li>Closed-loop waste management at all venues</li> <li>Public information campaign to promote high quality front-of-house waste separation</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Zero waste policies extend across East London based on high recycling rates and residual waste converted to compost and renewable energy</li> <li>In-closed market for recycled products</li> <li>Closed-loop waste management to be standard practice for major sports events</li> </ul>
<b>Sustainable Transport</b>	Reducing the need to travel and providing sustainable alternatives to private car use	<ul style="list-style-type: none"> <li>All spectators travelling by public transport, walking or cycling to venues</li> <li>Low/no emission Olympic vehicle fleet</li> <li>Olympic Park Low Emission Zone</li> <li>Carbon offset programme for international travel</li> <li>Individualised travel plans as part of integrated ticketing process</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Increased connectivity across and between legacy developments and neighbouring communities</li> <li>Reduced car dependency</li> <li>Car free events policy adopted for other major events</li> <li>Greater market for zero carbon transport</li> </ul>
<b>Local and Sustainable Materials</b>	Materials chosen to give high performance in use with minimised impact in manufacture and delivery. Using local materials can have further benefits to local economies and in supporting traditional solutions	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reclaimed, recycled and local construction materials used</li> <li>Temporary buildings made for reuse elsewhere</li> <li>Healthy materials used for construction and merchandise</li> <li>Materials with low environmental impact used for merchandising</li> <li>Robust Procurement and Management Systems implemented</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Reclaimed, recycled and local construction materials used during transformation into legacy mode</li> <li>Training and job opportunities locally in re/manufacturing</li> <li>Local and sustainable materials supply chains maintained</li> </ul>
<b>Local and Sustainable Food</b>	Supporting consumption of local, seasonal and organic produce, with reduced amount of animal protein and packaging	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promotion of local, seasonal, healthy and organic produce</li> <li>Promotion of links between healthy eating, sport and wellbeing</li> <li>Partnerships between caterers, suppliers and sponsors</li> <li>Composting of food waste as part of Zero Waste plan</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Increased markets for farmers in the region</li> <li>Markets, catering and retail outlets supplying local food products</li> <li>Composting facilities integrated into closed-loop food strategy</li> </ul>
<b>Sustainable Water</b>	Reducing water demand with sustainable management of rain and waste water	<ul style="list-style-type: none"> <li>Olympic Park incorporating water recycling, rainwater harvesting and water conserving appliances</li> <li>Dual water quality supplies to new buildings</li> <li>Recycled water used for irrigation or vehicle washing</li> <li>Sewage and grey water fed into energy production</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Long-term sustainable water supply and management</li> <li>Water efficient homes and infrastructure</li> <li>Lower Lea Valley self-sufficient in water</li> <li>Ongoing management of waterways to provide amenity and wildlife habitat</li> </ul>
<b>Natural Habitats and Wildlife</b>	Existing biodiversity conserved with opportunities taken to increase ecological value and access to nature	<ul style="list-style-type: none"> <li>Remediation of land and creation of large new urban park</li> <li>Waterways rejuvenated to provide amenity and wildlife habitats</li> <li>Olympic Biodiversity Action Plan implemented</li> <li>Buildings and infrastructure designed to minimise ecological impact</li> <li>Landscaping, planting and building design to increase biodiversity</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Net gain of ecologically valuable green space</li> <li>Biodiversity an integral component of urban and park environment</li> <li>People have greater local access to nature</li> <li>Lea Valley 'green corridor' connected to River Thames</li> </ul>
<b>Culture and Heritage</b>	Cultural heritage acknowledged and interpreted. Sense of place and identity engendered to contribute towards future heritage	<ul style="list-style-type: none"> <li>Development of Olympic Park to reflect local heritage and contemporary culture</li> <li>Facilities to acknowledge, reflect and support diversity of local audience and global visitors</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Creation of a vibrant and diverse legacy community</li> <li>Local and traditional industries revived to create employment and sense of identity</li> <li>Ongoing development and management of legacy community to include public and stakeholder consultation</li> </ul>
<b>Equity and Fair Trade</b>	Create a sense of community. Provide accessible, inclusive and affordable facilities and services	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fully accessible facilities for all</li> <li>Equity and Fair Trade an integral element of Procurement and Management Systems</li> <li>Affordable ticketing and accommodation</li> <li>Commitment to ethical business transactions</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>High proportion of affordable housing</li> <li>Mixed-use development to create sense of community</li> <li>Opportunities for local employment and education</li> <li>'Green' business hub</li> <li>Fairtrade community status achieved</li> </ul>
<b>Health and Happiness</b>	Promote health and wellbeing. Establish long-term management and support strategies	<ul style="list-style-type: none"> <li>Extensive public and stakeholder consultation</li> <li>Programme to promote the health benefits of sport and exercise</li> <li>Healthy internal and external environments in the Olympic Park</li> <li>Safe and secure facilities and environments provided</li> <li>Facilities for worship and spiritual development</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Healthy internal environments in homes and other facilities</li> <li>Improved air quality, visual amenity and soundscape</li> <li>Community facilities to provide healthcare, vocational training and other support structures</li> <li>Legacy community management and support structures to facilitate long-term sustainable living</li> </ul>

83. Quadro com os 10 princípios para “Um planeta Olímpico” e respectivas estratégias para os JOVL e legado

quer socialmente e ambientalmente. Só com os Jogos Olímpicos de Londres 2012 toda a organização e todas as entidades envolvidas lutaram pelo mesmo objectivo, em direcção aos primeiros jogos sustentáveis da história, ao ponto dos organizadores inspirarem-se nos 10 princípios do The World Wide Fund for Nature (WWF) <sup>103</sup>:

*“1-Zero carbono*

*2-Zero desperdício*

*3-Transportes sustentáveis*

*4-Materiais sustentáveis e locais*

*5-Alimentação sustentável e local*

*6-Água sustentável*

*7-Habitas naturais e vida selvagem (regenerar)*

*8-Cultura e Património (proteger e construir)*

*9- Equidade e troca justa (impacto positivo entre as comunidades)*

*10-Saúde e felicidade”<sup>104</sup>*

*“One Planet Olympics”<sup>105</sup>* foi o lema criado a partir destes pontos e contou com a ajuda directa de organizações como o WWF e o BioRegional. Segundo já se afirmou, seriam necessários três planetas terra se todos vivessem como em Inglaterra, aqui propõe-se voltar a realidade de uma planta. Neste momento, a nível mundial, necessitamos de um planeta e meio<sup>106</sup>, o que significa, que ainda estamos a viver para além das capacidades do planeta azul. As olimpíadas, através da criação do Olympic Games Global Impact (OGGI) e seguindo as ambições da Agenda 21<sup>107</sup>, foram em direcção aos primeiros jogos sustentáveis. Sendo um dos maiores megaeventos internacionais, procura mostrar às populações a necessidade de preservar o ambiente, fazer desporto e viver melhor na sua relação com o meio. Outra característica que moldou o caminho, não só dos princípios olímpicos como na intervenção em muitas das cidades londrinas foi o *Urban Task Force*. Richard Rogers expõe uma serie de factores que serão condutores dessa mutação para o futuro das áreas urbanas:

*“-revolução tecnológica: centrada na informação tecnológica e o estabelecimento de novas redes que conectam pessoas do nível local ao global*

*-ameaça ecológica: melhor percepção dos impactos globais do consumo humano dos recursos e a importância do desenvolvimento sustentável*

*-transformações sociais: mudar hábitos aumentando os anos de vida e o desenvolvimento de novas escolhas de estilos de vida” <sup>108</sup>*

---

<sup>103</sup>[http://wwf.panda.org/what\\_we\\_do/how\\_we\\_work/conservation/one\\_planet\\_living/about\\_opl/principles](http://wwf.panda.org/what_we_do/how_we_work/conservation/one_planet_living/about_opl/principles)

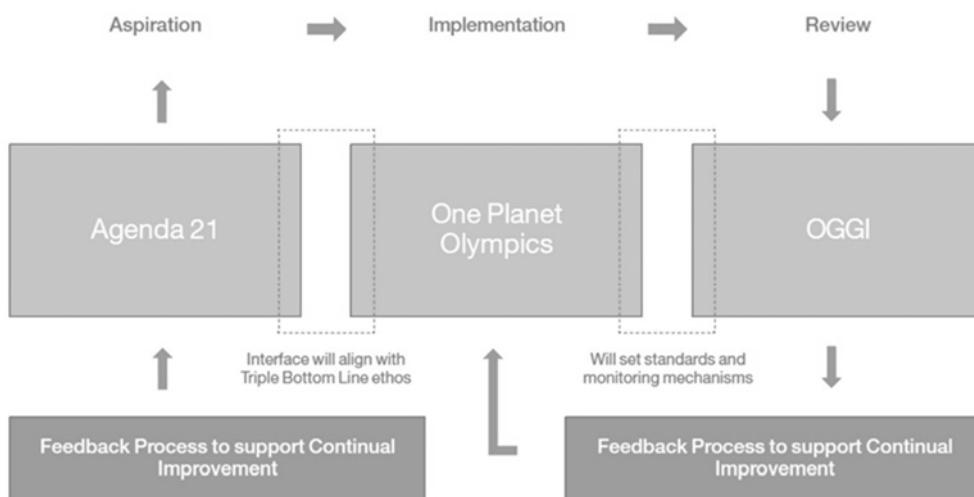
<sup>104</sup> ibidem

<sup>105</sup> AAVV “Towards a One Planet Olympics” em [assets.panda.org/downloads/opl\\_olympics\\_brochure.pdf](assets.panda.org/downloads/opl_olympics_brochure.pdf)

<sup>106</sup> [http://www.footprintnetwork.org/ar/index.php/GFN/page/world\\_footprint/](http://www.footprintnetwork.org/ar/index.php/GFN/page/world_footprint/)

<sup>107</sup> Plano de acção de desenvolvimento sustentável criado pela UN em 1992

<sup>108</sup> ROGERS, Richard “Towards an Urban Renaissance” p.4



84. Esquema que representa a interação entre “Um Planeta Olímpico” a Agenda 21 e o OGGI

A revolução tecnológica, que agora está de mão dada com a globalização, permite uma maior flexibilidade dentro da cidade, facto que antes não se observava. Estima-se que em 2050 a população residente em cidades será de 75%<sup>109</sup>, um crescimento de 65% desde 1900. Em Inglaterra, "em 1991, 90% da população total de 47 milhões vivia nas áreas urbanas"<sup>110</sup>. Daí a procura de uma resposta para uma lógica de sustentabilidade: social, energética, económica e principalmente ambiental ser obrigatória. A zona a oeste da cidade londrina, onde os JJOO se instalam, demonstrou-se central na definição destes princípios de planeamento. No livro *Towards an Urban Renaissance*, Rogers, já aponta Lea Valley como um parque regional estratégico e afirma que "(...)O sucesso do parque reside num forte Plano Parque que articula claramente uma visão para a área"<sup>111</sup>. A superfície revela-se como oportuna, no intuito de colmatar muitos dos problemas sociais, ambientais e económicos londrinos, que ao longo do tempo se segregaram. No momento anterior à intervenção olímpica, esta zona era apartada da cidade por caminhos-de-ferro e estradas. As olímpadas não só conectam com a envolvente como reestruturam as potencialidades ambientais desta região. Nas próximas páginas falaremos das zonas olímpicas e principalmente do coração do evento o *Queen Elizabeth II Olympic Park*.

### 3.3 ZONAS OLÍMPICAS

Nenhuma outra cidade antes pode realizar os jogos olímpicos por três vezes. Os primeiros jogos londrinos aconteceram em 1908, depois de Roma ter cancelado a organização devido à erupção do vulcão Vesúvio. Num espaço curto de tempo, Londres criou o primeiro estádio olímpico e também pela primeira vez os atletas foram coroados com medalhas de ouro. No mesmo ano realizou-se a Exposição Internacional Franco-britânica que decorreu perto da área olímpica em *White City*, nome dado devido aos edifícios pintados todos de branco. A segunda vez que os JJOO foram realizados foi em 1948, num período difícil, pós-segunda guerra. Mesmo com um quadro negro sobre a história mundial, a celebração foi vista como uma oportunidade de encorajar e reconstruir uma união entre a população e os povos. Todas as nações, excepto os alemães e os japoneses, foram convidadas. Mais uma vez aconteceram inovações olímpicas; acrescentaram-se blocos de partida, é feita a primeira transmissão televisiva e aparecem voluntários na organização dos JJOO. É por esta altura que se organizam e se dá início aos Jogos Paraolímpicos de forma independente em Stoke Mandeville, acontecimento que, 4 anos depois, dará origem a um movimento internacional<sup>112</sup>. Passados 55 anos, o Reino Unido decide candidatar-se, em 2003. Em Julho de 2005 Londres ganha a Paris por 4 votos e torna-se anfitriã dos Jogos Olímpicos de 2012. Para perceber melhor a passagem dos megaeventos pelo mapa londrino ao longo dos séculos, podemos observar a seguinte imagem 85. Num primeiro momento podemos

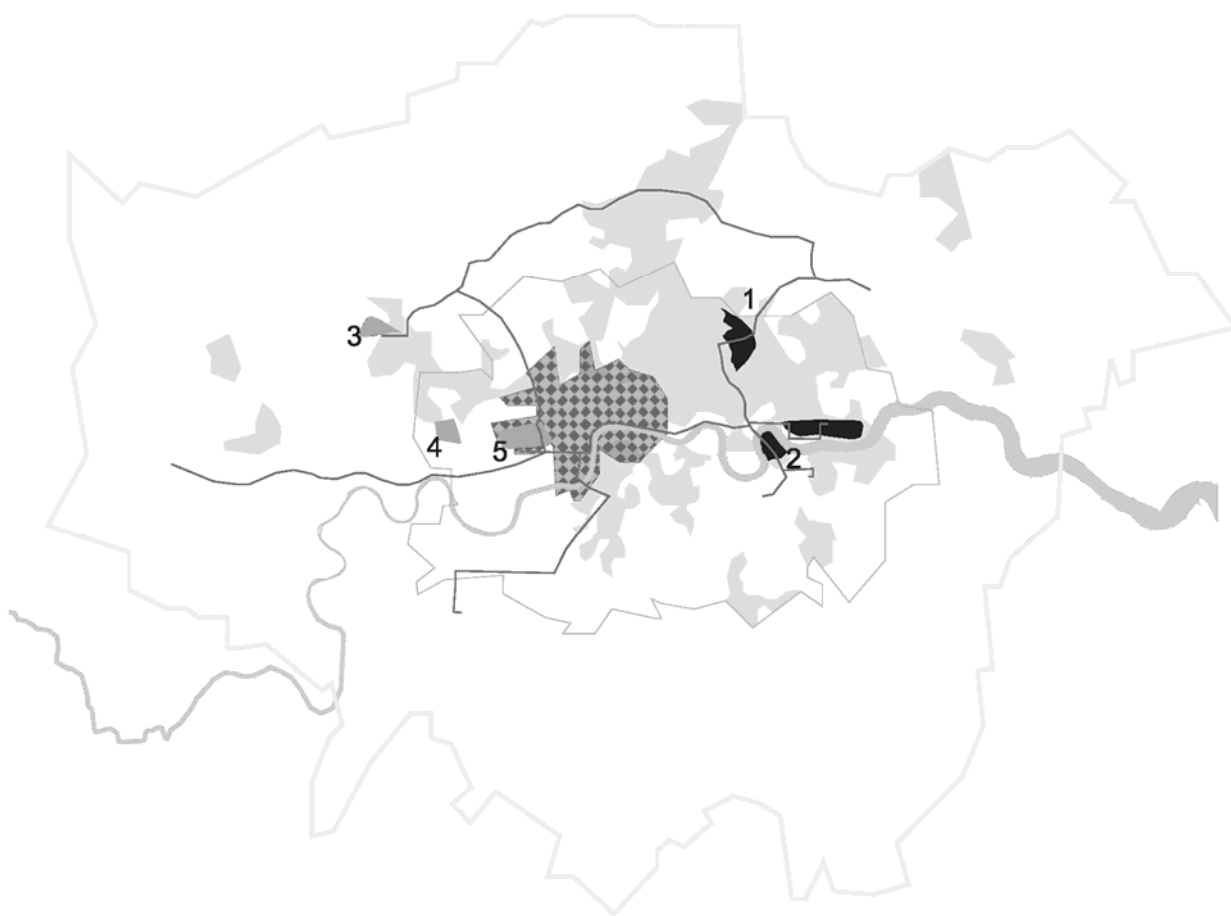
---

<sup>109</sup> AAVV "The Enless City" capa

<sup>110</sup> ROGERS, Richard "Towards an Urban Renaissance" p.5







<sup>111</sup> ROGERS, Richard "Towards an Urban Renaissance" p.29

<sup>112</sup> AAVV "London 2012 Olympic games oficial report volume 1" p.14



**LEGENDA**

- 1 Zona JO2012
- 2 Millennium Dome
- 3 Britain Great Expo 1924- JO1948
- 4 White City/ JJOO 1908/Exposição Franco-britânica
- 5 Exposição Universal 1851

-  Centro Histórico
-  Intervenções Olímpicas
-  Intervenções realizadas por megaeventos
-  Áreas necessitam regeneração (segundo plano de Londres 2009)
-  Principais linhas olímpicas
-  Linha Periférica



85. Planta implantação com as zonas olímpicas e intervenção de outros megaeventos



ver como a Grande Exposição de 1851, zona 5, lugar onde *Cristal Palace* nasceu, se encontra perto do núcleo da cidade. Posteriormente temos a zona 4 onde se desenvolveu o primeiro estádio olímpico em 1908, que incorporava uma piscina, o velódromo e campo de futebol tudo dentro do mesmo equipamento. As olimpíadas desenvolveram-se aliadas a Exposição Franco-britânica de 1908. Em 1985 o estádio é demolido e dá lugar ao Centro de Transmissão da BBC. Em 1924 a Exposição do Império Britânico intervém a norte, zona 3 na imagem 85, criando a Wembley Arena e o Estádio de Wembley, que futuramente, será usado tanto para as olimpíadas de 1948 como para as de 2012. Em 2000, para a celebração do milénio, a cidade de Londres decide criar um marco arquitectónico e intervir na cidade, através da criação de um novo museu, o Tate Modern Gallery e com a construção de uma nova arena o Millennium Dome, zona 2. Por fim, temos a zona 1 onde se encontra o Parque Olímpico com os equipamentos base e a vila olímpica. Os XXX jogos olímpicos desenvolveram-se, portanto, perto do centro de Londres, em edifícios e pavilhões existentes e por toda a Inglaterra, mas indico aqui as áreas que tiveram maior impacto na cidade, sendo elas, o *Est West* londrino, da qual fazem parte a zona 1 e a zona 2.

Antes de entrar em detalhes, falaremos um pouco sobre a história desta área e o porquê da sua decadência. A zona das docas era onde a maior parte do comércio e labor acontecia, com a curiosidade de ter sido um dos maiores portos do mundo. No início do século XX as autoridades de Londres tomam conta da superfície para a tornar mais eficiente e permitir o seu crescimento. Entre 1960 e 1970<sup>113</sup> porém, a indústria marítima começou a mudar, sobretudo devido aos novos sistemas de transporte em contentores, o que naturalmente implica navios maiores, para os quais a *Docklands* não tinha capacidade nem profundidade suficiente. As docas são fechadas e 21km<sup>2</sup> de terreno são abandonados; desemprego, problemas sociais e pobreza aumentam na cidade. Pouco depois do abandono das indústrias, criou-se o *London Docklands Development Corporation* (LDDC)<sup>114</sup> na tentativa de reanimar a região, mas os problemas económicos e de propriedade impediram, durante duas décadas, de levar o projecto avante. Em 1999, através de investimentos públicos e de novas extensões metropolitanas, como a *Jubilee Line* que se liga as *Docks*, permitiu a construção do ávido *Canary Wharf* ou também chamado *The Isle of Dogs Enterprise Zone*, a segunda zona financeira mais importante de Londres. Este projecto afirma as possibilidades de crescimento para o este londrino. Aquilo que, ao longo de vários decénios, esteve congelado, revive e coloca os mecanismos de requalificação do East londrino a trabalhar.

Mais uma vez, à semelhança do caso estudo de Barcelona, a capital inglesa procura revitalizar os *brownfields*, e tem planos para a cidade previamente ao megaevento. O segundo momento de viragem desta zona das docas depois de *Canary Wharf*, foram as celebrações do Millennium, que conseguiram injectar financiamento para o desenvolvimento e progresso pós-industrial numa área transversal à área financeira. Tony Blair, primeiro-ministro de 1998 a 2007, propõe renovar a imagem e criar uma

---

<sup>113</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/London\\_Docklands](http://en.wikipedia.org/wiki/London_Docklands)

<sup>114</sup> EVANS, Graeme "London 2012" in *Olympic Cities: City Agendas, Planning, and the World's Games, 1896 – 2016* p.300



86 Docks 1882



87 Docks hoje, no meio da imagem temos o Canary Wharf e do lado direito o Millennium Dome



88 Canary Wharf London 1970



89 The Isle of Dogs Enterprise Zone em construção 1990



90 Elefante enviado da doca de Rei Charles V 1947



91 Vinho do porto a ser descarregado nas Docks 1909

Londres mais moderna e global, e vê a arquitectura como meio para impor a capital no mundo e fazer renascer a “*New Britain*”<sup>115</sup>. Em 1993 é criado o *Millennium Commission*, que através do fundo monetário da lotaria nacional inglesa “*gastou acima de 1.2 bilhões em mais de 200 edifícios de referência*”<sup>116</sup> para simbolizar o milénio. O Millennium Dome surge como a cereja no topo do bolo, com uma carga política tremenda, que “*gerou mais debate público e político do que qualquer outro edifício britânico dos últimos 100 anos*”<sup>117</sup>. O concurso para um ícone difusor do espírito britânico, procura um espaço coberto que consiga acomodar um grande público e Richard Rogers sai como vencedor.

*“Rogers recebeu de Blair, não apenas a missão de criar uma Urban Task Force, para estudar o “renascimento” urbano e arquitectónico das cidades britânicas em declínio, como também a incumbência específica de concretizar aquele que, desde 1994, vinha sendo apontado como o principal ícone arquitectónico a construir na “Londres do Milénio” – uma gigantesca cúpula multi-funcional a localizar em Greenwich, na margem sul do Tamisa”*<sup>118</sup>

Esta “*gigantesca cúpula*” construída como centro das celebrações em 2000, falhou sobretudo pelo facto de não se ter pensado qual seria o uso do equipamento após estas celebrações. O edifício caiu em desuso, e a falta de programação fez com que em 2001 se vendesse para um bilionário americano Philip Anschutz, que procurou desenvolver a área com habitação e escritórios. Mas de novo em 2005 foi vendido para a cadeia de telecomunicações inglesa O2, que renovou o espaço novamente, para uso em exposições e concertos. A construção de uma área sem propósito específico e sem um programa pós-evento revelou um planeamento lastimável e um investimento em branco por parte da cidade de Londres. Neil Leach critica pesadamente este empreendimento:

*“O Millennium Dome foi proposto muito antes de ser conhecido o que ele pode conter. É como se pensasse nesta cúpula, que não é uma cúpula - pois é uma tenda, mantida não por compressão como qualquer verdadeira cúpula, mas por cabos de tracção - foi construído para abrigar nada. O governo perdeu uma oportunidade aqui, estupidamente admitindo que não sabia o que iria ser contido na cúpula. (...) Esta é a indicação perfeita de uma sociedade de simulação, mas também de uma sociedade de vacuidade. Ausência, pura ausência. A cúpula contém tudo e nada, a representação de toda a realidade, mas nada da própria realidade. Perfeito: a ruína circular”*<sup>119</sup>

Este empreendimento serviu de amostra da forma como um evento pode ser negativo para a cidade e Londres percebeu que existe uma necessidade absoluta de uma estratégia robusta, que tenha um futuro, e não num sentido panfletário, para que os mesmos erros não aconteçam num plano de dimensões muito maiores para a cidade, tal como foram os JOVL.

---

<sup>115</sup> JONES, Paul “Sociology of architecture: Constructing identities” p.81

<sup>116</sup> Ibidem

<sup>117</sup> [http://www.rsh-p.com/work/buildings/millennium\\_experience](http://www.rsh-p.com/work/buildings/millennium_experience)

<sup>118</sup> GRANDE, Nuno “Arquitecturas da Cultura: Política, Debate, Espaço” p.486

<sup>119</sup> Cit. por GRANDE, Nuno “Arquitecturas da Cultura: Política, Debate, Espaço” p.487



92. Mapa 1945 zona parque olímpico

### 3.3.1 ZONA PARQUE OLÍMPICO

O lema da sustentabilidade e da menor produção de carbono, obrigou a um cuidadoso estudo acerca dos espaços necessários e a uma construção que, com o tempo, fosse fácil de desmontar e reusar. O uso de vários equipamentos existentes, como o Millennium Dome, Excel London, o Estádio de Wembley, os campos de Wimbledon entre outros, permitiu reduzir os custos. Londres é inovadora na forma como vê e propõe os Jogos Olímpicos Modernos ao aliar-se a organizações como WWF e a implementar um plano pós-evento. Integra-se nos planos da cidade e pensa no legado que ficará para a cidade, ao contrário de casos como Atenas 2004 ou Beijing 2008. A própria sustentabilidade e reuso dos materiais acabou por favorecer uma herança benigna e duradoura.

*“o principal catalisador seria o desenvolvimento de uma área de 200 hectares do Parque Olímpico ... que continha as principais facilidades desportivas, seria delimitado em 600 hectares-um dos maiores novos parques da cidade na Europa por 200 anos (...)”<sup>120</sup>*

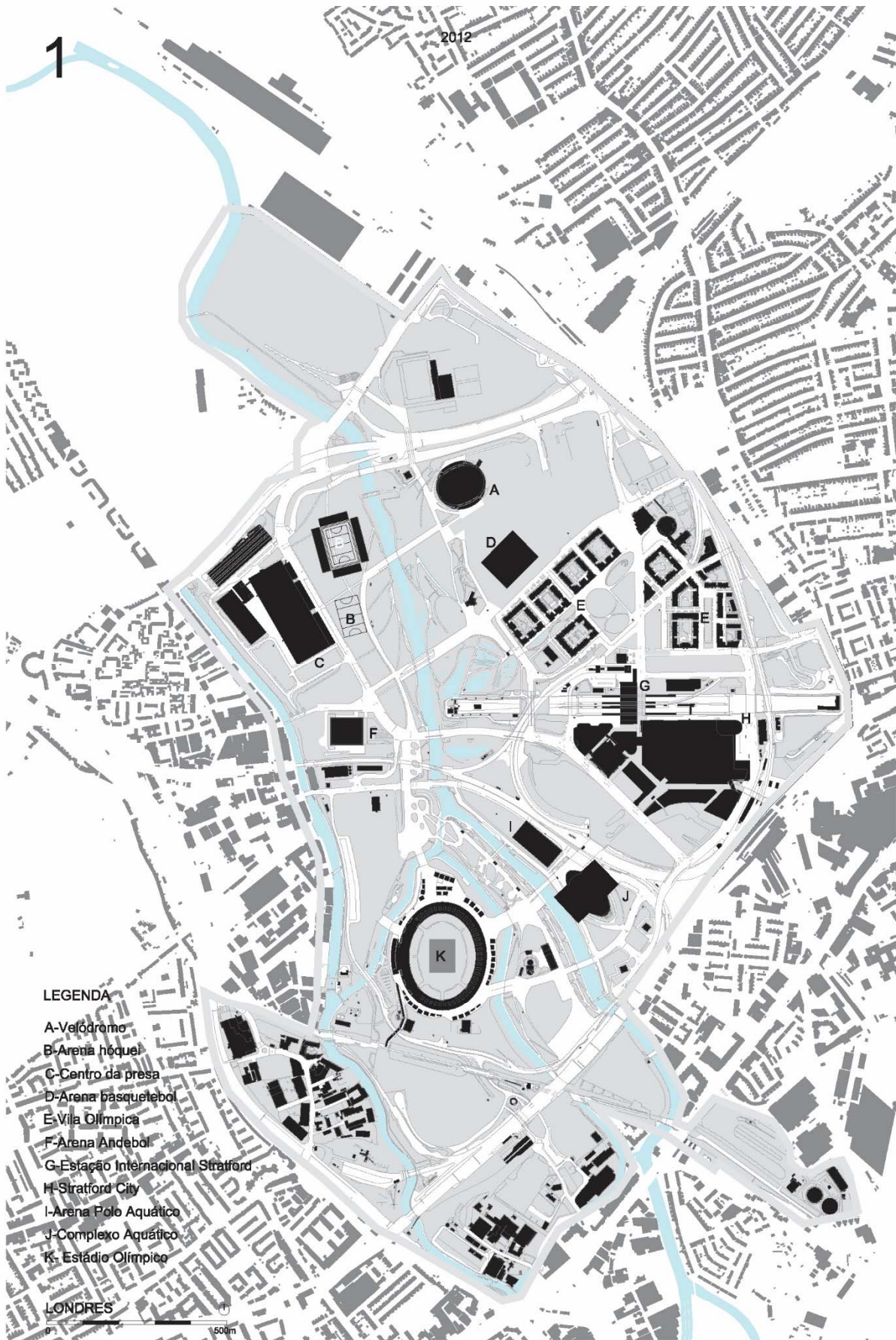
Os JOVL acabam por entrar directamente no coração da área degenerada de Lower Lea Valley, zona que serviu como motor de arranque para um dos maiores projectos de requalificação urbana na Europa. Localizado num ponto crítico, para além de proporcionar melhores condições para a população desfavorecida, permitiu que a cidade crescesse durante a crise económica. A zona da intervenção localiza-se no este de Londres, em Stratford, Lea Valley. Esta área era constituída por depósitos de gás, armazéns e áreas industriais. Através da imagem datada de 1945 conseguimos ter uma ideia das actividades fabris da região que, durante a década de 60, entram em declínio, criando uma paisagem abandonada. Estas áreas fragmentaram a urbe com linhas de comboio e o rio existente, cortando o este do oeste. O projecto olímpico tenta agregar estas partes. A área é limpa e descontaminada, criam-se novas infra-estruturas e maiores conexões com a região envolvente.

O *Master Plan* inicial do parque olímpico foi ganho por um grupo de arquitectos ingleses, *Alisson and Morrison Architects*, o FOA e uma companhia americana, EDAW. O plano paisagístico é elaborado principalmente por George Hargreaves. A proposta trabalha o tema desta faixa como sendo conectora, e responde à problemática do legado com a flexibilidade de edifícios temporários que darão lugar à cidade posterior com a criação de vários serviços, dominados pela habitação.

Esta cinta cortada pelo riacho Lea, que desagua no Tamisa, é onde se concentra o estádio olímpico, a vila olímpica, arenas de hóquei, andebol, basquetebol, polo aquático, velódromo, o centro aquático e as facilidades paraolímpicas Eton Manor, de ténis e tiro ao arco (img. 93). Destes edifícios, quatro equipamentos são permanentes, o velódromo, o Centro Aquático, o Estádio Olímpico e a Arena de Andebol, os restantes edifícios necessários para os JJOO tiveram um carácter efémero, sendo os materiais reusados

---

<sup>120</sup> COAFFEE, Jon “Urban Regeneration and Renewal” in *Olympic Cities: City Agendas, Planning, and the World's Games, 1896 – 2016*, p.162



93. Planta Área Olímpica durante os JJOO 2012

e reciclados. No lugar dos edifícios temporários, estão a ser construídos complexos habitacionais, colégios, um centro de saúde e centros sociais que complementam e desenvolvem esta área. Metade das habitações construídas serão entregues a populações mais desfavorecidas e a outra metade será das imobiliárias. Alguns edifícios foram adaptados pós a grande “ocasião”, entre os quais o Centro Aquático de Zaha Hadid que perdeu as alas das bancadas com capacidade para 17.000 pessoas (planta de 2024) e também o Estádio Olímpico está a ser apropriado para receber a equipa local de futebol, o West Ham. Todos os complexos olímpicos são unidos através do Parque Olímpico no coração do rio Lea, elemento característico desta paisagem antes esquecido e danificado. O paisagista americano George Hargreaves e o ateliê inglês LDA Design, tornam a ressuscitar este fragmento paisagístico e seu ecossistema. O percurso ao longo do canal e do parque é resolvido através da criação de dois níveis separados, o do peão e do automóvel, para que o percurso não seja interrompido. Outro ponto importante a referir é a Estação Internacional de Stratford. Ao mesmo tempo que respondeu ao grande fluxo de pessoas durante os JOVL, funciona como charneira de desenvolvimento e conexão com a Europa através da linha de alta velocidade.

Para a gestão destes jogos, fazem parte três organismos: a *Organising Committee of the Olympic Games and Paralympic Games* (LOCOG) que coordena o projecto, a *Olympic Delivery Authority* (ODA), que se encarrega da construção dos vários equipamentos e finalmente a *Olympic Park Legacy Company* (OPLC), que fica responsável pela gestão do património olímpico.

### 3.3.2.1 Estádio Olímpico

Inicialmente pensou-se em usar o estádio de Wembley como referência principal mas devido a distância entre os dois polos olímpicos essa ideia foi descartada. Assim sendo um novo estádio olímpico surge em Lea Valley. Situa-se sobre uma ilha que é recortada pelo riacho Lea. A ligação ao estádio é possível através de pontes, que funcionam como portas de entrada para o equipamento desportivo. Peter Buchanan afirma o ponto mais importante desde recinto é a sua eficiência.

*“El estadio no es un icono del tipo del ‘Nido de Pájaro’ de Pekín, pero es un edificio admirablemente eficiente”* <sup>121</sup>

Comparando com os anteriores, como o de Beijing ou Montreal, e mesmo não tendo o mesmo impacto visual, é muito compacto e tem uma estrutura que permitiu uma construção rápida e flexível, com materiais que podem ser reciclados futuramente, o que não acontece com os exemplos anteriormente expostos. A cobertura do edifício usa materiais têxteis, e a estrutura triangular no topo, serve tanto como iluminação como para evitar ventos no interior do equipamento.

---

<sup>121</sup> BUCHANAN, Peter “Livingstone, supongo, La arquitectura de los Juegos, um legado en claroscuro” in *Arquitectura Viva* p.21



94. Possível Planta Área Olímpica pós JJOO, 2020



Os equipamentos secundários foram extraídos para o exterior do edifício em “*pods villages*”, uma espécie de contentores temporários, que se situavam a volta do estádio permitindo criar, desde pontos de informação a refeitórios durante o evento. O estádio é revestido no exterior por um tecido que não adiciona peso à estrutura, reforça a flexibilidade, rapidez na montagem e ao mesmo tempo, cria como que uma pele que, durante noite, é iluminada e anima o equipamento. Os acessos do estádio foram pensados tanto para os jogos olímpicos como para os paraolímpicos. Populous, ateliê inglês que se ocupou do estádio, criou um sistema de bancada que retrai para os eventos de atletismo e avança para eventos futebolísticos, o que permite uma flexibilidade perante o tempo e perante as várias actividades. O estádio depois dos jogos olímpicos, vai ser transformado para acolher o clube local, o West Ham United. A capacidade do estádio de 80.000 pessoas vai passar para 54.000 pessoas. Com a existência do estádio de Wembley de 90.000 pessoas, o projecto não viu necessidade de abrir portas para um “elefante branco”, e inicialmente o estádio olímpico foi pensado com a flexibilidade de passar de 80.000 para 25.000 pessoas. Mesmo que o edifício não tenha uma resposta icónica e sim algo mecânica, acaba por ter objectivos e razões superiores às estéticas.

### 3.3.2.2 Vila Olímpica

Com o previsto crescimento populacional e com a necessidade de melhorias na vivência e qualidade desta zona este londrina a vila olímpica vem colmatar esta míngua. Como podemos observar pelas imagens 93 e 94, a construção da vila olímpica está dividida em 2 fases: uma que vai de 2008 a 2012 e uma segunda fase de 2012 a 2020. Na primeira fase, a vila olímpica esteve constituída por volta de 2800 apartamentos. A VO é formada por edifícios de 6-7 pisos, que, durante o evento, albergaram por volta de 23.000 pessoas, “a porta” dos equipamentos desportivos. Os edifícios, seguindo os princípios de planeamento, foram construídos tendo em vista as preocupações ambientais e energéticas. A morfologia das habitações é semelhante às tipologias existentes em Londres em grande massa, as *terrace house*, com características históricas do tecido georgiano londrino.

Comparando a imagem 93 com a 94 podemos perceber como no pós-evento os “palcos desportivos” como as arenas de Hóquei, Polo Aquático e Basquetebol são reciclados e dão lugar a habitação. O *Master Plan* pós-evento, considera a construção de 500.000 m<sup>2</sup> para complementar a regeneração de Lea Valley com mais de 10.000 a 12.000 novas casas que serão geridas pela OPLC. A indefinição dos planos e dos desenhos presentes, não permite uma análise mais aprofundada sobre o tema aqui tratado, já que esta área ainda se encontra em construção e algumas áreas como a antiga arena de Polo aquático, que na imagem 94 é reservada para a habitação, recentemente o presidente da câmara de Londres, Boris Johnson, afirmou possíveis novos planos para o museu americano “*The Smithsonian*”<sup>122</sup>, o que demonstra alguma flexibilidade do plano perante o futuro.

---

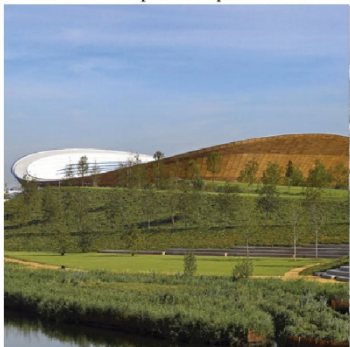
<sup>122</sup> O'BRIEN, Jane “Smithsonian considers London outpost in Olympic Park” <http://www.bbc.com/news/world-us-canada-31012801>



95 Foto Aérea sobre o zona do Parque Olímpico antes da construção



96 Foto Aérea Parque Olímpico durante os jogos 2012



97 Velódromo



98 Estádio Olímpico, lado esquerdo da imagem torre AcellorMittal Orbit

### 3.4 LEGADO

Ao contrário dos outros casos-estudo aqui retractados, o legado dos JOVL é particular devido a um certo número de questões. Em primeiro lugar são os primeiros jogos olímpicos que verdadeiramente põem em acção a instituição criada pela COI, a *Olympic Games Global Impact* (OGGI), que monitoriza durante 11 anos o impacto económico, sociocultural e ambiental. Em segundo lugar, o projecto tem um plano pós-evento o que não acontece em nenhum outro caso olímpico, e acaba por dilatar a percepção do legado. Por fim o momento da realização deste trabalho académico, sucede no processo ainda de mutação desta intervenção paradigmática. Estas variáveis deixam o trabalho aberto para uma análise completa posterior, mas não vamos deixar de exemplificar aquilo que os jogos conseguiram impulsionar até 2014.

Antes de avançar, achamos importante especificar a forma como o relatório da OGGI de 2010 se estrutura. O estudo compreende uma série de 120 indicadores divididos em 3 esferas: ambiental, social e económica que por sua vez se subdivide em três áreas geográficas: país, região e cidade. Dos indicadores ambientais temos por exemplo a qualidade da água, emissão de CO<sub>2</sub>, mudanças no uso do território etc. na esfera sociocultural temos: pobreza, exclusão social, nível de educação, crime, saúde, desporto, actividade física etc. e na esfera económica: taxa de empregabilidade, transportes públicos, taxa de ocupação, index dos preços hotéis etc.<sup>123</sup> Este relatório é uma análise das condições existentes numa determinada área e tempo anterior a “ocasião”. Assim sendo os resultados daqui retirados são insignificantes e inconclusivos para o nosso trabalho.

O impacto urbano dos jogos em Lea Valley de maior calibre foram: a conexão entre a zona oeste e este da cidade que através desta faixa permite a união, a revitalização e abertura de espaços públicos numa das zonas com piores níveis de habitabilidade que antes estava degradada e esquecida, e melhora nos acessos, principalmente com a estação de Stratford. Neale Coleman, um dos membros de LLDC afirma:

*“Os jogos foram bem-sucedido, os transportes funcionaram bem e as pessoas experimentaram o parque, e assim começaram a aceitar que Stratford faz parte do centro de Londres(...) Mudou completamente a percepção desta área”*<sup>124</sup>

As expectativas para a reabertura desta área depois das alterações necessárias são positivas. O estádio olímpico que neste momento ainda está a ser adaptado para receber o West Ham United, será outro grande dinamizador do recinto. A vila olímpica hoje chamada de *East Village*, está a acomodar novos residentes, mas a ideia inicial de abrir caminho a habitação social está a cair, por motivos económicos<sup>125</sup>. Os equipamentos

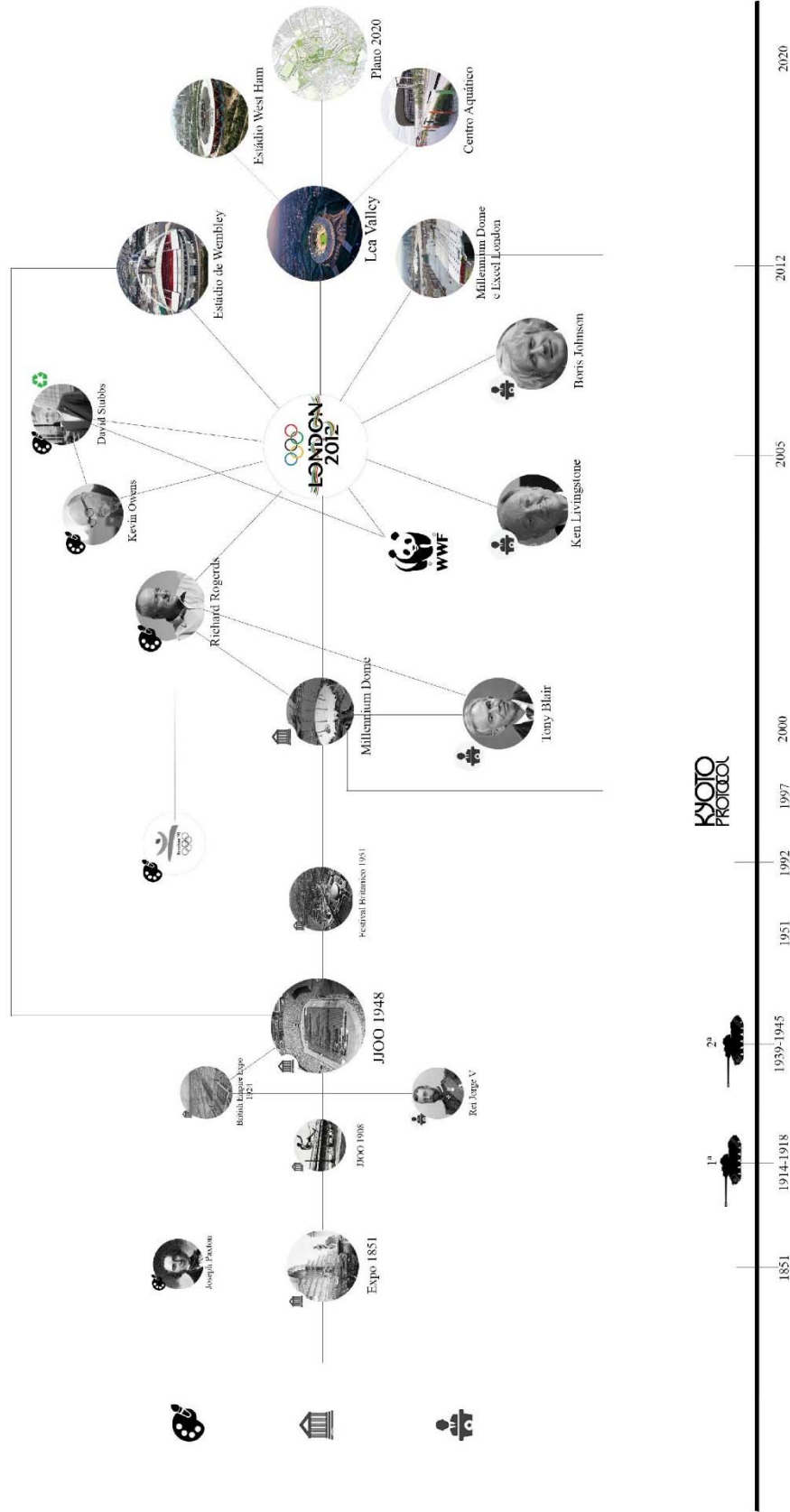
---

<sup>123</sup> AAVV “Olympic Games Impact Study-London 2012 Pre-Games Report” p.12

<sup>124</sup> MAGNAY, Jacquelin “One year on: the transformation of London's Olympic park” <http://www.telegraph.co.uk/sport/olympics/10127550/One-year-on-the-transformation-of-Londons-Olympic-park.html>

<sup>125</sup> *ibidem*

# LONDRES 2012



99. Diagrama Londres 2012

permanentes aos poucos vão começar a ser abertos ao público depois das adaptações. O Centro Aquático, já perdeu as alas laterais, mas o acesso esta ainda vedado ao público.

A flexibilidade criada entre a variedade de temas e equipamentos, desde a sustentabilidade à redução de custos, do legado ao uso de edifícios permanentes e temporários, permitiu uma resposta estrategicamente completa para os JJOO mas veremos se respondera a longo prazo, já que é uma experiencia única, que implica gastos e mutações a longo prazo.

Para resumir no seguinte diagrama podemos perceber essencialmente dois pontos importantes que aconteceram em Londres ao longo do tempo para colmatar nos JJOO de 2012, o tema ambiental e o uso dos megaeventos como criadores de equipamentos urbanos. O caso inglês é único ao longo dos 100 anos do movimento moderno. Desde a viragem, com a Grande Exposição de 1851 como estes XXX jogos, os londrinos souberam aproveitar os eventos para organizar o espaço urbano e continuar na vanguarda da metamorfose urbana. Veremos a longo prazo se os equipamentos permanentes do parque olímpico como o Velódromo, o Estádio e o Pavilhão Aquático não terão o mesmo caminho que tiveram os Equipamentos do Festival Britânico ou o Millennium Dome. A regeneração de Lower Lea Valley já tinha raízes anteriores ao evento, e será, certamente, com o tempo que presenciaremos se o impacto do projecto olímpico seguirá os planos propostos. Neste momento o projecto encontra-se no ponto que se encontrava antes dos jogos olímpicos, em construção.



## **EPÍLOGO**

*“A grandeza não é nada, a não ser que dure”*

Napoleão Bonaparte, The Table Talk and  
Opinions of Napoleon Bonaparte, 1870



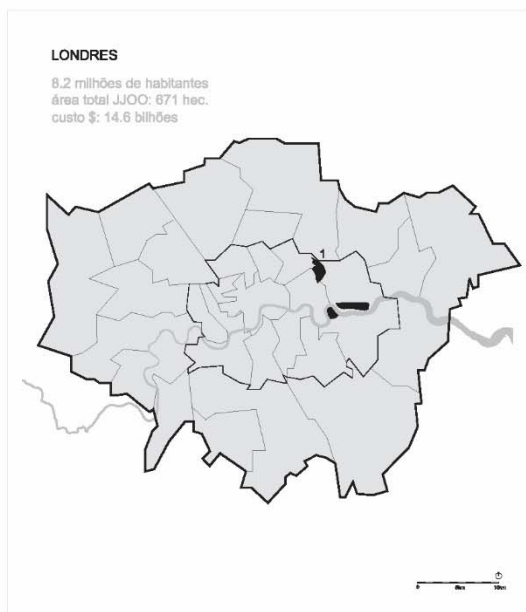
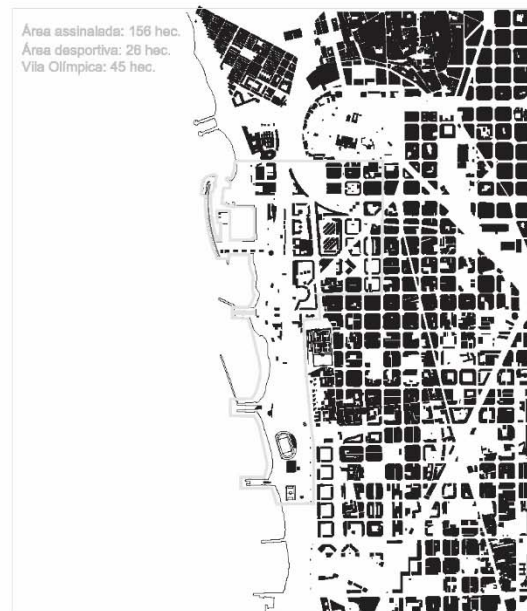
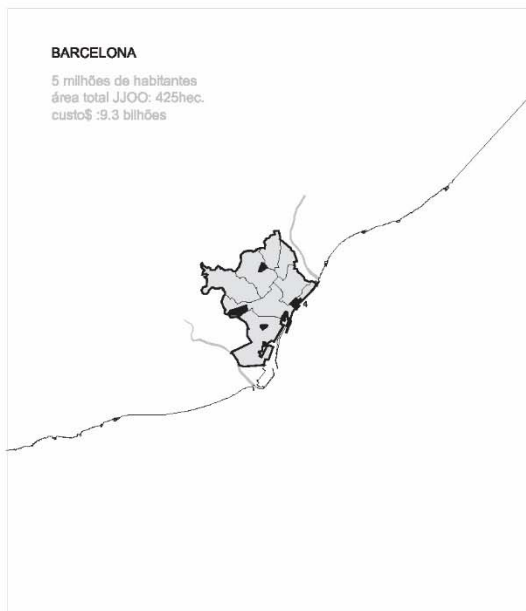
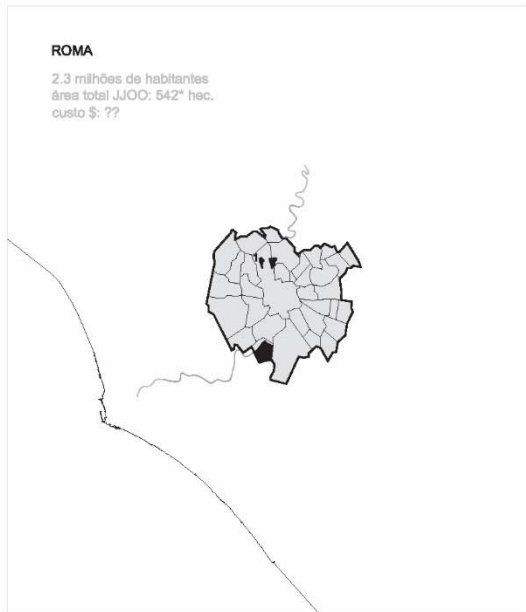
## Três Casos-Estudo

De cento e dezasseis anos de Jogos Olímpicos Modernos, abordarmos nesta dissertação um período de cinquenta e dois anos, recorrendo a três casos de estudo paradigmáticos na metamorfose urbana: Roma, Barcelona e Londres. Tendo em vista os objectivos desta tese, iremos retractar os aspectos mais importantes em cada um destes casos e por sua vez traçar uma linha de continuidade ou dissemelhanças entre eles, retirando algumas respostas.

Ao longo de um século, estes megaeventos olímpicos ganharam balanço. A instabilidade inicial e a má organização punham em causa a evolução dos mesmos, mas o precário transformou-se em permanente e o permanente em paisagem urbana, para chegar a um ponto de alavanca de potência urbana e festiva que conhecemos hoje.

O impacto dos jogos olímpicos como transformadores urbanos começou com Roma 1960. Desde o início existe uma diferença importante entre o caso de Roma e os restantes dois. Enquanto em Barcelona e Londres intervém-se sobre espaços degradados da cidade e fronteiras consolidadas da mesma, em Roma intervém-se sobre espaços livres e bordas da cidade, que fazem parte das novas estremaduras de expansão. Duas zonas a norte e a sul demonstram-se prioritárias, e já tinham sido desenvolvidas anteriormente num período fascista. As olimpíadas reforçam essas mesmas áreas e adicionam a área da Vila Olímpica que pretende articular a necessidade de acomodar atletas e ao mesmo tempo responder ao crescimento da cidade. Depois de Roma 1960 temos Barcelona 1992. Em comparação com os Jogos Olímpicos de Roma os de Barcelona tiveram um impacto muito mais atlético e difuso do que os romanos, não só devido a um grande trabalho de regeneração urbana mas também devido a uma nova abertura do fim de século da “rede global”, que elevou o impacto dos jogos. Enquanto em Roma trabalha-se sobre pedaços de cidade “*frescos*”, Barcelona trabalha sobre pedaços de cidade histórica. Não podemos falar de grandes planos de intervenção, temos que falar de projectos que tentam cozer a cidade, como se fosse uma “cirurgia urbana”. As regras na nova intervenção, surgem da própria morfologia da cidade. Podemos perceber que as intervenções em Barcelona surgem como actualizações, adaptações e recriações de um tecido urbano, enquanto em Roma os planos estão definidos de forma racionalista e com uma ideia que parte do “*papel branco*”. A EUR.42 e a Vila Olímpica aparecem do nada, enquanto Montjuich, Diagonal e Vila del Mar são zonas que têm essa característica de “*palimpsesto*”. Barcelona 1992 criou uma matriz de sucesso para planeamento e organização dos JJOO, que ainda hoje cidades como Londres e Rio, seguiram o seu exemplo.

Com as olimpíadas de 1994 em Lillehammer, os princípios da sustentabilidade são discutidos, e o COI implementa mais um requerimento às cidades anfitriãs, a questão ambiental e da sustentabilidade. Os jogos de Sydney 2000 e de Atenas 2004 procuram responder as novas directrizes mas sem grande êxito. Por sua vez os JOVL em associação com WWF e OGGI atinge um novo patamar no movimento olímpico sustentável. À semelhança de Barcelona, em Londres os JOV servem como



100. Mapa comparativo das metrópoles com ênfase nas áreas olímpicas (lado esquerdo), mapa comprativo entre as zonas de maior interesse e suas respectivas áreas (lado direito)

aceleradores de um processo para a qual a capital inglesa lutou; a percepção da necessidade de regenerar uma área que está degradada e com níveis de habitabilidade débeis, revelou-se imprescindível. É reforçada por equipamentos desportivos, habitacionais, espaços verdes e uma melhoria na distribuição dos transportes. Uma grande diferença da capital inglesa em relação a Barcelona, Roma e todos os outros casos olímpicos, é a grande flexibilidade, entre o temporário e o permanente. Essa elasticidade permite responder com equipamentos necessários para a realização dos jogos, mas ao mesmo tempo preparar a base futura para defrontar a problemática do pós-evento na cidade. Essa mutação entre temporário e permanente é importante e a arquitectura riposta com uma membrana flexível de equipamentos. No momento em que os pavilhões tornam-se “*elefantes brancos*”<sup>126</sup> e não têm elasticidades perante o tempo, caem com maior facilidade diante da urbe como em Atenas 2004 ou Pequim 2008 (img.101-105). Para além de não repetir os mesmos erros, Londres desenvolve espaços públicos e áreas verdes de grande excelência no desenho urbano, que enriquece a vida social durante os jogos e futuramente.

Podemos concluir que o espaço público, a vila olímpica e as infra-estruturas viárias tornam-se os elementos que unem estes três casos de forma consistente. As componentes que englobam os equipamentos desportivos para os JJOO não tem a mesma resistência ao tempo, porque são espaços que têm um intervalo de uso bastante curto mas de grande intensidade, enquanto a vila olímpica e o espaço público permitem uma ancoragem dos megaeventos. Este conceito aplica-se de forma mais intensa em áreas ainda não consolidadas da cidade. Em Roma a habitação é o ponto de viragem, em Barcelona através da vila olímpica e infra-estruturas dá-se continuidade a malha urbana, e em Londres a habitação substitui os equipamentos temporários.

### **Considerações Finais**

De maneira a construir algumas conclusões sobre esta temática, é importante responder aos objectivos propostos inicialmente. Como estes eventos conseguem transformar uma cidade e qual o seu impacto? Evoluem? Existe uma aprendizagem entre os vários casos?

Para explicar as questões colocadas com base nestes três casos paradigmáticos, desenhamos o seguinte diagrama (img.107). Dividimos os megaeventos em duas categorias, desportivos e lúdico-culturais (como exemplificamos no primeiro capítulo<sup>127</sup>). Por sua vez o impacto do evento ocorre em seis categorias: urbana, conhecimento, imagem, economia, comunicação e cultura<sup>128</sup>. Posteriormente, a evolução urbana dos jogos olímpicos acontece em quatro fases principais definidas por Chalkley e Essex<sup>129</sup>, como podemos ver na imagem 107, e interessou-nos a última fase onde o evento ganha um balanço forte. Nesta fase destacamos os três casos de estudo.

---

<sup>126</sup> Animal sagrado protegido no Sudeste Asiático, cujo custo de manutenção e uso é desproporcional ao seu valor de utilidade.

<sup>127</sup> Capítulo Análise Histórica p.21

<sup>128</sup> AAVV “ Legados de Megaeventos esportivos” p. 96

<sup>129</sup> ESSEX, Stephen; BRIAN Chalkley “Urban transformation from hosting the Olympic Games: university lecture on the Olympics” p.7



101. Estádio Voleibol praia depois dos jogos de Atenas 2004



102. Área circundante e edifícios em decadência, Atenas 2004



103.



104. Estádio Voleibol depois dos jogos, Pequim 2008



105. Trilhos de kayak e canoagem deixam uma paisagem morta, Beijing 2008



106.

Para perceber melhor e dar uma resposta de forma mais clara, dividimos cada evento em três fases principais, formação (antes), crescimento (durante) e estouro (pós) a que chamamos de “efeito bolha”. Num primeiro momento a administração, a população e os planos directores municipais têm que estar em sintonia, e decidir se o evento é necessário para a cidade ou não. Na fase dois o megaevento cresce, e aqui forma-se uma “membrana”. Essa membrana tem que responder ao evento. No terceiro momento, é o fim do espectáculo desportivo e o desaparecimento de milhões de pessoas. No “estouro”, se a membrana não for planeada cria-se um tecido morto no corpo da cidade e “elefantes brancos”. Na seguinte imagem podemos ver como essa membrana funcionou nos vários eventos, e como em Londres teve um maior impacto que nos outros dois casos. No último círculo do “efeito bolha”, escolhemos um carácter que esclarecesse melhor o tema principal desenvolvido pelo megaevento. Roma representa a cidade em expansão. Cria uma nova zona habitacional da cidade reestruturando os equipamentos desportivos do Foro Itálico e os equipamentos administrativos-culturais da EUR 42, sendo o fio condutor, a Via Olímpica. A inovação reside fundamentalmente na introdução da vila olímpica como âncora num momento de expansão da cidade. Em Barcelona o evento acelerou o processo de reabilitação e renovação urbana dentro da cidade consolidada. Cria quatro zonas de intervenção principais que são unidas por um trajecto, *La Ronda*. O espaço público e as infra-estruturas são os pontos altos desta metamorfose. Por fim, o projecto do Parque Olímpico em Londres, trabalha a ideia da cidade flexível, introduzindo um novo tempo de transformação, o pós-evento.

### **Lições Urbanas**

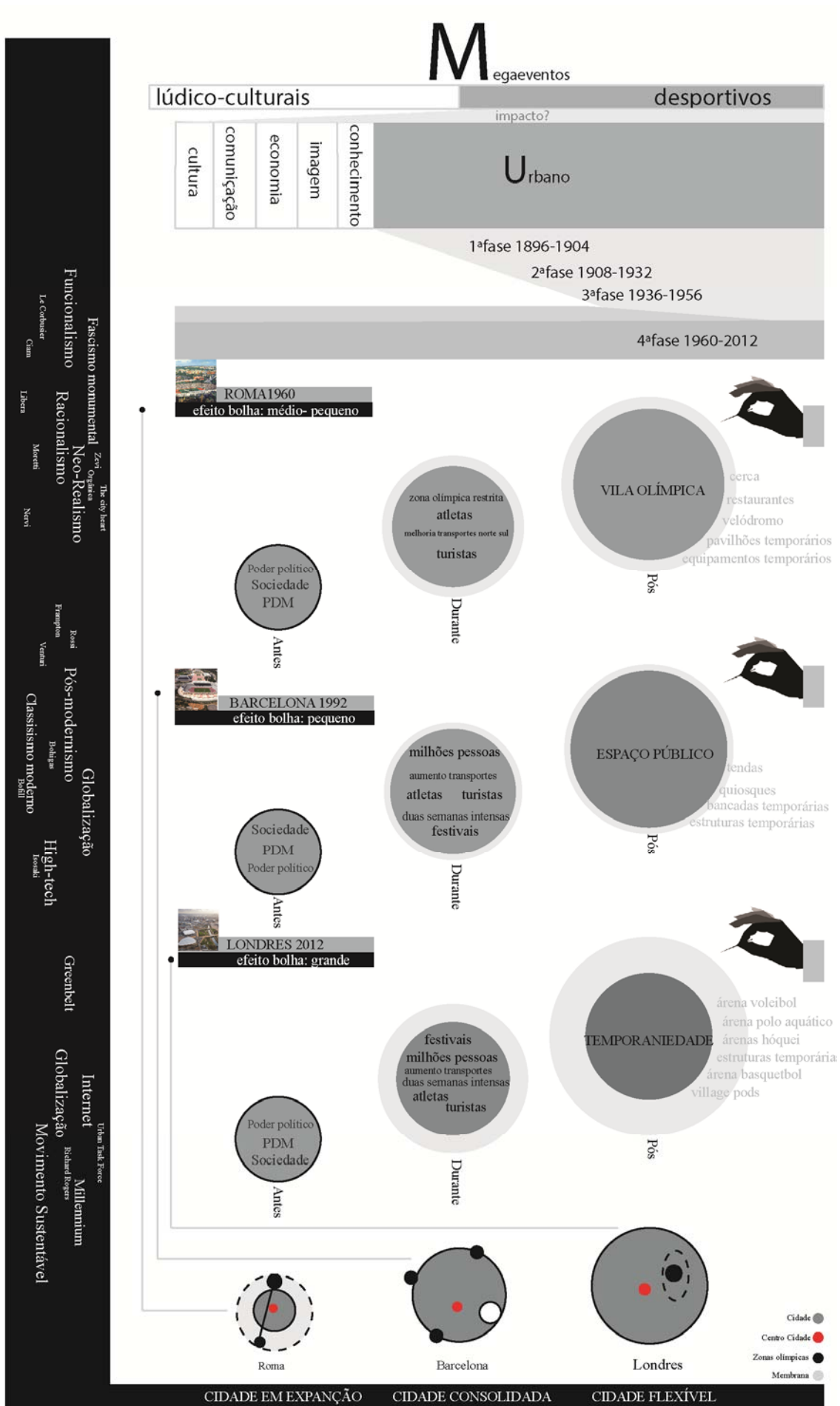
*“as olimpíadas e as exposições internacionais só valem alguma coisa para a cidade que as organiza, no momento em que usam o evento para chegar a um objectivo que é de longe muito mais importante para a cidade do que para o evento em si próprio”*<sup>130</sup>

Ao longo do trabalho académico, perante os vários casos de estudo, esta premissa que Saskia Sassen expõe, confirma-se. Os megaeventos não podem funcionar por si só. Em Roma as áreas olímpicas coincidem com zonas de expansão da cidade eterna. Em Barcelona a acupunctura urbana e a regeneração dos espaços públicos tinha iniciado antes da candidatura para as olimpíadas. Em Londres, o rápido crescimento e a necessidade de consolidar áreas industriais abandonadas é um tema para o qual a cidade procura responder nas últimas décadas. Estes casos, possuem todos, planos traçados para a cidade que não depende dos megaeventos. Assim o legado não morre, e não obedece a planos de curto-prazo. Os equipamentos executados são pensados para o futuro, como parte da cidade e não como procura de obras monumentais ou como assinaturas de um determinado político. As lições urbanas retiradas destas ocasiões desportivas são claras:

1º - Tem que haver uma estratégia a longo prazo na génese destas oportunidades

---

<sup>130</sup> SASSEN, Saskia “How cities approach global events like the Olympics”  
“<https://www.youtube.com/watch?v=0l17gFheFu0>” min.2.57



107. Diagrama dos Megaeventos Desportivos, com ênfase nos três casos-estudo e o “efeito bolha”

2º - Tem que existir uma participação activa das comunidades para minimizar riscos posteriores

3º - Equipamentos olímpicos “membrana” e uso de equipamentos existentes, com capacidade de adaptação às necessidades olímpicas e posteriormente cidadinas têm que ser planeados de forma consciente

4º - Criação da vila olímpica, de espaços verdes e espaços públicos como espaço de excelência pós-evento é importante para o legado da cidade.

No momento em que estes eventos acontecem de quatro em quatro anos e vão mudando de continente e país, o trabalho deixa aqui uma matriz para as futuras intervenções olímpicas. As próximas metrópoles têm que ter em conta estes princípios para conseguir uma melhoria nos espaços públicos, na habitação, nas infra-estruturas e nos sistemas de transporte, criando assim uma oportunidade de vida sustentável para cada cidadão, que no fundo é o objectivo desta profissão.

Tendo em vista uma investigação posterior seria positivo analisar os resultados dos planos pós-olímpicos de Londres. Seria interessante também estudar de forma mais intensiva as respostas arquitectónicas de carácter flexível nos megaeventos.

Esta tese debruça-se sobre uma pequena parte deste movimento olímpico, que continuará a ter uma influência em vastos campos. Aquilo que antes era uma simples prática desportiva hoje é uma “máquina urbana” que pode ser conduzida para direcções distintas, cabe à sociedade definir esse caminho.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAVV. *Brasil em jogo O que fica da Copa e das Olimpíadas?* São Paulo: boitempo editorial, 2014.
- AAVV. “Londres 2012 Luces y sombras de unos Juegos reciclables.” *Arquitectura Viva*, 2012: 20.
- . *Official Report of the Games of the XXV Olympiad Barcelona 1992*. Barcelona: COOB’92, 1992.
- AAVV. *Olympic Games Impact Study-London 2012 Pre-Games Report*. Londres: University of East London, 2010.
- . “Proceedings of the United Nations Scientific Conference on the Conservation and Utilization of Resources.” *Planetary Meetings*. Nova Iorque, 1949.
- AAVV. *Proceedings of the United Nations Scientific Conference on the Conservation and Utilization of Resources*. New York: United Nations Publications, 1950.
- . *The Games of the XVII Olympiad Rome 1960*. Organizing Committee of the Games of the XVII Olympiad, 1960.
- . *Tudo sobre os jogos olímpicos Atenas 1896 Pequim 2008*. Quidnovi, 2008.
- Abrahão, Sérgio Luís. *Espaço público: do urbano ao político*. São Paulo: Annablume Editora, 2008.
- Acsehrad, Henri. “Discursos da sustentabilidade urbana” in *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 1999: 79-90.
- Bohigas, Oriol. *Barcelona Arquitectura y Ciudad 1980-1992*. Barcelona: Gustavo Gili, 1990.
- Boyer, Christine. *The City of Collective Memory: Its Historical Imagery and Architectural Entertainments*. Massachusetts: MIT press, 1996.
- Busquets, Joan. *Evolución Urbanística de una capital compacta*. Madrid: Mapfre, 1992.
- Chalkley, Stephen Essex and Brian. *Olympic Games: catalyst of urban change*. England: Routledge, 1998.
- Claudino Cristóvão Ferreira. *A expo’98 e os Imaginários do Portugal Contemporâneo*. Coimbra, 2006.

- Fernandez, Olga Cuevas. *Barcelona Olímpica La ciudad Renovada*. Barcelona: Holsa, 1992.
- Frampton, Kenneth. *História Crítica da Arquitectura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Gabriella Belli, Vittorio Gregotti. *Adalberto Libera Opera Completa*. Electa, 2001.
- Galopin, Marcel. *As exposições internacionais do século XX e o BIE*. Lisboa: Expo98, 1997.
- Gold, John Gold and Margaret. *Olympic Cities: City Agendas, Planning, and the World's Games, 1896 – 2016*. Abington: Routledge, 2011.
- Grande, Nuno. *Arquitecturas da cultura : política, debate, espaço : génese dos grandes equipamentos culturais da contemporaneidade portuguesa*. Coimbra: Tese de Doutoramento, 2009.
- Harvey, David. *The Condition of Postmodernity*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1990.
- IOC. “Olympic Games Study Commission.” *Interim Report to the 114th IOC Seccion*. Laussane : IOC, 2002.
- John R. Gold, Margaret M. Gold. *Olympic Cities: City Agendas, Planning, and the World's Games, 1896 – 2016*. Londres: Routledge, 2007.
- Jones, Paul. *Sociology of architecture: Constructing identities*. Liverpool: Liverpool University Press, 2011.
- Kassens-Noor, Eva. *Planning Olympic Legacies*. Londres: Routledge, 2012.
- Limites, The London Organization Committee of the Olympic Games ans Paralympic Games. “rérodoc DIgital Library.” *doc.rero.ch*. 14 de outubro de 2014. [http://doc.rero.ch/record/32414/files/LONDON\\_2012\\_OLYMPIC\\_GAMES\\_OFFICIAL\\_REPORT\\_VOLUME\\_1\\_Part1.pdf](http://doc.rero.ch/record/32414/files/LONDON_2012_OLYMPIC_GAMES_OFFICIAL_REPORT_VOLUME_1_Part1.pdf).
- Livingstone, Ken. “The London Plan spacial development strategy for greater London.” *London Governament*. 22 de janeiro de 2015. [http://static.london.gov.uk/mayor/strategies/sds/london\\_plan/lon\\_plan\\_all.pdf](http://static.london.gov.uk/mayor/strategies/sds/london_plan/lon_plan_all.pdf).
- Mattie, Erik. *World's Fairs*. Princeton : Princeton Architectural Press, 1998.
- Michel, Pierre. *Os Jogos Olímpicos de Olímpia a Tóquio*. Lisboa: Edições Hércules, 1964.
- Miquel de Moragas, Montserrat-Llinés, Brice Kidd. *Olympic Villages Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. Lausanne: Internacional Olympic Committee, 1996.

- Montaner, Josep. *Después del Movimiento Moderno arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- Morales, Ignasi de Sola. *Introducción a la arquitectura Conceptos fundamentales*. Barcelona: Edicions UPC, 2000.
- Mumford, Eric Paul. *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Massachusetts: MIT Press, 2002.
- Paul Hawken, Amory Lovins, Hunter Lovins, . *Natural Capitalism*. Little, Brown & Company, 1999.
- Pound, Richard. *Olympic Games Study Commission*. México: IOC, 2002.
- Puente, Moisés. *100 años Pabellones de Exposición Exhibition Pavilions*. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.
- Quilici, Vieri. *Adalberto Libera l'architettura come ideale*. Roma: Officina Edizione, 1981.
- Ricky Burdett, Deyan Sudjic. *The Enless City*. Phaidon Press, 2010.
- Rogers, Richard. *Towards Urban Renaissance*. London: Urban Task Force, 1999.
- Rossi, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- Sassen, Saskia. *The Global City : New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- Simone, Salvo. "A vila olímpica de roma 1960-2011: por um reconhecimento histórico-crítico." *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, 2012: 210-230.
- Stephen Essex, Brian Chalkley. "Olympic Games: catalyst of urban change." *Taylor and Francis Online*. 19 de Março de 2010. [http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/026143698375123#.VM\\_WMS5qK6M](http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/026143698375123#.VM_WMS5qK6M).
- Veresani, Francesco Garofolo e Luca. *Adalberto Libera l'architettura come ideale*. Bologna: Nicola Zanichelli Editore, 1989.



## FONTE DAS IMAGENS

1. Cristal Palace [http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Crystal\\_Palace](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Crystal_Palace)
2. <http://quandly.com/node/46>
3. <http://www.ideal-homes.org.uk/bromley/assets/galleries/crystal-palace/aerial-view>
4. [http://www.loc.gov/rr/print/coll/250\\_paris.html](http://www.loc.gov/rr/print/coll/250_paris.html)
5. <http://www.guggenheim.org/new-york/education/school-educator-programs/teacher-resources/arts-curriculum-online?view=item&catid=733&id=160>
6. <http://www.archdaily.com/157658/ad-classics-expo-58-philips-pavilion-le-corbusier-and-iannis-xenakis/image-39/>
7. PUENTE, Moisés “100 años Pabellones de Exposición” Editorial Gustavo Gili, Barcelona 2000, p. 160
8. <http://www.arch.mcgill.ca/prof/sijpkcs/Downloads/proposal.html>
9. [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Beijing\\_National\\_Aquatics\\_Centre\\_2.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Beijing_National_Aquatics_Centre_2.jpg)
10. [http://cx.aos.ask.com/question/aq/were-first-modern-olympics-held\\_bd5ab1d1659a83f1.jpg](http://cx.aos.ask.com/question/aq/were-first-modern-olympics-held_bd5ab1d1659a83f1.jpg)
11. <https://www.pinterest.com/pin/343821752774075711/>
- 12-19 Compilação feita pelo autor através de fotografias do site oficial do Movimento Olímpico [www.olympic.org](http://www.olympic.org)
20. <http://www.dw.de/guggenheim-masterworks-heading-for-bonn-residency/a-2099654>
21. fotografia tirada pelo autor
22. fotografia tirada pelo autor
23. gráfico do autor
24. imagem do autor
25. Estádio Olímpico de Roma, [http://www.magliarossone.it/195960\\_olimpiadi60.html](http://www.magliarossone.it/195960_olimpiadi60.html)
26. fotografia da Fundação LeCorbusier
27. fotografia do Instituto Nazionale LUCE  
<http://www.lombardiabeniculturali.it/fotografie/schede/IMM-3r010-0001064/>
28. desenho do autor
29. imagem trabalhada pelo autor a partir da foto aérea da zona destinada a Exposição Universal de Roma em 1941, <http://eurspa.it/archivi-fotografici/archivio-storico-fotografico-e42>
30. desenho do autor

31. fotografia trabalhada pelo autor,  
<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1461938>
32. desenho do autor
33. Arquivo Coni  
<http://www.revistadepatrimonio.es/revistas/numero14/intervencion/estudios/articulo3.php>
34. Arquivo Coni  
<http://www.revistadepatrimonio.es/revistas/numero14/intervencion/estudios/articulo3.php>
35. [http://www.leolimpiadiditalia.it/ORIGINALI/villaggio\\_in\\_costruzione2.jpg](http://www.leolimpiadiditalia.it/ORIGINALI/villaggio_in_costruzione2.jpg)
36. <http://design.rootiers.it/lab1/node/537>
37. desenho do autor
38. ortofotomapa bing maps 2015
- 38.1 desenho do autor
39. Transformação da zona costeira de Barcelona hoje Área em frente a Vila Olímpica  
<http://invisiblemaps.info/paz-bajo-el-pez/barri-somorrostro-04-2>
40. [http://www.cvce.eu/en/obj/spain\\_enters\\_the\\_european\\_parliament\\_strasbourg\\_14\\_january\\_1986-en-73006a22-4f14-4dea-8ec0-274226556499.html](http://www.cvce.eu/en/obj/spain_enters_the_european_parliament_strasbourg_14_january_1986-en-73006a22-4f14-4dea-8ec0-274226556499.html)
41. [http://en.wikipedia.org/wiki/Cold\\_War\\_%281985%E2%80%931991%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Cold_War_%281985%E2%80%931991%29)
42. <http://www.dogonews.com/2014/11/12/commemorating-the-25th-anniversary-of-the-fall-of-the-berlin-wall>
43. <http://transculturalmodernism.org/article/158>
44. fotografia tirada pelo autor
45. mapa disponível em <http://mapsof.net/map/iba-1984>
46. <http://www.strollology.com/2012/04/10/bonjours-tristesse/?lang=en>
47. <https://atfpa3y4.wordpress.com/2014/03/05/schlesische-strasse-1-9-bonjour-tristesse-de-alvaro-siza/>
48. fotografia do Centre d'Història Contemporània de Catalunya  
<http://chcc.gencat.cat/ca/>
49. <http://www.albavolunteer.org/2013/06/franco-nazi-collaborator/>
50. [http://especiales.abc.es/2006/eta/historia/1968\\_gobiernos02.html](http://especiales.abc.es/2006/eta/historia/1968_gobiernos02.html)
51. segundo dados INE [http://es.wikipedia.org/wiki/Historia\\_de\\_Barcelona](http://es.wikipedia.org/wiki/Historia_de_Barcelona)
52. compêndio fotografias do site <http://bcn87-92.tempusfugitvisual.com/>
53. desenho do autor

54. desenho do autor através do P.G.M. Barcelona 1976
55. desenho do autor
56. fotografia (Institut Cartogràfic i Geològic de Catalunya) e pós edição pelo autor
57. desenho do autor
58. desenho do autor
59. fotografia (Institut Cartogràfic i Geològic de Catalunya) e pós edição pelo autor
60. desenho do autor
61. <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1382192&page=25>
62. ortofotomapa bing maps 2015
- 63-65. compêndio de fotografias do site <http://bcn87-92.tempusfugitvisual.com/>
66. desenho do autor
67. Transformação da zona de Lea Valley durante os JOVL, imagem retirada da revista *Arquitectura Viva*, Londres 2012, p. 17
68. [http://1.bp.blogspot.com/fj\\_M1JFp3us/T11eA35q02I/AAAAAAAAAEk/MEyTvpuU860/s1600/normal\\_pre\\_urb\\_dore\\_london.jpg](http://1.bp.blogspot.com/fj_M1JFp3us/T11eA35q02I/AAAAAAAAAEk/MEyTvpuU860/s1600/normal_pre_urb_dore_london.jpg)
69. [http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid\\_9/591f291bca85\\_graziella\\_img04.jpg](http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/591f291bca85_graziella_img04.jpg)
70. fotografia retirada da UN photodivision.gov.in
71. <http://www.wired.com/2009/12/1211kyoto-climate-agreement/>
- 72-73 site da NASA  
<http://earthobservatory.nasa.gov/Features/WorldOfChange/deforestation.php>
- 74-75. site da NASA  
[http://earthobservatory.nasa.gov/Features/WorldOfChange/aral\\_sea.php](http://earthobservatory.nasa.gov/Features/WorldOfChange/aral_sea.php)
76. desenho do autor
- 77-78. <http://www.amazon.com/Lithograph-Population-Industrial-Revolution-Scotland/dp/B007Y05IT2>
79. <https://www.flickr.com/photos/jrjamesarchive/9567034999/in/photostream>
80. imagem retirada do livro *Towards an Urban Renaissance* p.11
81. fotografia autor livro “Towards Urban Renaissance”
82. <http://point-to-point-studio.blogspot.pt/2014/04/portraits-darchitectes.html>
- 83-84. imagens retiradas do documento “Towards a One Planet Olympics” p.2 e 4  
[assets.panda.org/downloads/opl\\_olympics\\_brochure.pdf](http://assets.panda.org/downloads/opl_olympics_brochure.pdf)
85. desenho do autor
86. [http://en.wikipedia.org/wiki/London\\_Docklands#mediaviewer/File:Thames\\_river\\_1882.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/London_Docklands#mediaviewer/File:Thames_river_1882.jpg)

87. [http://medias.photodeck.com/f2212370-33c4-11e1-8dac-29fb060d4ed2/JasonHawkes-6949\\_xlarge.jpg](http://medias.photodeck.com/f2212370-33c4-11e1-8dac-29fb060d4ed2/JasonHawkes-6949_xlarge.jpg)
88. <http://pan.rocketitservices.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2012/04/CanaryWharf-1970skyscanonPAN.jpg>
89. <https://isleofdogslife.files.wordpress.com/2013/10/canary-wharf.jpg>
90. [http://blog.nrm.org.uk/2013/09/06/from-the-photo-collection-unexpected-finds/sspl\\_10551545\\_highres/](http://blog.nrm.org.uk/2013/09/06/from-the-photo-collection-unexpected-finds/sspl_10551545_highres/)
91. [http://en.wikipedia.org/wiki/London\\_Docks](http://en.wikipedia.org/wiki/London_Docks)
92. mapa conseguido através do sistema Digimap EDINA
93. desenho do autor
94. desenho do autor
95. <http://www.e-architect.co.uk/london/london-olympic-park>
96. <http://blogs.independent.co.uk/2012/07/17/test-your-olympics-knowledge-with-our-quiz-and-learn-how-to-find-the-answers-on-independent-co-uk/>
97. imagem digitalizada da revista Arquitectura Viva, Londres 2012, p. 45
98. <https://pamakidscoach.wordpress.com/2012/08/08/the-london-olympic-stadium/>
99. desenho do autor
100. desenho do autor
101. <http://www.businessinsider.com/abandoned-athens-olympics-venues-2014-8?op=1>
102. <http://futurecapetown.com/2012/08/in-pictures-olympic-decay/>
103. <http://www.standard.co.uk/news/the-2004-olympic-legacy-that-london-must-avoid-6868504.html>
104. <http://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2012/08/the-ruins-of-champions-photos-of-abandoned-olympic-sites/261114/>
105. <http://www.firstpost.com/world/save-a-few-beijings-olympics-legacy-is-in-shambles-270044.html>
106. <http://www.citylab.com/work/2012/07/beijings-olympic-ruins/2499/>
107. desenho do autor



